



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**MEDÉIAS DE ONTEM E HOJE: UMA ANÁLISE DE MEDÉIA NA OBRA DE
EURÍPEDES A PARTIR DAS MULHERES CONTEMPORÂNEAS**

Marcília Poncyana Félix Bezerra

**JOÃO PESSOA
2020**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**MEDÉIAS DE ONTEM E HOJE: UMA ANÁLISE DE MEDÉIA NA OBRA DE
EURÍPEDES A PARTIR DAS MULHERES CONTEMPORÂNEAS**

Dissertação elaborada por **Marcília Poncyana Félix Bezerra** e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, área de concentração: Literatura, Teoria e Crítica, linha de pesquisa: Poéticas da Subjetividade, com vistas à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

**JOÃO PESSOA
2020**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B574m Bezerra, Marcíllia Poncyana Felix.

Medéias de ontem e hoje: uma análise de Medéia na obra
de Eurípedes a partir das mulheres contemporâneas /
Marcíllia Poncyana Felix Bezerra. - João Pessoa, 2020.
90 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Literatura. 2. Psicanálise. 3. Maternidade. 4.
Feminino. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82:159.9(043)

TERMO DE APROVAÇÃO

Marcília Poncyana Félix Bezerra

MEDÉIAS DE ONTEM E HOJE: UMA ANÁLISE DE MEDEIA NA OBRA DE EURÍPEDES A PARTIR DAS MULHERES CONTEMPORÂNEAS

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Mestre em Letras, Paraíba, área de concentração em Literatura, Teoria e Crítica, linha de pesquisa Poéticas da Subjetividade, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Aprovação: João Pessoa, 28 de agosto de 2020.

Profa. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio
Coordenadora PPGL/UFPB

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues – UFPB
Orientador

Profa. Dra. Ana Patrícia Frederico Silveira – IFPE
Examinadora Externa

Prof. Dr. Henrique Miguel de Silva Lima – UFPB
Examinador Externo

Profa. Dra. Marinalva Freire da Silva – UFPB
Suplente Interno

Para todas as mulheres que fui, sou e ainda
serei.
Para todas as mulheres que me atravessaram.
Uma a uma.

AGRADECIMENTOS

A tessitura dessa escrita se deu através das costuras que foram sendo feitas nesses pouco mais de dois anos de mestrado. Agradecer à cada uma das pessoas que me proporcionaram um encontro com o que tenho de mais meu é quase impossível, mas quero tentar deixar alguns nomes registrados nesse papel, para compor a minha história.

Agradeço à Deus e à Virgem Maria, pela minha Fé.

Agradeço à Hermano de França Rodrigues, meu orientador, pela sua simplicidade e acolhimento, que entendendo as múltiplas faces dos sujeitos humanos percebeu que a minha necessidade era de falar livremente e me permitiu esse lugar de liberdade e confiança nessa construção de um laço possível. Obrigada professor por me ensinar muito além das questões da universidade.

Agradeço aos professores pela disponibilidade e atenção, que tão prontamente aceitaram participar da banca de defesa desse trabalho.

Agradeço ao que nos resta de democracia. À Universidade Federal da Paraíba. Ao Programa de Pós-Graduação Letras, que mesmo em tempos tão difíceis sobrevivem e tornam possível nossa construção científica. Aos queridos colegas que encontrei no mestrado no grupo LIGEPSI, que me deram sorrisos e acolhimento. Agradeço especialmente a Vanalúcia, que se fez amiga e companheira me ofertando sua inteligência, sinceridade, calma e colo, e me ajudou a perceber que também sou capaz para a escrita.

Agradeço às amigas que estiveram comigo no meu percurso na Psicanálise: Thereza que está ao meu lado desde a graduação; Fernanda e Sarah que encontrei no desejo de saber mais. A vocês, minhas queridas que em cada vacilo meu e insegurança me mostraram que era possível falar desse lugar e, que com a história de cada uma, como cada uma se faz mulher, mãe, amante, amada, sujeito, pude também fazer laço de amor e admiração. Brindo com vocês esse trabalho.

Entendendo que a Psicanálise é muito mais que o conteúdo encontrado em um livro, e se dá também – e principalmente – pelo atravessamento das próprias questões, agradeço ao meu analista, que ouvindo minhas queixas se emprestou a esse lugar, me fazendo ouvir por mim mesma. A minha análise, o meu processo de fala, me autorizou a escrever sobre o feminino, me mostrando que eu posso não saber e mesmo assim ser mulher.

Agradeço à minha família, tias, primas, primos que com sua história e à sua maneira me incentivaram a continuar trilhando o caminho acadêmico e, mesmo nem sempre perto, se fizeram presente em forma de carinho e apoio.

E por fim, mas não somente, agradeço a todas as mulheres, a quem também dedico esse trabalho, uma a uma. As que encontrei na vida, no divã, no trabalho, nos livros, nas falas, nas conversas e em todos os lugares onde foi possível fazer uma construção para produzir esse texto.

As palavras que aqui foram registradas também marcaram meu corpo e fizeram rasuras no meu feminino. Atravessei essa dissertação e ela me atravessou de uma maneira tão avassaladora que emprestei meu corpo para que ela pudesse fazer sintoma e assim eu conseguir falar sobre ser mulher. Concluí a escrita em meio a uma pandemia que nem nos meus piores pesadelos pensei vivenciar e foi na solidão da minha travessia, em meio a esse caos, que rasguei meu corpo e minha alma e com palavras, pari esse trabalho.

Agradeço especialmente aos meus pais por tanto amor investindo em mim.

Meu pai que com sua singeleza e humildade me ensinou a estudar e trabalhar para, com honestidade, conquistar tudo que eu quiser sonhar. No seu silêncio ele me ensina a ter paciência todos os dias e certa calma para atravessar momentos de conflitos. Não é fácil viver com três mulheres, cada uma com suas questões e demandas. Sua presença equilibra e faz cortes necessários para nossa existência. Obrigada pai.

À minha mãe, Maria (muitas Marias, uma Maria todo dia) pelo seu amor incondicional. Esteve presente com sua disponibilidade, muitas vezes emprestando seu próprio testemunho, me inspirando. É ela que me ensina a ser mulher todos os dias e com o seu amor de mãe me mostra que é possível viver a maternidade e amar um homem.

Agradeço à minha irmã, Maysa, minha maior apoiadora. Obrigada por ter paciência e cuidar de tudo para que eu pudesse escrever. Obrigada por estar presente nesse período e permitir com que nossa relação se reencontrasse em outro lugar. Outra mulher que me mostra todos os dias a riqueza de ser única.

Obrigada família por me amar.

Obrigada a todos que de alguma forma se fizeram presente na construção desse processo dissertativo.

*Empunha mórbida mão, o gládio, e mira o triste
umbral de tânatos! Deslembra o amor de mãe, não
te apequenes! Na jornada brevíssima de um dia,
não te atendas ao fato de que deles és a origem,
posterga tuas lágrimas! Amaste quem dizimas.
Funesta a moira mesta.*

Eurípedes, 2010

RESUMO

Esse trabalho de dissertação que tem como título “MEDÉIAS DE ONTEM E HOJE: UMA ANÁLISE DE MEDÉIA NA OBRA DE EURÍPEDES A PARTIR DAS MULHERES CONTEMPORÂNEAS” se propõe a refletir sobre os desdobramentos do feminino, na mulher, através da maternidade. Pensar sobre o “*tornar-se mulher*” como coloca Simone de Beauvoir é também pensar em como cada mulher assume sua feminilidade ao longo da história. A maternidade colocada como questão inerente à esse processo de ser uma mulher pode provocar as mais diferentes sensações e sentimentos, sendo quase impossível escapar a esse imperativo. Através da psicanálise, especificamente com Sigmund Freud e Jacques Lacan, foi realizado um estudo dessas teorias, no que diz respeito a subjetividade dos sujeitos e sua sexualidade, passando pelo tema do feminino e da mulher. Em Freud, a mulher, teria uma travessia do Complexo de Édipo diferente do menino e, através da promessa de ter um filho, conseguiria do Édipo, mas estaria com essa precondição do filho para dar conta de ser mulher e embora esse autor não pudesse avançar muito nesse ponto da teoria, deixou uma base muito importante para os próximos psicanalistas. Ao dizer que “*a mulher não existe*” Lacan pensou a mulher como uma a uma, o que não caberia à universalização, com um gozo não totalmente submetido ao falo, sendo assim um gozo sem limite. A mulher *não-toda*, em Lacan, vai utilizar de outros meios para lidar com suas questões. Lacan avança um pouco mais ao estudar a mulher e suas subjetividades. Em *Medéia*, tragédia grega escrita por Eurípedes, escolhida como análise literária desse trabalho, essa mulher se apresenta em sua devastação, conceito elaborado por Lacan, para falar desse lugar vazio que vem a tona em uma mulher na perda de um objeto que velava esse lugar. Ao perder o amor de Jasão, como vingança, Medéia mata os filhos e esse ato possibilita que ela saia da sua devastação. Como “*a verdadeira mulher*”, como disse Lacan, Medéia fala da sua maternidade e do seu ser mulher, experimentando na sua inteireza, para além da devastação. As mulheres hoje apresentam seus discursos sobre esse processo na clínica assim como na literatura, falando dessa dualidade que é ser mulher e mãe e dos conflitos que isso traz. Como conclusão, se pensa a ideia de que a clínica poderia se colocar como um lugar para vislumbrar possibilidades para a mulher, que vive os dilemas dessa dualidade, investindo na sua singularidade, para se tornar mulher e mãe.

Palavras-chave: Maternidade. Feminino. Medéia. Psicanálise. Literatura.

ABSTRACT

This dissertation work entitled “MEDEAS OF YESTERDAY AND TODAY: AN ANALYSIS OF MEDEIA IN THE WORK OF EURIPIDES FROM CONTEMPORARY WOMEN” aims to reflect on the unfolding of the feminine, in the woman, through motherhood. To think about “*becoming a woman*” as Simone de Beauvoir puts it is also to think about how each woman assumes her femininity throughout history. Motherhood posed as an issue inherent in this process of being a woman can provoke the most different sensations and feelings, being almost impossible to escape this imperative. Through psychoanalysis, specifically with Sigmund Freud and Jacques Lacan, a study of these theories was carried out, with regard to the subjectivity of the subjects and their sexuality, going through the theme of the feminine and the woman. In Freud, the woman would have a crossing of the Oedipus Complex different from the boy and, through the promise of having a child, she would get from the Oedipus, but she would have this precondition of the son to cope with being a woman and although this author could not advance much at this point in the theory, it left a very important basis for the next psychoanalysts. In saying that “*the woman does not exist*” Lacan thought of the woman as one by one, which would not be part of universalization, with a jouissance not fully submitted to the phallus, thus being an unlimited jouissance. The *not-all* woman in Lacan will use other means to deal with her issues. Lacan goes a step further when studying women and their subjectivities. In *Medea*, a Greek tragedy written by Euripides, chosen as a literary analysis of this work, this woman presents herself in her devastation, a concept elaborated by Lacan, to speak of this empty place that comes to a woman in the loss of an object that veiled that place. By losing Jason's love, as revenge, Medea kills her children and this act allows her to escape her devastation. As “*the true woman*”, as Lacan said, Medea speaks of her motherhood and her being a woman, experiencing in her entirety, beyond devastation. Today, women present their discourses about this process in the clinic as well as in the literature, talking about this duality that is being a woman and mother and the conflicts that it brings. As a conclusion, the idea that the clinic could be placed as a place to glimpse possibilities for the woman, who lives the dilemmas of this duality, investing in her uniqueness, to become a woman and mother, is thought.

Keywords: Maternity. Feminine. Medea. Psychoanalysis. Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. MATERNIDADE, QUEM FALA POR ELA?	16
1.1 Da Mulher à maternidade	17
1.2 Mulheres “livres”, mães por escolha?	27
2. A MULHER E MÃE NA PSICANÁLISE	34
2.1 De mulher à mãe, uma representação em Freud	38
2.2 Feminilidades além de Freud	47
3. MEDÉIA: A VERDADEIRA MULHER	60
3.1 Que mulher é essa?	63
3.2 Medéia e Mulheres de hoje	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Não é nada fácil escrever sobre aquilo que nos atravessa. “Se afaste do objeto de estudo”, a ciência já previne. Entendendo que não se pode misturar pesquisador com o objeto, mas como falar em sujeito de desejo sem se implicar de alguma forma? Como trabalhar o feminino, a maternidade e o tornar-se mulher ou mãe sem ser arrastado por uma enxurrada de questões que nos transpassam. A literatura torna faz desse quase impossível uma oportunidade.

A literatura traz na sua leveza e intensidade a marca de tornar possível o deslumbramento pelo real. Se tornando atemporal, justamente pela sua potência, a literatura vem a ser o objeto que nos escapa os silêncios, fazendo voz ao que não pôde sem expressado de outra maneira, através das gerações e das eras, sendo palco para as várias conjecturas de sujeitos e relações.

Em suas diversas formas, a literatura tem sido uma ferramenta de estudo para a psicanálise quando se pode experimentar as palavras dos sujeitos, não ditas na realidade, expressadas em poemas, narrativas, contos, etc. Freud já utilizava os mitos e a arte no geral para que se pudesse ter uma melhor visualização de sua teoria. Essa prática tem acompanhado os estudos até os dias atuais.

Na obra *Medéia*, de Eurípedes (c. 480-406 a.C.; Ed. 34, 2010), visualizamos a retratação de uma tragédia grega, onde a protagonista, no ápice da sua loucura de amor, mata seus dois filhos. Cometendo o infanticídio, Medéia, já exaurida de forças e ideias para ter com seu amor que, já não queria mais estar com ela, enfrenta os diversos nomes dados a ela, a repulsa de todos a sua volta e a dor das perdas sofridas.

A leitura dessa obra traz tantas interpretações distintas e singulares a respeito da mulher e mãe que é mostrada na tragédia que o amor e o abandono se fazem protagonista da mesma. Sem a pretensão de estabelecer uma acusação ou defesa dessa mulher, este trabalho tem por objetivo o interesse de fazer uma reflexão sobre a mãe e a mulher presentes em *Medéia*.

Nesse discurso, que pode revelar o verdadeiro sentimento e sofrimento que essa mulher traz consigo, para além de um discurso de ódio ou que se limite a explicações rasas das quais levaram a cometer os atos em nome de um amor. Possivelmente as *Medéias* de hoje não estão sendo vistas e ouvidas, mas elas continuam a existir, sendo acusadas e rechaçadas: elas continuam em silêncio.

Desta forma, esse trabalho pretende analisar o discurso feminino na obra *Medéia*, de Eurípedes, a partir das representações das mulheres contemporâneas, percebendo os discursos

encontrados e estabelecer conexões entre eles. A teoria psicanalítica sobre o feminino e o ser mulher nos ajudará a pensar essa *mulher* e sua maternidade através de um contexto subjetivo fomentando as discussões levantadas pela obra estudada. Através da possibilidade de discussão sobre feminino, com a releitura de um mito, fazendo novos recortes com discursos de mulheres da atualidade, será possível a busca por uma similaridade nas histórias de mulheres contemporâneas que estão constantemente atualizando a obra Medéia de Eurípedes.

Freud, o pai da psicanálise, em um texto intitulado “Feminilidade”, retirado da Conferência XXIII (1932-1936), onde faz uma explanação sobre a mulher e sua sexualidade, finaliza sua fala aconselhando a quem quiser saber mais sobre que, questionem suas próprias experiências, consultem os poetas ou esperem pelo avanço da ciência.

Lacan, renomado psicanalista que segue o estudo de Freud, continua e avança em grande escala pesquisas sobre o feminino e o lugar da mulher enquanto sujeito do seu desejo. Conhecido por seus aforismas inéditos e bastante polêmicos, Lacan, apoiando-se em outras ciências como a linguística, por exemplo, vai construindo novos caminhos a serem percorridos nesse movimento para o saber. Uma de suas frases que ficou muito famosa e é muito debatida e questionada até os dias atuais é “a mulher não existe”, reforçando a ideia de impossibilidade de chegar a um conceito único sobre o que é ser mulher.

Partindo do pensamento desses grandes teóricos e acreditando na contribuição que a literatura dá aos estudos de psicanálise, uma vez que pode exemplificar de maneira clara as diversas relações, é que esse estudo se torna possível e enriquecedor para ambas as ciências fomentando a construções de novas ideias e interpretações nesse vasto universo da palavra.

Estudar de maneira analítica uma obra literária que percorreu ao longo de todos esses anos apontando para a atualidade, é além de buscar respostas e interesses em comum, tentar encontrar uma forma de aproximar cada vez mais realidade da ficção e assim tentar entender o discurso de sujeitos tantas vezes silenciados. Tentando fazer uma ponte entre a mulher da antiguidade com a mulher no contexto atual a fim de verificar se e como ocorre essa tragédia nos dias atuais, será observado como a “Medéia” está sendo percebida, enquanto mulher e também como mãe.

A maternidade que é um conceito que vem sendo discutido por diversas áreas, inclusive pela psicanálise, que durante muito tempo pensou a maternidade como algo estruturante e primordial para a mulher. A mulher percorreu um longo caminho para se desprender dessa imposição e como conquista, com a autonomia da sua própria sexualidade, pôde pensar na maternidade como uma escolha, embora, muitas vezes, essa não seja a realidade de muitas mulheres. Medéia, uma mulher atormentada pela perda do amor de Jasão,

seu grande amor, mata seus filhos, como última alternativa de vingança conta ele. Rechaçada, humilhada e excluída, Medéia, como tantas outras mulheres, não pôde falar das suas dores de mãe, nem tampouco de mulher.

Também precisamos falar sobre o conceito de devastação, para psicanálise, para entender o complexo vivido pela mulher Medéia. Lacan utiliza esse termo para falar sobre o estado da mulher ao sofrer as dores da perda do seu amor ou ao chegar a ter consciência de sua incompletude. A mulher sofre a devastação com a perda do seu primeiro objeto de amor, sua mãe, e passa por ela com seus outros objetos de amor ao longo da vida. Logo, adentraremos no conceito de mulher e feminino para a psicanálise fazendo desse percurso, um caminho de descobertas para as possíveis maternidades.

Assim, esse presente trabalho contará com uma estrutura de três capítulos, distribuídos e organizados de maneira cronológica para facilitar o desenvolvimento e desdobramento da leitura, inserindo os conceitos de maneira gradativa perpassando pelo tema central, teoria de base, corpus e análise desses elementos que darão forma às considerações finais desse material.

Pensando nisso, iniciaremos nosso estudo pelo conceito de maternidade ao longo da história, como foi investido e inserido na estruturação do ser mulher. A maternidade, colocada durante muito tempo como obrigatoriedade para a mulher, passou pelo processo de lutas e conquistas, uma vez que aquela mulher domesticada e indefesa não teria escolha sobre seu próprio corpo e estaria para sua família como fundadora e mantenedora das suas bases.

Em “Mulheres que correm com os lobos”, Clarissa Pinkola Estés, resgata “a mulher selvagem” que está em todas as mulheres, trazendo os mitos e histórias que falam desse espírito de mulher livre, colocando essas histórias como “bálsamo para a alma”. Uma mulher selvagem, uma natureza selvagem, que não se estabelece pela cor, instrução ou classe econômica, mas que viceja, que arde em cada uma e que em algum momento aparece e se mostra e se coloca, principalmente quando é forçada a ser algo que ela não é. E essa mulher, que vive dentro de cada mulher, ressurge tomando o seu lugar, seja de que maneira for.

Essa mesma mulher, que em muitos momentos da história é apresentada presa e submissa e alojada em lugares impostos por outros, rompe essas barreiras e se desvincula desses nomes, não totalmente, mas alcançando espaços e visibilidade. No primeiro capítulo discutiremos esse percurso feito pela mulher, para alçar seus próprios voos e escolher seus próprios nomes, assim como a sua transição para com o processo de maternidade.

Nesse capítulo também estabeleceremos referências acerca da relação mãe e filho e de como a maternidade desempenha diferentes papéis para as mulheres, passando pelas lutas

feministas e marcos históricos. Pensar sobre isso traz uma grande contribuição para este trabalho pois os elementos históricos nos ajudarão a fazer reflexões acerca do processo de tornar-se mulher e as múltiplas possibilidades exploradas em seu reconhecimento e empoderamento do seu lugar de mãe e de mulher.

Encontrando na psicanálise o aporte teórico para as discussões a respeito do ser mulher e maternidade e, utilizando os seus estudos e contribuições a respeito do feminino, esboçaremos nesse segundo capítulo como e por que a psicanálise fundamenta esse trabalho. Vamos utilizar os pensamentos de Freud e Lacan, como base para nosso estudo.

No que diz respeito a maternidade, esses autores vão além do biológico e dizem das possibilidades para as mulheres desempenharem suas maternidades. Inicialmente percebida como uma questão estruturante, onde se pensava que era necessário ser mãe para tornar-se mulher, a maternidade ganha lugares outros na subjetividade e psique do imaginário do sujeito, sendo possível pensar em maternidades, na pluralidade do feminino e não apenas em uma única maneira determinante e reducionista de ser mãe.

Partindo do pensamento desses grandes teóricos da psicanálise e acreditando na contribuição que a literatura vem dando aos estudos de psicanálise, uma vez que se pode exemplificar de maneira clara as diversas relações existentes sobre os mais diversos assuntos, é que esse estudo se torna possível e enriquecedor. Freud se utilizava das artes para dar vida as suas construções teóricas e encontrou na literatura acesso para visualizar a teoria que vislumbrava e através dos mitos, pôde demonstrar o que dizia seus pensamentos e hipóteses da psique humana.

O terceiro e último capítulo nos debruçaremos sobre a tragédia grega, a “*Medéia*” do autor Eurípedes. Nesse momento, trazer a voz da protagonista, que intitula a obra, é o que movimenta o estudo. Os nomes que essa mulher recebeu ao longo da tragédia e no passar dos anos não diz da dimensão do que a própria representa como mulher e mãe. É sob essa perspectiva que a obra será explanada. O gênero e a obra escolhida se fazem relevantes no contexto estudado onde visualizamos as diversas mulheres em suas diversas possibilidades, dando lugar, como sujeitos. Analisaremos todo o conteúdo que foi explorado no que diz respeito a teoria e obra escolhidos para a pesquisa, com o objetivo de finalmente estabelecer uma correlação entre os temas apontados.

Serão apresentados fragmentos do corpus escolhido com apontamentos e interpretações à luz da psicanálise, buscando perceber, nas mulheres dos dias atuais, a Medéia que é contada nas linhas da tragédia grega. A construção dessa análise passa pelo pressuposto

de que várias são as semelhanças entre essas mulheres de tempos tão diferentes assim como seus nomes e lugares na história.

Tentando responder as questões que foram bases e ajudaram a impulsionar o estudo, poderemos perceber que ao longo da história a mulher foi colocada para a maternidade como algo da sua essência e que não poderia fugir. Simone de Beauvoir nas primeiras linhas do seu livro “O Segundo sexo” diz que escrever sobre a mulher é irritante e não é um tema novo, feito por homens e ressalta a importância de ser dito por mulheres. Reconhecer o processo histórico pelo qual a mulher tem passado é também entender que é possível uma mudança de lugar e de nomes. “A mulher não existe” para um só lugar e um nome. A mulher é possibilidade. É escolha.

Aqui, tomo emprestadas as palavras de Maria Rita Kehl em “Deslocamentos do Feminino”, quando ela diz que se propõe a “examinar o campo a partir do qual as mulheres se constituem como sujeitos, de modo a contribuir para ampliá-lo”, uma vez que estamos tentando ter um lugar de fala, que seja nosso e construído por nossas próprias palavras desde sempre.

1. MATERNIDADE, QUEM FALA POR ELA?

“A ‘natureza da mulher’ e a genialidade que ela implica, é mais facilmente apreendida que a do homem, por causa da sua organização física. Os seios e o útero determinam seu destino. Sua finalidade aparece de pronto: parir e proteger.”

Elizabeth Badinter

Bruxas, más, pecadoras, feiticeiras. Mães, donas de casa, esposas. Virgem, casta, celibatária, santa. Esses foram só alguns dos nomes usados para as mulheres. Escrita por outros, “escrita por homens” disse Beauvoir (2016) e não por ela mesma, a história da mulher não deixa uma simples lacuna. Deixa marcas profundas, mas também reverbera das casas, fogueiras, clausura e celas, e ressoa nas lutas e nas escolhas de ser, traduzindo para esse tempo, o silêncio dessas mulheres em ação e criação.

Ela não era cidadã das sociedades. Não era permitida sua participação na vida política ou econômica. Não deveria sentir ou opinar. Negada e silenciada, a mulher foi diminuída a simples coisa, objeto vazio e sem voz. Era temida e odiada. Simplesmente por ser mulher. Como solução, foi colocada em um lugar considerado seguro, a família ou o convento, onde se pudesse controlar todo o poder e pecado que a mulher possuía.

A maternidade, atravessada e atravessando a mulher em sua estrutura, se inscreve ou tenta se inscrever, também de uma maneira totalmente fora do domínio da mulher. Sim, esse fenômeno tão peculiar e único à figura da mulher, durante boa parte da história fora visto como mais uma propriedade do homem. Apresentada como salvação ou como utilidade, a maternidade esteve presente também com barganha numa infundável tentativa de salvação.

Maternidade também acompanhando esses diferentes lugares na história da mulher, em alguns momentos, colocada como parte essencial da sua vida, em outros como condição para ser mulher ou tornar-se uma mulher, ser mãe, esteve sempre colocado para a mulher como uma questão de caráter enigmático e torrencial, embora muitas essa decisão não fosse sua.

O percurso histórico da antiguidade à vida moderna nos permite observar em que lugar a maternidade esteve para a mulher e para a sociedade e como esta também era encarada como algo de um outro lugar que não o da própria mulher. Ter independência para escolher

sobre a maternidade é algo tão recente, que as marcas deixadas pela submissão sofrida pela mulher se fazem sintoma nas subjetividades da questão do ser mulher.

Sabidamente, já nos alerta a historiadora Del Priori (2013) que não importa como as culturas se organizaram, a diferença entre masculino e feminino sempre foi hierarquizada. Então, revisitar esses lugares se faz necessário para dar início a essa pesquisa, quando se permite reconhecer a herança deixada por essas outras mulheres que, fazendo da sua própria história uma marcha para o que hoje se coloca, sendo de grande importância para a história das outras tantas mulheres que sobreviveram e vivem possibilitando, de certa forma, novas formas de ser mulher.

Perrot (2007) em seu livro *“Minha história das Mulheres”* diz que a história é um ponto que causa embaraços e que não tão fácil de se estabelecer uma cronologia, com acontecimentos próprios, se diferenciado da história da política, sendo mais cultural, religioso, jurídico, biológico e técnico. E continua: “Tal reforma religiosa, tal livro, tal descoberta médica (a cesariana ou a pílula) ou técnica (a máquina de costura ou a máquina de escrever) inscrevem-se na trama de maneira decisiva”. Mas o que realmente importa é como essa história afeta as relações das mulheres.

Escrever sobre o lugar da mulher historicamente também é escrever sobre a maternidade. Falar da sua sexualidade e da sua liberdade ultrapassa a questão do próprio entendimento que se tem de mulher. É importante perceber essa história como possibilidade de ter uma visão mais próxima e talvez mais real do que foi colocado e inscrito no imaginário da mulher e da maternidade.

Então, quem fala dessa maternidade? Como ela se coloca para as mulheres nos diversos momentos da sua história? E como pensar a maternidade sem pensar também no seu valor histórico e entender como esse processo, que passou por diversas mudanças de lugares, se constituiu para a mulher em sua mais simples liberdade para ser e para escolher?

Nem Eva.

Nem Maria.

Mulher.

1.1 Da Mulher à maternidade

“Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala

em público é indecente. "Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão." Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. Até mesmo o corpo das mulheres amedronta. E preferível que esteja coberto de véus.

Michelle Perrot

A maternidade parece ser essa pérola preciosa dada às mulheres. É também esse embargo que submete e sentencia o que poderia vir a ser uma mulher. A maternidade foi colocada para a mulher numa equação exata onde ser mãe estar para ser mulher e um lugar não existe sem o outro. A condição de mulher é, até então, vinculada e impreterivelmente demarcada no corpo pela maternidade, sendo assim, o produto final dessa experiência, ser mãe seria também tornar-se mulher.

Quando se pensa em mulher imediatamente faz-se a correlação com a maternidade. Isso se impregnou como cultura ou como processo natural, uma lei. A primeira mulher, Eva, que está na Bíblia cristã, é a primeira mãe também: “Adão, deu a sua mulher o nome de Eva, pois ela seria mãe de toda a humanidade. (Bíblia, Gênesis, 3:20). A mulher, então, não teria outra alternativa que não a procriação e, por conseguinte a maternidade¹.

A figura da mulher na bíblia passa por vários nomes, de santa à pecadora, de salvadora à autora do pecado capital. Eva, teria sido a mulher má, que desviara o homem do bem para mal, quando desobedece a ordem que foi lhe dada e come a maçã, que a serpente lhe oferece, o único fruto que lhe tinha sido proibido por Deus. Maria, mãe do filho de Deus, serva obediente á Ele, vem para redimir todos os pecados da humanidade. Mãe imaculada, cheia de graça, sem pecado entre todas as mulheres, que atendendo o chamado, dá à luz a um filho sem conhecer homem algum e continua virgem até seus últimos dias.

Identificada à religiosa ou mesmo considerada como santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário, a

¹ Gn 2, 18-24: O Senhor Deus disse: “Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele”. Então o Senhor Deus, após ter formado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse. O homem designou com nomes todos os animais domésticos, todas as aves dos céus e todos os animais ferozes; contudo não encontrou uma auxiliar semelhante a ele. Então o Senhor Deus fez cair sobre o homem um sono profundo; e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher e conduziu-a até ao homem. Então o homem exclamou: “Esta é realmente osso dos meus ossos e carne da minha carne. Chamar-se-á mulher, visto ter sido tirada do homem”. Por esse motivo, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher, e os dois serão uma só carne.

mulher sensual, pecadora, e principalmente a prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem. (RAGO, 2014, p.112)

Essa dualidade de boa e má, santa e pecadora, bruxa e sábia, persegue a mulher em toda a história da humanidade, demarcando papéis e lugares estabelecidos para dar contorno ou barrar a ideia de liberdade ou de existência dessa que, desde o início, tenta se “defender” desse lugar de culpa.

Como punição do pecado que cometera, Eva iria parir com muitas dores os filhos e seria eternamente sujeita ao seu marido, e deveria se arrepender por ter desobedecido a lei que lhe fora imposta. (Nantes, 1636 *apud* Del Priori, 2009). Percebe-se que desde sempre a mulher esteve nessa condição de submissão a outra ordem e vontade que não a sua, precisando responder, através de atitudes obedientes e dependentes, os desejos daquele a quem deveria ter respeito e aceitação.

A questão do corpo da mulher a definiu como fêmea – animal que tem a capacidade de procriação

A palavra fêmea sugere-lhe uma chusma de imagens: um enorme óvulo redondo abocanha e castra o ágil espermatozoide; monstruosa e empanturrada, a rainha das térmitas reina sobre os machos escravizados; a fêmea do louva-a-deus e a aranha, fartas de amor, matam o parceiro e o devoram; a cadela no cio erra pelas vielas, deixando atrás de si um rastro de odores perversos; a macaca exhibe-se impudentemente e se recusa com faceirice hipócrita; as mais soberbas feras, a tigresa, a leoa, a pantera, deitam-se servilmente para a imperial posse do macho. Inerte, impaciente, matreira, estúpida, insensível, lúbrica, feroz, humilhada, o homem projeta na mulher todas as fêmeas ao mesmo tempo. E o fato é que ela é uma fêmea. (Beauvoir, 2016, p. 31)

Logo, ser mulher implicaria estar totalmente relacionada ao ser mãe, que até foi considerado uma espécie de “poder da mulher”, como denominou Badinter (1986). Segundo a autora, esse poder feminino e materno poderia ser atestado por inúmeras esculturas e representações de figuras femininas, atestando certa natureza divina; de alguma maneira, já contrapondo com a figura do masculino que se apresentava como uma representação pobre, despojada de qualquer coisa que despertasse interesse.

Embora esse lugar da maternidade tenha sido dado à mulher ao longo da história, essa nem sempre foi a sua função primeira. Na antiguidade, por exemplo, a mulher não tinha um lugar de destaque naquelas sociedades, sendo quase totalmente submissa ao homem, que detinha o poder absoluto sobre os seus, inclusive de punir e/ou julgar o que seria visto como certo ou errado, de direito ou não. Com uma condição de inferioridade, até mesmo menor ou pouco diferente que a dos filhos, a mulher, nesse período, não poderia questionar a autoridade a qual estava submetida.

Quanto a cidadã, é essencialmente inferior ao homem, seja qual for a sua idade. Desvalorizada o ponto de vista metafísico, pois encarna o princípio negativo, a matéria (contrariamente ao homem, que personifica a forma, princípio divino sinônimo de pensamento e de inteligência), a mulher é igualmente considerada personagem secundária na concepção. Semelhante a terra que precisa ser semeada, seu único mérito é ser um bom ventre. Como é dotada de uma frágil capacidade de deliberação, o filósofo (*Aristóteles*) deduz logicamente que sua opinião não é digna de consideração. A única virtude moral que lhe reconhecia era a de “vencer a dificuldade de obedecer”. Sua honra residia num “modesto silêncio”. Ainda comprada pelo marido, era para ele um bem entre outros. Sua condição não era, portanto, diferente da condição do filho, antes que este lhe fosse subtraído ao final da amamentação. (BADINTER, 1985. p. 32)

Na Grécia antiga, foi retratado a diferença de mortais e imortais, deuses e humanos e a mulher esteve presente nessa dualidade, demarcando também o que seria bem e mal. Em Hesíodo, o pensamento de autoctonia, fica evidente, retratando a criação dos primeiros homens, pela Terra e não por uma mulher (TORRES, 2012). A Teogonia (estudo da origem dos deuses) em Hesíodo torna-se mais influente nesses estudos por apresentar uma personagem que marcar a instituição da mulher como um ser de função importante, acrescentando, então, a posição da mulher na história da criação.

Pandora ² é esse personagem, que por alguns autores foi denominada como a própria “invenção da mulher” ou a “primeira da raça das mulheres” e que já traz a alusão desse lugar de conflitos, dualidades, receios e medos, a quem se deveria ter certo cuidado e apreensão. “A mulher é um paradoxo, pois consiste numa imitação do que já existe; ela não é totalmente nova, entretanto ela é a primeira de sua espécie.” Afrodite e Atenas são as deusas responsáveis pela elaboração de Pandora, as duas nascidas somente a partir do pai, incorporando suas características de amor e sabedoria, respectivamente, levam a figura feminina a polaridade de *Eros* e *Thánatos*. Hermes também participa da criação de Pandora, emprestando seus dons de *nóon kynóon* (mente de cão) e *éthos epíklopon* (conduta dissimulado como a do ladrão).

Fruto de uma espécie de troca de retaliações em uma luta entre Zeus e Prometeu, Pandora é colocada como golpe final de uma disputa entre eles. Prometeu oferece um presente fraudado a Zeus (ossos cobertos com gordura); Zeus recebe e com raiva não oferece mais o

² A figura de Pandora é fabricada a partir da mistura do elemento terra ao elemento água; ela é, ao mesmo tempo, o belo e o mal; é fonte de prazer, mas de dor e fadiga; produz vida e traz a morte ao instituir o novo ciclo de nascer-perecer; ela é cópia, mas é também original ao inaugurar a raça das mulheres; ela tem a fala (*phoné*), que possibilita a comunicação própria dos homens e que, ao mesmo tempo, é o elemento que pode enganar, persuadir, atormentar, dissimular e dominar. Pandora traz o jarro que aparentemente é *píthos* que guarda os grãos da última colheita, mas que, em realidade, está cheio de males, aflições, fadigas e doenças, que não alimentam, mas destroem os homens; dentro do jarro fica presa a *Elpís*, a uma só vez expectativa do bem e do mal e que, no espaço da interioridade, tem voz e dialoga com o homem, incitando-o a agir ou a pacientar. Pandora é o desejável, amável e invencível ardil para os homens, seu prejuízo maravilhoso. (LAFER, 1996. p. 93-94)

fogo celeste aos mortais. Prometeu por sua vez rouba o fogo e o entrega aos homens. Em resposta, Zeus dá aos homens a mulher. Com Pandora, instaura-se definitivamente a condição humana.

Antes da primeira mulher os humanos brotavam e viviam “a recato dos males”, “longe de penas e misérias” e morriam como que “por sono tomados”, com ela surgem a sexualidade e a necessidade da reprodução sexuada para garantir a perpetuação da espécie e todas as novas especificidades do modo do ser humano. Pandora é ligada à ideia do alimento que vem da terra e à instituição do casamento; ela é agora uma *gyné gameté*, uma esposa-mulher com quem deve se ligar o homem, da mesma forma que ele deve colocar a semente na terra, deve igualmente colocar a semente dentro dela para procriar. Essas fronteiras do que é propriamente humano se juntam a outros limites, como a necessidade do trabalho para sobreviver. Temos, então três elementos, que separam os imortais dos mortais: sacrifício, agricultura-alimentos, sexualidade-casamento. (MARQUETI, 2007. p. 2)

Antes de Pandora, os humanos eram autóctones, ou seja, eram criados a partir de elementos da terra, sem a necessidade da união entre macho e fêmea. Retirando a experiência da maternidade da mulher e sendo colocado para a terra e, segundo Lourax 1993 (*apud* TORRES, 2012), é a cidade e não a mulher que tem o papel de ama de leite e da própria mãe. Conceber e procriar é somente a imitação que a mulher faz da terra.

Na Idade Média, sob a sombra da primeira mulher e da sua história envolvida no pecado, a mulher era considerada a partir da sua descendência com Eva. Idade das Trevas como ficou conhecida, demarcou um momento mais sombrio para as mulheres que, perseguidas, caluniadas e apedrejadas, tiveram suas vidas em risco. O casamento seria a única forma de ter uma vida digna e moralmente aceita, já que a mulher estava impregnada de pecado e vergonha.

A Igreja, na Idade Média, já aparece como uma forte influenciadora no que diz respeito ao que se esperar de uma mulher na sociedade da época. De um lado Eva a mulher que traz o pecado para o homem e a perdição para a humanidade é responsável por colocar a mulher nesse lugar de inferioridade, em comparação com o homem, e sua sabedoria vista como feitiçaria e forças do mal. Do outro lado a Virgem Maria, santa e imaculada, símbolo da castidade e da mulher ideal, que salva a humanidade do pecado original.

A sexualidade feminina no medievo era considerada como um ato desviante no meio social, pois, para a Igreja, a mulher deveria permanecer pura, ou manter relações sexuais após o casamento, com a finalidade de procriação. As mulheres não tinham o direito ao prazer sexual, uma vez que a sociedade masculina era incumbida de não deixá-las ter orgasmo. (SILVA, 2014. p. 5)

Apenas com a finalidade de reprodução, era estabelecido um papel a ser desempenhado e um lugar a ser ocupado pela mulher, que antes marcada por essa impossibilidade de prosperar herdada pela Eva, tinha o dever de permanecer intacta virgem e

pura para escapar de um destino cruel e implacável, assim como estabelecia a Igreja Católica. O Cristianismo vem então sentenciar um lugar de opressão e tentativa de redenção dessa mulher.

O discurso da igreja, gestado ainda no período clássico, cria – de uma forma absoluta – certezas, concepções, imagens sobre as mulheres, levando a própria igreja a viver de recusas, sobre a convivência com as mulheres, impondo um estatuto de celibato e castidade aos seus clérigos. A identidade feminina gestada pelas estruturas e concepções de igreja permanece presentes no imaginário feminino. Tais representações impuseram um vasto corpo de modelos de comportamento religioso e doméstico às mulheres, exortando-as à prática da virtude, da obediência, ao silêncio, e à imobilidade em nome de uma ética católica muito parcial (TEDESCHI, *apud* SILVA, 2013. p. 4).

Estava claro que a mulher era sinônimo de perigo e precisaria ser evitado para não se corromper, moral e espiritualmente. Uma espécie de misticidade envolviam as questões da mulher, como a menstruação, por exemplo, considerada como uma “corrupção moral” que “impedia a germinação das plantas, matava a vegetação, oxidava o ferro e transmitia raiva aos cachorros” (NASCIMENTO, 1997). Ainda segundo a autora, é importante ressaltar que a maior parte dos escritos dessa época era realizado pela comunidade religiosa, formada basicamente por homens, que estavam enclausurados e relatavam seus medos e desejos reprimidos com relação à mulher e todo o seu universo.

Essa mulher era, portanto, silenciada e sua sexualidade totalmente condicionada ao seu senhor (Deus ou marido) seu corpo já não pertence mais a ela e as sua participação nessa sociedade estava atrelada à sobrevivência ou salvação da sua própria vida e dos seus, cabendo a mulher a transmissão de “práticas e virtudes quanto à castidade, submissão, comportamento e obediência à doutrina da Igreja” (SILVA, 2013).

Ainda na Idade Média, sob a luz da Igreja, surge uma outra figura do feminino: uma mulher que está entre a Eva pecadora e a Maria virgem sem pecado. Maria Madalena, uma meretriz que arrependida do seu pecado, busca a salvação e redenção junto ao Salvador, o Cristo Ressuscitado.

(...) para que a mulher que trouxe a morte ao mundo tenha esperança de salvação. Pela mão da mulher a morte, mas pela sua boca o anúncio da Ressurreição. Maria Madalena irá surgir, assim, como modelo de arrependimento e porta da salvação para as mulheres corrompidas pelo pecado da carne. Salvação também para os homens, porque Madalena não é apenas símbolo de mulher, mas também da parte feminina existente em cada homem, que o atrai para o corpo, para o sensível... O desprezo medieval pela sexualidade feminina é, pois, compensado com a figura de Madalena, a prostituta arrependida que escolhe um caminho de purificação e penitência. (ALMEIDA, 2011. p. 35)

Maria Madalena, entre o pecado de conhecer o sexo e a virgem Maria que concebe uma criança sem o contato sexual, nesse período apresenta à mulher uma possibilidade de estar em um novo lugar, um entrelugar, uma “porta entreaberta”, embora que para isso tenha que bancar um preço muito caro também, o arrependimento, submissão e penitência, o que acaba não sendo um lugar muito diferente do que o apresentando até então. O cristianismo disse o que poderia ser feito para e pela mulher durante muitos anos e inscreveu uma sentença na sua história que até os dias de hoje marcam a vida e as escolhas dessas mulheres.

A misoginia encontrada já nesse período fomentado em grande parte pela Igreja, não deixa espaço para a mulher e privando-a de ter experiências genuínas a respeito da sua condição de sujeito como um todo. A família, regida pelo pai nessa conjuntura patriarcal, coloca a mulher-mãe no mesmo lugar da criança-filho, subjugados e submissos, condenando a mulher a um lugar de desgraça e inferioridade, como Santo Agostinho³ deixou claro em seus escritos.

A cultura medieval estreitou os laços da mulher com o maligno, nela localizando o maior representante dos pecados carnavais que a Igreja condenada. Só restava então eliminar a encarnação de todo o mal da Coisa malévol. O cristianismo – e de forma mais influente Santo Agostinho – transformou a histórica da época (que deixou de ser um doente sob os cuidados do médico, como na Antiguidade), numa pessoa intencionalmente possuída em sua aliança com o Diabo. Assim, para as criaturas que manifestavam comportamentos bizarros, como engolir agulhas, permanecer no mutismo, etc., o “tratamento” consistia na perseguição, quando ao sobrenatural era reservada a causa. (FUENTES, 2012. p. 63)

Celibatárias, as mulheres estavam sob o domínio do homem mais uma vez. Inicialmente o pai, que a mantinha em casa para cuidar da família. Depois pelo marido, que a desposa com o objetivo de procriação. E, em última estância, a Deus, quando colocada em um convento para servir à Igreja com sua castidade e santidade. Em todas as possibilidades, a mulher subjugada, silenciada e subserviente.

A maternidade, tarefa dada a essa mulher como uma possibilidade de salvação, já que estava condenada ao pecado, só era possível para as mulheres casadas como mais uma maneira de controle e manipulação pela igreja e conseqüentemente a sociedade também, uma vez que obtendo o controle do corpo dessa mulher seria possível controlar a sua sexualidade e pensamentos, seguindo a doutrina religiosa. Mãe honrada e cuidadosa, mulher fiel, dona de casa exemplar, mantenedora dos mandamentos sagrados.

³ Santo Agostinho teve um papel importante nisso tudo, ao evocar as más condições da mulher: “um animal que não é firme, nem estável, odiável, nutridor de maldade... ela é a fonte de todas as discussões, querelas e injustiças”. Condensações definitivas que foram incansavelmente repetidas até o fim da Idade Média. (BATINDER, 1986. p.104)

A maneira como a mãe se relacionava com seus filhos também era exercido de uma maneira bastante peculiar. A Igreja considerava que a aproximação ente mãe e filho poderia ser uma fonte de pecado; como por exemplo, a amamentação. Logo, essa relação era possível através de alguns termos: essa criança era criada por outra família para que aprendesse ou fosse educada e somente depois voltaria ao seio familiar ou seriam enviadas aos mosteiros e conventos. Segundo Moreira (2009 *apud* RESENDE 2016) “o sentimento de amor materno não existia nessa época como uma referência à afetividade”.

É apenas no final do Séc. XVII que parece um novo conceito: o amor materno. A imagem da mãe e do seu fazer com o filho muda de uma maneira radical, embora que se gaste mais alguns anos para ser percebido isso na prática. Badinter (1985) não ignora que esse sentimento – o amor materno – não tenha existido até então, mas ressalta que é após 1760 que as publicações começam a recomendar que as mães cuidem pessoalmente dos filhos, inclusive sobre a questão da amamentação.

Essas recomendações, continua Badinter (1985), impõe e exige das mulheres uma obrigação: “sejam mães”, antes de qualquer coisa. O Estado tinha grande interesse nessa questão pois, preocupado com o alto índice de mortalidade das crianças, não se poderia permitir que não existisse uma manutenção das suas riquezas.

O novo imperativo é, portanto, a sobrevivência das crianças. E essa nova preocupação passa agora à frente da antiga, a do adestramento daquelas que restavam após a eliminação das mais fracas. As perdas passam a interessar o Estado, que procura salvar da morte as crianças. Assim, o importante já não é tanto o segundo período da infância (depois do desmame), mas a primeira etapa da vida, que os pais haviam habituado a negligenciar, e que era, não obstante, o momento de maior mortalidade. Para se operar esse salvamento, era preciso convencer as mães a se aplicarem às tarefas esquecidas. Moralistas, administradores, médicos puseram-se em campo e expuseram seus argumentos mais sutis para persuadi-las a retornar a melhores sentimentos e a “dar novamente o seio”(…) “Sede boas mães, e sereis felizes e respeitadas. Tornai-vos indispensáveis na família, e obterei o direito a cidadania”. (BADINTER, 1985. p. 146-147)

Ainda segundo essa autora, foram necessários três discursos diferentes para que as mulheres voltasse a se reconhecer como mães, no sentido mais voltado a esse amor materno e como consequência, a sobrevivência das crianças: “um alarmante discurso econômico, dirigido apenas aos homens esclarecidos, um discurso filosófico comum aos dois sexos e, por fim, um terceiro discurso, dirigido exclusivamente às mulheres” (BADINTER, 1985. p. 149). Esse último discurso foi dado a mulher a responsabilidade pela nação, que precisava dela e por isso estava trazendo de volta às questões da maternidade.

O “mito do amor materno” permanece vivo através dos séculos que segue e perdura até os dias atuais se reinventando e atualizando de acordo com as necessidades das sociedades do seu tempo, sendo ainda uma maneira de manipulação da mulher, tentando demarcar cada movimento seu.

Assim, é possível perceber que as monarquias católicas e o Estado tiveram grande domínio sobre as sociedades, pelo menos até o Séc. XVIII, onde a submissão da mulher era causa de grande interesse e manutenção de uma possível relação satisfatória entre homem e mulher, sendo autoritário, implacável e intolerante para as questões do feminino.

A Reforma Protestante (Séc. XVI) e a Revolução Francesa (Séc. XVII) foram imprescindíveis para dar início ao processo de mudanças ao qual estamos inseridos até o presente momento. A ruptura do Estado com a religião, o processo de laicização foi determinante para a queda do patriarcado, até então atrelado ao poder de Deus sob os homens. Como colocou Badinter (1986) “assassinato do pai, assassinato de Deus”, sendo ligado tão intimamente rei e Deus, um sendo regido pelo outro o destino de um estando atrelado ao outro, que os revolucionários franceses, matando o rei também golpearam a ideia de Deus.

A morte do patriarcado resulta de uma dupla subversão: o pai perdeu seu prestígio e Eva modificou a distribuição. Os séculos XVIII e XIX haviam despojado o pai do apadrinhamento divino, o século XX acabará de retirar-lhe sua autoridade moral e exclusividade do poder econômico. Se foi possível definir o patriarcado pelo controle da fecundidade das mulheres e da divisão sexual do trabalho, os últimos vinte anos estão marcados por uma dupla conquista feminina: o domínio de sua fecundidade e a divisão do mundo econômico com os homens. Desde então, elas deixaram de ser meros objetos. (BADINTER, 1986. p. 188)

É claro que a autonomia ou individualidade da mulher não estavam inclusos inicialmente nesse acordo, o homem queria sua própria liberdade, mas partilhar esse mesmo direito com a mulher não estava em discussão. Seria preciso quase mais de meio século de luta e revoluções (internas também) para que essas mulheres fossem reconhecidas como sujeitos e donas do seu próprio corpo e destino. Direito à educação, à saúde, o direito de votar, por exemplo, foram conquistados à custa de greves, perdas e mortes, assim como a possibilidade de uma maternidade livre.

Em uma sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres exerceram, entretanto, todo o poder possível. As mulheres do século 19 – e provavelmente em todos os tempos – não foram somente vítimas ou sujeitos passivos. Utilizando os espaços e as tarefas que lhes eram deixados ou confiados elas elaboraram; às vezes, contrapoderes que podiam subverter os papéis aparentes. (PERROT, 2005. p. 273)

À mulher não cabia o direito a vida política ou econômica. O destino que lhe era imposto era a vida doméstica, ao casamento e aos filhos. “As mulheres pertencem à família e não à sociedade política, e a natureza as fez para as tarefas domésticas e não para as funções públicas” (BONAL *apud* BEAUVOIR, 2016). A participação na sociedade sendo muito restrita, colocava a mulher como incapaz de exercer qualquer outra atividade que não a função de dona-de-casa.

Foi um longo percurso para a mulher chegar ao domínio do seu próprio corpo, a experiência da liberdade e individualidade e, conseqüentemente, a escolha pela maternidade. Embora a mulher sempre tenha trabalhado, é com a Revolução Industrial que ela é convocada a participar, de uma maneira bem restrita, nesse processo. A saída da mulher do “seio familiar” também acontece sob muita resistência do homem e do Estado, que tenta colocar sob suas costas, mais uma vez, a sobrecarga de manutenção da família, casamento e filhos.

Beauvoir (2016) ainda comenta que a mulher do século XIX encontra a liberdade da natureza tornando-se senhora do seu próprio corpo. Uma espécie de liberdade dos processos de reprodução, podendo assim realizar algum papel na economia que propõe a ela e assegura a conquista de sua total liberdade. “É pela convergência desses dois fatores: participação na produção, libertação da escravidão da reprodução, que se explica a evolução da condição da mulher” (BEAUVOIR, 2016. p. 175)

Não é bem uma questão de modernização, mas a Idade Contemporânea trouxe grandes avanços para a mulher. As lutas feministas por direitos iguais, o advento a pílula anticoncepcional, a possibilidade do divórcio, esses são alguns dos pontos que possibilitaram que mulher tivesse um lugar de fala e de escolhas, o que não quer dizer que houve uma eliminação das opressões e julgamentos.

A mulher contemporânea saiu da segurança do lar e tem enfrentado o mercado de trabalho em busca de novas possibilidades, novas conquistas e novos modelos de vida. Esta mudança do status da mulher pode ser resultante da autonomia conquistada através de sua atuação fora do lar. A mulher passou a se estruturar como um indivíduo mais valorado, criando um novo olhar para si, diferente daquele concebido até metade do século XX. Esta mudança quanto aos papéis demonstra que houve uma quebra de velhos paradigmas impostos pela sociedade, bem como um distanciamento significativo daqueles de tempos passados. Conseqüentemente, a família também mudou sua configuração, uma vez que os valores familiares deixaram de se fundamentar apenas no homem, passando, então, a serem divididos com a mulher. Portanto, pode-se pensar que a postura adotada pela mulher contemporânea – de sair do lar para provê-lo – acarretou mudanças significativas na estrutura familiar e no modo como seus integrantes lidam com esta situação. (LOPES, 2014. p. 919)

Hoje, as mulheres precisam lidar com outras questões, muitas delas herdadas desse histórico desleal que interrompe o seu percurso “natural” de evolução e desenvolvimento pessoal. São outros embates, novas experiências, meios e metas. Já no início do seu livro “O Conflito”, no prólogo intitulado “A revolução silenciosa”, Badinter (1944 [2011]) traz a ideia de um novo conflito experimentado por essas outras mulheres desse novo tempo com o a sua escolha pela maternidade que com as conquistas de alguns direitos, liberdade e igualdade, passou a ser parte de um investimento pessoal, mas não livre de contradições.

Pode-se dar prioridade às ambições pessoais, gozar do celibato e de uma vida de casal sem filhos, ou satisfazer o desejo da maternidade, com ou sem atividade profissional. De resto, essa nova liberdade se revelou fonte de uma espécie de contradição. Por um lado, modificou sensivelmente a condição de maternidade, implicando o acréscimo de deveres em relação à criança que *decidiu* pôr no mundo. Por outro, dando fim às antigas noções de destino e de necessidade natural, ela traz para o primeiro plano a ideia de realização pessoal. Um filho, dois ou mais, se eles enriquecem nossa vida afetiva e correspondem à nossa escolha de vida, caso contrário, é preferível abster-se. O individualismo e o hedonismo próprios à nossa cultura tornaram-se os principais motivos para a nossa reprodução, mas, às vezes, também para a sua recusa. Para a maioria das mulheres, a conciliação entre os deveres, que não param de aumentar, e o próprio desenvolvimento pessoal continua problemática. (BADINTER, 2011. p. 9-10)

Essa mulher “livre” pode enfim se dedicar ao que deseja, teoricamente, mas os vestígios de uma herança histórica marcada pelo abuso, estigmas, injustiças e perseguição deixaram o conflito da própria mulher com as suas escolhas mais visíveis. Embora se tenha liberdade, a mulher se vê às voltas com a sua própria condição e desordem subjetiva.

1.2 Mulheres “livres”, mães por escolha?

“A mensagem do anjo Gabriel é válida para todas as mulheres que passam, todas ou quase todas, pela anunciação, desejada ou temida, da maternidade próxima. O que era uma fatalidade tornou-se uma escolha. E uma escolha das mulheres, também: o que constitui uma revolução”

Michelle Perrot

O feminino é colocado para a mulher como essa marca de ser *mulher*. Com essa marca ela precisou dar sentido a essa questão, perpassando pelas suas próprias formulações e reformulações à medida em que também foi se constituindo. Vários autores, de diversas áreas ainda discutem esse tema e, apesar de avançarem muito dando enfoque a características da modernidade, ainda há muito o que se dizer.

Parece mais fácil dar um significado global ao que é ser mulher ou sobre o feminino. Mas a história tem mostrado que não é mais suficiente (se é que foi um dia) dar significados e respostas prontas, apontar diretrizes e exigir comportamentos específicos para que esteja pertencente à algum lugar e/ou categoria. Experimentamos, ao longo do estudo, esse sentimento de sofrimento, angustia, violência e dores, que atravessando a mulher, a tornava mais forte para não continuar silenciada.

À mulher foi dada muitas funções: zeladora do lar, mantenedora da higiene e saúde da família (e por conseguinte da sociedade), filha dedicada, esposa cautelosa, amante fogosa, mãe amorosa. Mas nem sempre essa imagem apareceu na história dessa forma.

Como coloca Ariès (1986), a mãe nem sempre era ligada à criança. Nas imagens e pinturas encontradas (no séc. XVI) e estudadas por esse autor através da iconografia, as mães nem sempre estavam perto da criança, esse lugar estava destinado as amas, que faziam essa possível maternagem para com as crianças.

A ama se alegra quando a criança fica alegre, e sente pena da criança quando esta fica doente; levanta-a quando cai, enfaixa-a quando se agita e a limpa quando se suja. Ela educa a criança “e a ensina a falar, pronunciando as palavras como se fosse tatibitate, para ensina-la melhor e mais depressa... ela carrega a criança nos braços, nos ombros ou no colo, para acalmá-la quando chora; mastiga a carne para a criança quando esta ainda não tem dentes, para fazê-la engolir sem perigo e com proveito; nina a criança para fazê-la dormir, e enfaixa seus membros para que não fique com nenhuma rigidez no corpo, e a banha e a unta para nutrir sua pele. (ARIÈS, 1986. p. 158.)

A família como reconhecemos hoje, ou o sentimento de família, deu início com o surgimento do sentimento de infância e é inseparável deste. Os papéis dos que faziam a composição da família também não eram muito claros e demarcados, ajudando a pensar que o lugar de mãe, por sua vez, também não era como nos dias atuais. A análise iconográfica realizada por Ariès, concluiu que só a partir dos séculos XV- XVI e com maior expressão no século XVII passando pela ascensão do patriarcalismo no século XIX, construído por demandas sociais e políticas, a família também foi influenciada por tais questões.

Quando a criança passa a ser vista como criança e não mais como um “adulto em miniatura” (ARIÈS, 1986) com características e necessidades únicas, houve também um deslocamento da atenção para a saúde e educação dessa criança, que passou a ser cuidada dentro do seio da família burguesa, por seus pais e não mais por terceiros (outros familiares e as amas). O convívio da família ficou mais restrito que passou a se reconhecer nos seus pares. Logo, o cuidado da criança passou a ser função da mãe, que precisaria zelar pela saúde e dar boa educação à seus filhos.

Sendo o lugar de mãe reservado somente a ela, as outras questões da mulher foram colocadas de lado. As questões sexuais da mulher não eram nem mencionadas, já que não se teria outra finalidade, que não a procriação, a mulher silenciada, não tinha desejos ou vontades. Afinal, isso não seria possível pensar. Sem voz, à mulher, coube ser formadora e mantenedora da família. Sua participação nas atividades era basicamente voltada as necessidades dos que estavam sob seus cuidados.

À medida que a ordem burguesa vai se consolidando, o modelo familiar nuclear ganha força e se expande. Nessa nova estrutura, a relação mãe/filho passa a ter uma importância fundamental. Começam a surgir livros e manuais que tratam de criação, da educação e dos cuidados com a saúde das crianças e que conferem à mulher um papel privilegiado nessa tarefa. A mulher burguesa vai ser “promovida” ao estatuto de principal responsável pelos cuidados e pela educação dos filhos. É nesse momento que se dá sua fixação no lugar de esposa e mãe, pois até então possuía um papel secundário junto aos filhos, sendo igualada a estes na submissão ao pai. (NUNES, 2000, p. 31)

Para ocupar esse lugar, a mulher era praticamente adestrada; ensinada desde muito cedo: para menina ficaria nomes relacionados à passividade, docilidade e introjetado nela vontade de pertencer ao lar como seu lugar natural, assim como instinto a maternidade, romantismo. Na dualidade com o sexo masculino, que era dado características como desejo de liberdade, racionalidade, vocação ao poder, força, virilidade.

Justificai sempre as tarefas que impuserdes às jovens, mas impondo-lhes sempre tarefas. A ociosidade e a indolência são os dois defeitos mais perigosos para elas e de que dificilmente se curam após contraí-los. As jovens devem ser vigilantes e laboriosas; não é tudo, elas devem ser contraídas desde cedo. Essa desgraça, se é que é uma, é inseparável de seu sexo, e dela nunca elas se libertam senão para sofrer outras bem mais cruéis. Estarão a vida inteira escravizadas a constrangimentos contínuos e severos, os do decoro e das conveniências. É preciso exercitá-las desde logo a tais constrangimentos, a fim de que não lhes pesem; a dominarem suas fantasias para submetê-las às vontades dos outros. Se quisessem trabalhar sempre, dever-se-ia força-las a não fazerem nada por vezes. A dissipação, a frivolidade, a inconstância, são defeitos que nascem facilmente de seus primeiros gostos corrompidos e sempre seguidos. Para prevenir tais abusos, ensinaí-lhes sobretudo a se dominarem. Nas nossas insensatas condições de vida, a existência de uma mulher honesta é um combate perpétuo contra si mesma; é justo que esse sexo partilhe as penas dos males que nos causaram. (ROUSSEAU, 1992 *apud* NUNES, 2000. p. 45)

Ensinadas, as meninas se tornariam mulher ideias, como denominou Rousseau, definindo assim, a verdadeira “natureza feminina”, essa moldada através de uma boa educação. A natureza feminina estaria alienada pelo e para o homem. Badinter (1985) traz nas palavras de Rousseau que a essência da mulher seria relativa ao homem, feita não para agradar a si mesma, mas para agradar ao homem, só assim seria uma mãe, e reflete que no

final das contas o homem que necessita dessa mulher como companheira e só existe a partir dela, o que a autora coloca como uma contradição do filósofo em questão.

A dualidade dos sexos então se concentra também nessa perspectiva de luta de poder. A história sempre colocou a mulher como a perdição, a maldade. Chamada de bruxa e queimada nas fogueiras, as mulheres, ao mesmo tempo que eram vistas como procriadoras, eram também vistas como perdição. Daí a insistência em silenciar a mulher. O homem precisaria manter a mulher em um lugar seguro para que fosse possível ascender. Os métodos de silenciamento da mulher foram muitos e nem sempre eficazes, sendo percebido, tentativas de saída desse lugar, de diferentes formas, no decorrer da história.

O patriarcalismo ou as civilizações patriarcais (como era o caso do Brasil) tiveram homens como figuras centrais de sua estrutura. A família patriarcal, tendo como cerne o homem, controlava as questões econômicas, políticas e sociais, que dispunha de muitos benefícios, inclusive poder sobre as mulheres da família. “As crianças e as mulheres não passavam de seres insignificantes, sem poder expressar suas próprias opiniões e seus desejos, pois apenas deviam obediência ao patriarca” (BORIS, 2007, p. 457)

Logo, com a revolução industrial e a transformação do trabalho, quando o homem abandona os meios de produção realizados em casa para adentrar nas fábricas, muitos saindo da zona rural para zona urbana, a mulher o acompanha e a necessidade de mão-de-obra, acaba por incentivar sua entrada e participação no trabalho fora do lar. Esse é o início da mudança de lugar dessa mulher que, uma vez saindo de casa para trabalhar já não percebe voltando para a posição que antes ocupava.

A revolução industrial e a progressiva formação de um espaço político democrático, transformações que propiciaram aos indivíduos passarem a ter um novo lugar social; a contradições inscrita nos valores democráticos emergentes, que pressupunha uma igualdade de direitos, apesar de tentar excluir as mulheres da coisa pública e circunscreve-las no espaço doméstico. Foi nesse contexto que nasceu o feminismo, cujo objetivo era a igualdade dos sexos e cuja prática era a de um movimento coletivo, social e político. (NUNES, 2000, p. 61)

O feminismo foi esse movimento que uniu mulheres com o objetivo de lutar pelos seus direitos, inclusive da igualdade com os homens, como por exemplo o direito à educação, aos mesmos salários ou a escolha do casamento. Uma das primeiras mulheres a escrever sobre o tema, Mary Wollstonecraft, filósofa e escritora do século 18, ficou conhecida por publicar o livro *Reivindicação dos direitos da mulher* (1792) considerado documento fundador do movimento. A autora denunciou à exclusão das mulheres e reforçou a importância do acesso à

educação para uma construção de um desenvolvimento livre, racional e independente da mulher. (D'ANGELO, 2007)

A mulher então, conquistando direitos, assumindo espaços, foi sendo percebida como sujeito de desejo e assim incorporando novas posições diante do patriarcalismo e da imposição do homem, começa também a se reconhecer como esse sujeito capaz de escolher sobre o seu próprio corpo. Com a chegada da pílula anticoncepcional, a mulher passa a experimentar a prática sexual não só para reproduzir, e descobre o prazer nas práticas sexuais.

Nesse mesmo contexto histórico, concomitante a todas essas transformações, ocorreu uma revolução sexual e a sexualidade feminina passou, então, a ser reconhecida. O prazer feminino até aí escondido e pouco reconhecido, tornou-se bandeira, chegando mesmo a ser “apresentado” a muitas mulheres que o desconheciam e, teve sua existência aceita, defendida e reconhecida pelo Romantismo e com as transformações dele advindas. O tabu social da virgindade caiu e um novo tipo de casal configurou-se, com uma sexualidade aceita e trabalhada, em que o homem passou a ficar mais atento à sua mulher e uma sexualidade satisfatória para ambos se colocou como exigência. (EMIDIO, 2011, p. 62)

É um novo momento para a mulher. Agora ela já não está tão presa ao que representava na vida do lar. Mas está longe de encerrar os conflitos que a cercava. “Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada mais a sociedade lança sobre seus ombros anátema do pecado, do sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho.” (RAGO, 2014)

Assim, nesse novo contexto, há também uma mudança na estrutura da família. Quando a mulher sai de casa para executar tarefas no trabalho, ganha certo domínio sobre sua sexualidade, enfrenta o homem e volta a ser vista como ameaça. Langer (1981) diz que, “frente ao fato da igualdade em todos os campos, os homens sentem-se humilhados, temendo perder sua virilidade se perderem o predomínio social da mulher”. Passando a uma desvalorização profissional e intelectual, foi disseminado no imaginário operário uma imagem feminina: “romântica, sensível, ingênua, explorada, (...), flor frágil e desamparada, vítima do capitalismo vil, corruptor e assassino, ‘máquina inconsciente’ destinada a trabalhar e a procriar, ao contrário do homem, dotado de razão, símbolo da força e da coragem, princípio objetivo da humanidade, ativo e poderoso”. (RAGO, 2014, p.93)

Volta-se então a especulação sobre o lugar dessa mulher, quando na verdade nunca pôde escolher seu lugar, como coloca Beauvoir (2016), a história da mulher foi sempre contada por homens.

Interessante notar que o exercício da maternidade era diretamente vinculado à necessidade de um sacrifício por parte das mulheres. Elas deviam sacrificar seus anseios, seus projetos, sua capacidade de pensar, seus direitos pessoais e civis, em nome dos filhos e do marido. Essa capacidade de sacrifício seria considerada como um dos dons que sua natureza, em função de sua vocação materna, e então enaltecida e “santificada”. A mãe passa a ser tratada como uma mártir da modernidade, ganhando um valor positivo e inexistente até então. Seu sacrifício a redimiria dos pecados de Eva e ela, pelo sofrimento e renúncia, seria colocada em um pedestal. Ser mãe é padecer no paraíso: num mundo divinizado a mulher purga suas culpas e atinge uma espécie de beatificação. (NUNES, 2000, p. 49)

Para responder a esse chamado, a mulher então deveria estabelecer um ideal de feminilidade; entendendo esta como algo inerente a mulher, a maternidade estaria então, em resposta a essa feminilidade, em resposta ao ser mulher e ao seu papel no mundo. Donath (2017) coloca que essa “natureza feminina” que obriga a mulher a ser mãe, também diz de um instinto maternal inato, algo que não precisa aprender.

Esse lugar “divino”, que foi construído e enraizado no imaginário coletivo, atendendo à objetivos muito específicos, coloca a maternidade como algo sublime, ocorrendo inicialmente uma certa romantização desse processo. Colocada como algo necessário à sua condição humana de mulher, afastando-se cada vez mais da realidade que as aquelas mulheres vivem. A maternidade sempre foi colocada como inerente e fundamental para o “tonar-se mulher” no que concerne ao feminino.

Nos dias atuais, a mulher ainda é colocada nesse lugar de sagrado, quando se trata de maternidade, e é difícil pensar em uma mulher sem fazer associação com a maternidade. Essa figura da mulher por muitos e muitos anos foi vista como elemento fundamental para a manutenção do conceito de família ideal e por consequência organização da sociedade, determinando assim o que uma mulher precisaria para ser verdadeiramente mulher (KEHL, 2008. p. 44).

Logo, a mulher que não é mãe, que não produz nem cria filhos, não é, de fato, uma mulher, “aponta para o fracasso de uma posição subjetiva que não produz discurso, da qual só se espera que corresponda ao que está designado no discurso do Outro (...), além de provocar um impasse na sua identificação (KEHL, 2008. p. 65). A mulher se depara com as imposições da sociedade e da cultura, desse Outro, para o que é possível para a mulher e mãe.

Assim, a história nos mostra o amor materno foi construído baseado nos interesses de outras instâncias e, apenas recentemente esse é um assunto discutido pela parte interessada, a mulher, o que está longe de se apresentar sem conflitos. Nos dias atuais, o que observa Badinter (2011), é a existência de uma mulher que passa por uma espécie de conflito com o Mito do Amor Materno que continua pairando sob “o imaginário social coletivo, pontuando que ele é posto em questão a partir dos outros domínios que a mulher veio a conquistar”.

A Psicanálise pode nos ajudar a refletir sobre esse investimento da mulher a respeito do assunto que concerne a maternidade. Se distanciando de uma abordagem unicamente biológica ou do interesse econômico e social, a Psicanálise vem refletir justamente sobre as questões mais subjetivas que a mulher pode levantar em sua individualidade no que diz respeito a suas escolhas enquanto sujeito.

Como entender esse esforço pós-moderno, sobretudo das próprias mulheres, de eliminar a diferença sexual e de propor o terreno pré-edípico como o ideal para o deleite das pulsões perverso-polimorfas acessíveis para todos? A psicanálise é, então, novamente, interrogada a partir de novos paradigmas, não mais para responder à crítica de que a mulher castrada ou a inveja do pênis seriam preconceitos masculinos pela Viena do fim do século XIX, mas a partir da militância das minorias que visam a eliminar ao binarismos e a heterossexualidade, abrindo horizontes para a construção de novas experiências. (FUENTES, 2012. p. 86)

Tomaremos como inspiração o próprio Freud, que na Conferência XXXIII, “Feminilidade”, discorrendo sobre esse assunto tão peculiar que é a sexualidade feminina, reconhece não poder dizer muito sobre a mulher e insiste que nos permitamos inventar uma maneira única de dizer sobre o tema. Ele diz “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vidas dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes.” (FREUD, 1996. p. 134)

Inventemos, então.

2. A MULHER E MÃE NA PSICANÁLISE

“(...) a leitura a revelar uma verdade do discurso literário, a dotar este setor da estética de uma dimensão nova, a fazer ouvir uma fala diferente de maneira que a literatura não nos fale somente dos outros, mas do outro em nós.”

Jean Bellemin-Noel

Sigmund Freud⁴ pensou a Psicanálise quando tentava descobrir a causa de alguns problemas psíquicos. Ouvir mulheres em sofrimento psíquico foi o grande ato revolucionário que impulsionou sua teoria. Essas mulheres – loucas ou possuídas por demônios, doentes, histéricas – eram esquecidas em quartos, trancadas nas suas casas ou manicômios, amordaçadas, amarradas às camas, dopadas por doses altíssimas de medicamentos, recebendo tratamentos que mais pareciam torturas, estavam presas no seu próprio sofrimento, abandonadas à sorte da medicina.

Na biografia escrita por Peter Gay (2012) o autor nos dá uma informação bastante pertinente sobre as publicações de Freud que nos ajuda a pensar nessa correlação com a história e sua participação nela, quando revela que o livro “*A interpretação dos Sonhos*” que foi publicado em 1899, está datado na impressão em 1900. Gay (2012) lança o olhar para essa informação como “um bom símbolo da herança intelectual e influência definitiva de Freud”, revelando que o livro fora escrito por uma mente do século XIX, mas se tornou “propriedade – amada, tripudiada, inescapável” pertencente ao século XX.

Assim como Copérnico demonstrou que a Terra não é o centro do universo e Darwin retirou o homem do centro da criação, Freud descentrou a razão: o inconsciente é a Outra Cena que revela que o ser humano não possui domínio de si mesmo. A existência de um pensamento inconsciente, operando continuamente, redimensiona de modo radical o cogito cartesiano: como sustentar que “penso, logo sou”, se há algo que pensa em mim e, mais do que isso, trama à minha revelia? Logo, eu não penso, e sim “sou pensado”. (JORGE, 2002. p.5)

Sobre isso percebemos que as descobertas que a teoria e prática da Psicanálise por Freud, apesar de conter ainda características de uma mente do século XIX, despontam para algo muito mais abrangente do que o próprio tempo poderia limitar, alcançando a nossa

⁴ Sigmund Freud, médico neurologista, descobre o inconsciente na psicanálise, com uma teoria e prática, para ter acesso a sua descoberta.

contemporaneidade e atravessando o nosso tempo com a mesma potência, ou até mais, do que se poderia esperar dessa construção teórica.

Ao descobrir o inconsciente na perspectiva da Psicanálise, Freud, viabiliza a escuta e autoriza a fala das mulheres históricas, e abre um novo leque de possibilidades e conceitos referentes à sua teoria. Inicialmente utilizando a hipnose para ter acesso ao material que estaria represado no inconsciente, faz uso dessa técnica que se caracterizava por fazer uma leve pressão na fronte do sujeito e guia-lo por suas memórias até chegar a uma situação traumática. Em 1896, Freud abandona a hipnose e inicia um novo capítulo da sua obra.

Uma mulher, uma de suas pacientes, em um dia de análise solicita a Freud que não a hipnotize para que seja possível que ela fale, “apenas fale”. Através dessa paciente, Freud inaugura a regra fundamental da Psicanálise, a associação livre, que se constitui pela fala livre do paciente do que estiver vindo a sua mente, sem se preocupar com o conteúdo ou a forma que fosse expressa.

Ao pedir que os pacientes falem livremente, Freud se depara com conteúdos sexuais infantis, reprimidos, que vêm à tona em meio ao discurso do paciente, o que seria então analisado pelo analista. Garcia-Roza (2009) aponta que a importância dada a sexualidade vai se tornando cada vez maior na compreensão das neuroses e da vida psíquica para Freud, passando a ser um dos pontos centrais da sua teoria.

Segundo Jorge (2012) o inconsciente seria a representação da sexualidade ou de uma realidade sexual que, desde Aristóteles tinha a sua existência reservada a uma espécie de bestialidade e, só então a partir de Freud é considerada como a “pedra angular da constituição da subjetividade”. Então, “todas as criações humanas, sem exceção — os esportes, as artes, as ciências etc. —, estão ancoradas num desejo sexual indestrutível que constitui o núcleo do inconsciente.” (JORGE. 2012. P. 5)

Sob influência da própria medicina, formação acadêmica de Freud, ele escreveu sobre a diferença anatômica dos sexos e também utilizou essa questão como norte para muitas construções conceituais psicanalíticas. Tendo como base o próprio corpo, Freud organizou alguns de seus conceitos e com o texto “*Os três ensaios da Sexualidade*”, aponta para a sexualidade infantil e expande sua teoria à outro nível. Conceitos e disposições no “complexo de Édipo” serão estudados nesse capítulo, para iniciar nossa discussão a respeito da feminilidade e da mulher.

Freud nunca ocultou sua dificuldade em descrever o desenvolvimento psíquico ou a sexualidade feminina. Isso porque o que navega em águas serenas, a tramitação edípica no menino, encontra na menina uma correnteza difícil de controlar. O

primeiro problema que se apresenta é que um evento importante deve acontecer para romper o idílio mãe-filho. No menino, a angústia da castração o conteria em seus desejos libidinosos e os levaria para o mundo dos objetos. Assim, embora Freud defenda que não se pode agarrar a diferença anatômica para entender a oposição masculino-feminino, claramente o pênis terá aí um papel fundamental. A diferença anatômica, para ele, poderia levar à biologia à responsabilidade pela diferença psíquica entre os sexos. Portanto, a pergunta se a mulher nasce mulher ou faz mulher revelaria a preocupação da gênese do sei mulher atribuída a fatores constitucionais, hereditários, ou por outro lado, construídos a partir de uma subjetividade reinante. (MOLINA, 2016. p.55)

Um *continente negro*. Foi assim que Freud se referiu quando tentou explicar sua dificuldade em falar sobre a mulher. Em 1929 ele disse que o que se sabia sobre o desenvolvimento inicial feminino parecia incerto e insatisfatório, tinha procurado entender, mas continuava intrigado e confuso, segundo Peter Gay (2016), a mulher seria um continente inexplorado. Mas, a dificuldade que Freud aponta para falar sobre a mulher não o impediu de escrever sobre esse lugar. Textos como *A Feminilidade* (1933) e *Sobre a Sexualidade Feminina* (1931) nortearam discussões dos outros teóricos que seguiram o pensamento Freudiano e que estarão como suporte teórico na discussão desse trabalho.

Tomando como exemplo o próprio Freud, para uma melhor análise desse tema utilizaremos uma outra fonte muito especial, a literatura. Freud já falava nessa possibilidade de estudar a psicanálise se emprestando e tomando emprestado à arte como um todo e a literatura em especial, uma vez que se utiliza dos mitos para dar corpo à sua teoria, como, por exemplo, o Mito de Édipo Rei, para exemplificar o Complexo de Édipo; Totem e Tabu, escrito pelo próprio Freud, também nos ajuda a pensar em como ele se utiliza da literatura para explicar de uma maneira possível os conceitos que concernem a Psicanálise.

A literatura sempre forneceu metáforas, imagens, arquétipos e conceitos ao saber psicanalítico, aproveitados em várias instâncias (Édipo, narcisismo, bovarismo, entre tantos), mostrando uma anterioridade e uma supremacia da experiência literária. Como diz Leyla Perrone-Moisés, “é pelo fato de lidar sempre com metáforas, que a literatura não precisou esperar a psicanálise para dizer o inconsciente e seu complexo funcionamento” (MOISÉS, 2002, p. 211). Certamente, esta é uma relação de mão dupla, mas, na contabilidade geral, a psicanálise me parece mais devedora da literatura do que o contrário. (ROSENBAUM, 2012. p. 226)

No texto “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” (1907 [1906]), Freud faz uma análise utilizando os recursos da psicanálise dos sonhos e delírios que são apresentados na obra de *Gradiva*. Freud compara que o material do escritor é semelhante ao material onírico presente no sonho. Ele diz que “provavelmente bebemos na mesma fonte e trabalhamos com o mesmo objeto, embora cada um com seu próprio método” quando se refere ao escritor e psicanalista, que seria o inconsciente. Percebemos então que Freud considera a literatura

(assim como a arte como um todo) um meio para se estudar a psicanálise, uma vez que se pode observar ali no texto fragmentos do próprio inconsciente.

A concordância entre nossos resultados parece garantir que ambos trabalhamos corretamente. Nosso processo consiste na observação consciente de processos mentais anormais em outras pessoas, com o objetivo de poder deduzir e mostrar suas leis. Sem dúvida o autor procede de forma diversa. Dirige sua atenção para o inconsciente de sua própria mente, auscultando suas possíveis manifestações, e expressando-as através da arte, em vez de suprimi-las por uma crítica consciente. (FREUD, 1996. p. 83-84)

Segundo Bellemin-Noel (1983) a literatura é o meio que o homem se questiona sobre sua história, seu funcionamento social e mental e também é através dela que se toma consciência da humanidade, “que pensa, que fala”. Ainda diz da importância de se conhecer os mitos religiosos, epopeias profanas, narrativas, contos, teatros, romances, “o que é preciso ler”, assim se consegue obter uma visão de mundo.

Literatura e psicanálise “leem” o homem na sua vivência cotidiana tanto quanto no seu destino histórico. Elas se assemelham mais profundamente por excluirmos qualquer *metalinguagem*: não há diferença entre o discurso que se faz sobre elas e os discursos que as constituem. Sabe-se que nunca chegaremos a nos desligar verdadeiramente daquilo de que falamos, e, entretanto, fixamos como finalidade chegar a verdades *falando do homem que está falando*. (BELLEMIN-NOEL, 1983 p. 13)

O autor conclui o texto afirmando que lendo a ficção que o texto literário é, através do olhar da psicanálise, nos permite “oferecer aos textos uma outra dimensão e observar a escritura na sua gênese e no seu funcionamento”. Esse exercício é muito caro para o psicanalista que encontra no texto literário material prático do seu conteúdo teórico, facilitando assim, a visualização, exemplificada, dos conceitos psicanalíticos sem ferir a ética e o sigilo do trabalho analítico.

Assim, também tomaremos emprestados personagens da literatura e conceitos da psicanálise para refletir sobre as questões do feminino e maternidade. Medéia, título e personagem central da tragédia grega escrita por Eurípedes (C. 480-406 a.C.) será relida por esse olhar da psicanálise. Ela e outras mulheres que estão na literatura nos ajudando a dar voz e pensar sobre as suas feminilidades.

Psicanalistas e estudiosos da psique humana como Freud, Lacan, Antônio Quinet, Maria Rita Kehl e outros autores da contemporaneidade nos ajudarão nessa pesquisa, orientando e fomentando a discussão no que diz respeito às feminilidades, maternidades e o ser mulher. Ao falar sobre a mulher, a psicanálise abre diversas indagações que nos autoriza a transitar por diferentes lugares.

Ao nos debruçarmos sobre esses conceitos e acreditando que a Psicanálise possui conteúdos imprescindíveis para essa pesquisa, uma vez que nos permite indagar e experimentar a diversidade das subjetividades, o estudo da teoria psicanalítica será a base do nosso estudo, sempre levando em consideração os questionamentos que fomentam nosso trabalho.

2.1 De mulher à mãe, uma representação em Freud

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no sio da sociedade.”

Simone de Beauvoir

A frase de Simone de Beauvoir escrita em 1949 no livro “O segundo sexo – Fatos e Mitos” (2016, v.1.), já nos encorajava a falar e discutir sobre essa determinação do que poderia ser uma mulher, quebrando, de certa forma, com os rótulos e condições impostas, denunciando um lugar de não reconhecimento, abrindo às diversas possibilidades de sair deste, que embora se diga que é seu e queria exigir da mulher essa correspondência com o biológico e social, trazendo para outro lugar essa discussão, que não somente as questões biológicas.

Freud também parte do biológico para falar da sexualidade humana, sobre a mulher e sobre o feminino. Mas é sabido que ao longo da construção da sua teoria foi se distanciando de alguns conceitos e refletindo sobre novas formulações sobre essa ciência. Ele não se limitou ao seu primeiro pensamento e reconheceu que para fazer ciência é necessário estar aberto às mudanças e alterações de conteúdo que possam surgir, “o progresso não é totalmente rígido” (FREUD, 1915), ele disse e foi assim durante todo o seu percurso.

Como foi dito no primeiro capítulo, a teoria pensada por Freud, revela a existência de uma sexualidade já na infância e a constituição de sujeito estaria ligada a essa parte do desenvolvimento. Tentando explicar como se dá esse desenvolvimento sexual infantil, partindo da investigação do que as crianças dizem e fazem, de como os adultos lembram de sua infância e relatam em análise e da interpretação desse material. Assim, ele reconhece que todas as crianças, já na sua primeira infância, despertam para a atividade sexual, antes da puberdade.

A criança tenta criar teorias para tentar explicar suas interrogações a respeito do que estão escondendo dela, ela sabe que não estão contando tudo, sobre o nascimento dos bebês,

por exemplo. A primeira dessas teorias tem a ver com o desconhecimento da diferença entre os sexos: meninos e meninas teriam um pênis.

A anatomia reconheceu no clitóris situado no interior da vulva feminina um órgão homólogo ao pênis, e a fisiologia dos processos sexuais acrescenta que esse pequeno pênis, que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância, como um pênis genuíno – torna-se a sede de excitações que fazem com que ele seja tocado, e a sua excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga de repressão nos anos de puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher. (FREUD, 1908. p. 197)

A segunda teoria, continuando ainda sobre a questão em torno do nascimento dos bebês, seria que o “bebê precisa ser expelido como excremento, numa evacuação”. E a terceira teoria criada pela criança se dá quando, por qualquer motivo, a criança se depare com a relação sexual dos seus pais, dando início ao que Freud vai chamar de “cena primária⁵”, revelando a presença da curiosidade da criança, ele supõe que nos primeiro anos esse comportamento é uniforme e todas elas anseiam por maiores informações a respeito da sua posição de sujeito.

“‘A anatomia é o destino’, para variar um dito de Napoleão” diz Freud (1924, p. 197) ao tentar explicar quanto o desenvolvimento psíquico está relacionado a diferenciação dos sexos. Para explicar, ele parte inicialmente da diferença anatômica existente entre menino e menina, dando um lugar central a existência do pênis, o *falo*, adquirindo uma significação dominante.

(...) a característica principal dessa “organização genital infantil” é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é a primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*. (FREUD, 1923. p. 158)

Nesse texto de 1923 “A organização genital infantil”, Freud ainda não tem muito a dizer de como o processo ocorre na menina, explicando que para o menino é bem mais fácil naturalizar a existência desse órgão para todos os seres semelhante ao seu, e só depois de “pesquisar” sobre esse órgão nas outras pessoas, o menino descobre que ele não é uma posse de todos e vai tentar encontrar uma explicação para tal acontecimento: rejeitando o fato, acreditando que ainda veem um pênis ou esperando que ainda vai crescer e, finalmente, presumindo que estava ali antes e houve uma retirada, dando lugar ao complexo de castração,

⁵ Cena primária ou originária; *Urszene*; O termo *Urszene* aparece na pena de Sigmund Freud em 1897. A partir daí, teria sempre a mesma significação: designa a relação sexual entre os pais, tal como pode ser vista ou fantasia da pela criança, que a interpreta como um ato de violência, ou mesmo de estupro, por parte do pai contra a mãe. (ROUDINESCO, 1944. p. 108)

que veremos a seguir, no Complexo de Édipo. A mulher por não ter um pênis seria castrada como algum tipo de punição.

Freud continua escrevendo em 1924 (*“A Dissolução do complexo de Édipo”*) que é “incompreensível, obscuro e cheio de lacunas” como esse processo ocorre nas meninas, afirmando que o sexo feminino também desenvolve um complexo de Édipo, mas que passa de uma maneira diferente, uma vez que a menina acha que possuiu o pênis, mas que perdera por meio da castração. A diferença entre o menino e a menina seria justamente que “a menina aceita a castração como um fato consumado” enquanto o menino tem medo que isso ocorra com ele.

Estando assim excluído, na menina, o temor da castração, cai também um motivo poderoso para o estabelecimento de um superego e para a interrupção da organização sexual infantil. Nela, muito mais importante que no menino, essas mudanças parecem ser resultado da criação e de intimidação oriunda do exterior, as quais a ameaçam com uma perda de amor. O complexo de Édipo da menina é muito mais simples que o do pequeno portador do pênis; em minha experiência, raramente ele vai além de assumir o lugar da mãe e dotar adotar uma atitude feminina para com o pai. A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. (FREUD, 1924. p. 198)

O Complexo de Édipo tem um papel constitucional no período sexual da primeira infância. Assim como é dada muita importância à sua passagem, é imprescindível que ele chegue ao fim. “O Complexo de Édipo deve ruir porque chegou a hora para a sua desintegração, tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a crescer”. (FREUD, 1924. p. 193). Admitindo no final desse texto que a compreensão desse processo na menina é “insatisfatório, incompleto e vago”.

Levando em consideração os termos atividade-passividade atribuindo a correspondência destes ao masculino-feminino, respectivamente, Freud (1925) vai dizer sobre o pênis que a menina “o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo”, o que a colocaria numa posição masculina o que pode dificultar o acesso a sua feminilidade, se não puder ser superado, sendo preciso abandonar a inveja do pênis. O clitóris seria o correspondente ao pênis na menina, fonte de prazer através da masturbação, que precisa ser abandonado, para o desenvolvimento da sua feminilidade.

Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. Essa contradição se esclarece se refletirmos que o complexo de castração

sempre opera no sentido implícito de seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. Em suas essências, portanto, nossos achados são evidentes em si mesmos e teria sido possível prevêê-los. (FREUD, 1925. p. 285)

Freud (1925), ainda nesse texto “*Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*”, reconhece a ideia feminista que já estava sendo levantada a respeito das suas teorias sobre a mulher e sobre o feminino e, embora não concorde com posição de que homens e mulheres são iguais em posição e valor, diz que “os indivíduos humanos combinam em si características tanto masculinas quanto femininas”.

A questão do par feminino-masculino respectivamente endereçado para mulher-homem ainda se apresenta, mas Freud também coloca essa questão de uma maneira mais reflexiva. Justifica que tem muitos argumentos nas ciências para se pensar dessa forma. Como, por exemplo, “a célula sexual masculina é ativamente móvel e sai em busca da célula feminina, e esta, o óvulo, é imóvel e espera passivamente” (FREUD, 1933) ou a questão do próprio coito. A seguir, ele diz que até para ter essa posição de passividade foi necessária uma grande quantidade de atividade, se referindo a posição da menina no Complexo de Édipo.

Masculino e feminino, ativo e passivo, homem e mulher são parâmetros que se confundem em muitos momentos na teoria. A afirmação de que a libido é masculina por ser ativa ou de que ninguém é totalmente masculino e feminino remetem a uma transcendência dos termos. Freud nunca se deu por satisfeito com a equação masculino-feminino atividade-passividade, mas não conseguiu imaginar outra equação plausível e muitas vezes recorreu a essa, em geral – mas não sempre – cercada de restrições e autocríticas. (APPIGANESI, 2010 *apud* MOLINA, 2016. p. 66)

Logo, a anatomia não daria conta de responder as questões da feminilidade. A psicologia por sua vez também “é incapaz de solucionar o enigma da feminilidade”. A psicanálise por sua vez, “não tenta descrever o que é a mulher, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual”.

Em Freud mesmo há uma outra versão possível do feminino onde o “ser mulher” não é sinônimo de castração e marca algo de uma positividade própria. “Albergue do pênis e herdeiro do seio materno” são os termos escolhidos por ele para designar o corpo feminino e sua inscrição subjetiva na segunda onda que atinge a sexualidade, na puberdade. Encontramos essa expressão no final do texto de 1923, “Organização genital infantil”, e invariavelmente retornamos a ela quando queremos sustentar na obra freudiana uma posição em relação ao feminino que não seja apenas de portador

de mácula ou de enigma. É muito pouco, certamente, diante do que foi o tamanho da obra e da subversão operada pela psicanálise. (POLI, 2015. p. 26)

O Complexo de Édipo, falado por Freud desde o início de sua obra vai aprofundando os conceitos a medida que avança nas escutas dos seus pacientes. Como coloca Maria Cristina Poli (2015), é através da passagem pelo Complexo de Édipo que acontece a interdição do incesto e a compreensão do que seria ser homem e mulher. Ela diz que “a ‘escolha’ por um dos caminhos é determinada em primeiro lugar pela anatomia percebida deforma deveras seletiva: ou se tem um pênis ou não se tem. Presença ou ausência. O nome dessa alternância é homem e mulher, fático ou castrado”.

Assim também pensava Freud, ao falar do Complexo de Édipo no início dos seus estudos. Seria necessário a presença de um pai e de uma mãe, para que a criança desenvolvesse e passasse por esse processo. Lacan veio trazer uma nova percepção acerca do Complexo de Édipo quando pensa a teoria para além do Édipo e reconhece que a necessidade da presença do Outro seria sob a forma de função, e não propriamente da pessoa pai e mãe, dando lugar para as mais diversas formulações de família. Nasio (2007) traz na introdução do seu livro “Édipo: Complexo do qual nenhuma criança escapa” nos incentivando a pensar no Édipo como algo abrangente:

O Édipo de que vou falar é uma lenda que explica a origem de nossa identidade sexual de homem e mulher e, além disso, a origem de nossos sofrimentos neuróticos. Essa lenda envolve todas as crianças, vivam em uma família clássica, monoparental, recomposta ou, ainda, cresçam no seio de um casal homossexual, ou até mesmo sejam crianças abandonadas, órfãs e adotadas pela sociedade. Nenhuma criança escapa ao Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança de quatro anos, menina ou menino, escapa à torrente das pulsões eróticas que lhe afluem e porque nenhum adulto de seu círculo imediato pode evitar ser o alvo de suas pulsões ou tentar bloqueá-las. (NASIO, 2007. p. 6)

Mas afinal o que seria o Complexo de Édipo? Embora Freud não tenha dedicado um único texto para trabalhar a questão do complexo de Édipo, ele este presente em muitos dos seus textos – quando trabalha a questão do complexo de castração, por exemplo – complementando a teoria da existência de uma sexualidade infantil e como essa fazia parte da sua constituição enquanto sujeito. Como é sabido, Freud, realizou sua própria análise e dispensou energia para analisar seus próprios sonhos e questionamentos, através da sua teoria. Em uma carta a amigo Fliess, ele reconhece a presença de semelhança com um mito, ele diz:

Ser completamente honesto comigo mesmo é uma boa norma. Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram

histéricas. (...) Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus Rex, apesar de todas as objeções levantadas pela razão contra a sua pressuposição do destino; e podemos entender porque os “dramas do destino” posteriores estavam fadados a fracassar lamentavelmente. (...) Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (FREUD, 1987[1996]). p. 316).

Freud encontra no mito grego, escrito por Sófocles, Édipo rei⁶, uma maneira de visualizar e explicar o que acontece no desenvolvimento sexual da psique humana e reconhecer suas fantasias, atravessá-las e encontrar no seu processo de identificação com o masculino ou feminino, no que diz respeito a sua sexualidade. Entende-se que nesse primeiro momento do desenvolvimento infantil, a fantasia que prevalece, tanto no menino como na menina, é que os dois possuem o pênis, já que ainda não se reconhece a diferença anatômica. Em torno dessa presença-ausência e o medo de perder ou o desejo de conseguir, que vai ser constituído o Complexo de Édipo.

No menino, a saída do Complexo de Édipo se dá a partir do Complexo de castração: entendendo que possui o pênis, tenta preservá-lo e tem medo de perdê-lo, isso é a angústia de castração. “É justamente pelo temor da castração que eles (os meninos) renunciam o desejo incestuoso pela mãe, recalcando as fantasias edípicas” (POLI, 2007 p. 22).

Essa angústia de castração, que fica maior do que a fantasia do prazer, faz com o menino tenha medo de perder o seu pênis, possibilitando que ele desista do seu objeto de desejo (a mãe). Com a resolução do complexo de Édipo no menino acontece a

⁶ Na mitologia grega, Édipo é filho de Laio e Jocasta. Para evitar que se realize o oráculo de Apolo, que lhe previra que ele seria morto pelo filho, Laio entrega seu menino recém-nascido a um criado, para que ele o abandone no monte Citéron, depois de lhe transpassar os pés com um prego. Em vez de obedecer, o criado confia o menino a um pastor de ovelhas, que em seguida o entrega a Pólibo, rei de Corinto, e à mulher deste, Merope, que não têm descendentes. Eles lhe dão o nome de Édipo (*oidipos*: pés inchados) e o criam como seu filho. Édipo cresce e ouve rumores que dizem que ele não seria filho de seus pais. Por isso, dirige-se a Delfos para consultar o oráculo, que de pronto lhe responde que ele matará o pai e desposará a mãe. Para escapar a essa previsão, Édipo viaja. Na estrada para Tebas, cruza por acaso com Laio, a quem não conhece. Os dois homens brigam e Édipo o mata. Nessa época, Tebas vinha sendo aterrorizada pela Esfinge, monstro feminino alado e dotado de garras, que mata todos aqueles que não decifram o enigma que ela propõe sobre a essência do homem: “Quem é aquele que anda sobre quatro pés, depois, sobre dois e, depois, sobre três?” Édipo dá a resposta certa e a Esfinge se mata. Como recompensa, Creonte, o regente de Tebas, dá-lhe por esposa sua irmã, Jocasta, com quem ele tem dois filhos, Eteoclés e Polinices, e duas filhas, Antígona e Ismene. Os anos passam. Um dia, a peste e a fome se abatem sobre Tebas. O oráculo declara que os flagelos desaparecerão quando o assassino de Laio tiver sido expulso da cidade. Édipo pede então a todos que se manifestem. Tirésias, o adivinho cego, conhece a verdade, mas se recusa a falar. Por fim, Édipo é informado de seu destino por um mensageiro de Corinto, que lhe anuncia a morte de Pólibo e lhe conta como ele próprio, no passado, havia recolhido um menino das mãos do pastor para entregá-lo ao rei. Ao saber da verdade, Jocasta se enforca. Édipo vaza os próprios olhos e em seguida se exila em Colono com Antígona, enquanto Creonte retoma o poder. Em *Édipo rei*, Sófocles adapta apenas uma parte do mito (a que se relaciona com as origens de Tebas) e a faz verter-se no molde da tragédia. (ROUDINESCO, 1944. p. 166-167)

dessexualização dos pais, pois o menino escolhe preservar o seu pênis, valendo assim a “Lei do interdito do incesto” (NASIO, 2007), assim, o menino pode escolher outros objetos de desejo.

O cuidado com o pênis para sua autopreservação vai acompanhar o menino por toda sua vida e vai ser o componente principal para sua identificação sexual: “o jovem adolescente integrará a ideia de que o pênis é um atributo exclusivo do homem e, se já descobriu a vagina, que a vagina é um atributo exclusivo da mulher. Pouco a pouco, ele se forjará uma identidade sexual de homem” (NASIO, 2007).

Assim, de uma maneira bem simplificada e resumida, o complexo de Édipo no menino acontece da seguinte forma: ele endereça seu amor à mãe e por medo da castração, abdica desse lugar e se identifica com o pai, possuidor do falo, e que poderá ser como ele e continuar sem perdê-lo.

Na menina, a passagem por esse complexo é um pouco mais complicada. Freud considerou uma fase antes do Édipo na menina, “Fase pré-edipiana”, onde a menina endereça seu amor à mãe. O primeiro objeto de amor tanto do menino, quanto da menina é a mãe. Nessa fase, a menina acredita ter também o pênis. Mas sente dor (dor da privação) por perceber que o perdeu. Nasio (2007) vem nos dizer que o falo (termo usado para falar do pênis simbolicamente) para a menina não é o pênis e sim a “imagem de si”. Para cuidar disso, reivindicando a ajuda do pai, a menina entra no Édipo, rompendo com a mãe. Espera que o pai possa lhe dar o falo, mas com a impossibilidade de isso acontecer, deseja agora ser o falo e passa a se identificar com a mãe e com sua feminilidade, já que o pai está com a mãe.

Freud também concebe como parte do desse processo na menina, o complexo de masculinidade, que seria uma reação à descoberta da castração materna. Como o primeiro objeto, tanto do menino quanto da menina é mãe, acontece algo de diferente para a menina, que nesse processo vai possuir dois objetos de amor e, portanto, dois rompimentos. Enquanto o menino, que tem como objeto a mãe e renuncia esse, saindo do Complexo de Édipo, a menina renúncia a mãe, volta-se para o pai, mas também precisa renunciá-lo.

O complexo de masculinidade resulta de uma desilusão causada pelo pai e vem depois que a menina muda seu endereçamento da mãe para o pai. Karen Horney (*apud* ANDRÉ, 1998) diz que as mulheres que manifestam um complexo de masculinidade que sobressai “tentaram inicialmente resolver o complexo de Édipo normalmente, conservando sua identificação primitiva com a mãe e, como esta, tomando seu pai como objeto de amor”.

(...) é a mãe quem se beneficia dos desejos sexuais paternos e que recebe filhos. Daí, na filha, um sentimento de decepção com referência ao pai, e de ciúmes com relação à mãe. Essa decepção pode ter como efeito que a menina renuncie não apenas a sua reivindicação amorosa dirigida ao pai, mas também ao seu desejo de um filho. Ela é então remetida regressivamente à inveja do pênis: ali está, segundo Horney, o complexo de masculinidade propriamente dito. Mas a autora traz uma contribuição suplementar: o abandono do pai enquanto objeto de amor é acompanhado por uma identificação com ele. (...) Essa identificação com o pai não deve ser confundida com o desejo de ser um homem; ela é o desejo de desempenhar o papel do pai. (ANDRÉ, 1998. p. 200)

O complexo de masculinidade não seria simplesmente a inveja do pênis, mas seria também o desapontamento da menina com relação ao seu pai, não sendo possível para resolver questão da feminilidade para a menina, uma vez que não se resumiria na ausência do pênis ou o desejo de possuí-lo.

A menina tenta ter o falo, ser o falo e agora tenta ser o próprio pai e identifica-se com ele. Logo, a menina que antes se identificava com a feminilidade de sua mãe, também se identifica com a masculinidade do seu pai, o que empurra para a saída do Complexo de Édipo, sob a promessa de ser amada e dar a luz a um filho. Para Freud, essa é a saída para a menina: a promessa de ter um filho.

Como então é resolvido o Édipo da menina? Proponho-lhes o que poderia ser seu desenlace ideal. A fantasia dolorosa de ter sido privada de um Falo todo-poderoso encerrou-se definitivamente. Agora, a jovem em seu devir mulher esqueceu-se completamente da alternativa pueril de ter ou não ter o Falo. Ela não mede mais seu ser nem seu sexo com a régua de um suposto Falo masculino. Ela fez o luto do Falo ilusório e constata que seu sexo é diferente da falta de um Falo desaparecido. Assim, supera a ideia infantil que faz da mulher uma criatura castrada e inferior e para de recriminar a mãe e de rivalizar com o homem. A menina descobre a vagina, o desejo de ser penetrada e gozar com o pênis na união sexual; da mesma forma, descobre o útero e seu desejo de carregar um filho do homem amado. (NASIO, 2007. p. 61)

No texto “*Feminilidade*” (1932), Freud vai falar mais explicitamente sobre como acontece o Complexo de Édipo na menina, dando uma importância maior ao seu relacionamento com mãe na fase pré-edipiana e como sua escolha objetual e a mudança desse objeto traz características ativas e não somente passivas, como era pensando até então. Assim como sua relação com seu pai no que diz respeito “construção” ou constituição da sua feminilidade.

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. Não nos passou despercebido o fato de que a mesma desejou um bebê anteriormente, na fase fálica não perturbada: este era, naturalmente, o significado de ela brincar com bonecas. Todavia esse brinquedo não era, de fato, expressão de sua feminilidade: serviu como identificação com sua mãe,

com a intenção de substituir a atividade pela passividade. Ela estava desempenhando o papel de sua mãe, e a boneca era ela própria, a menina: agora ela podia fazer com o bebê tudo o que sua mãe costumava fazer com ela. Não é senão com o surgimento do desejo de ter um pênis que a boneca-bebê se torna um bebê obtido de seu pai e, de acordo com isso, o objetivo do mais intenso desejo feminino. Sua felicidade é grande se, depois disso, esse desejo de ter um bebê se concretiza na realidade; e muito especialmente assim se dá, se o bebê é um menininho que traz consigo o pênis tão profundamente desejado. Com muita frequência, em seu quadro combinado de “um bebê de seu pai”, a ênfase é colocada no bebê, e o pai fica em segundo plano. Assim, o antigo desejo masculino de posse de um pênis ainda está ligeiramente visível na feminilidade alcançada desse modo. Talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino. (FREUD, 1933 [1996]. p. 128)

Ser mulher ou tornar-se mulher estaria estreitamente ligado ao fato de tornar-se mãe que, segundo Serge André (1998), a chave deixada por Freud para a feminilidade seria o desejo de ser mãe. Ele diz “o desejo de um filho, suposto dar uma realização simbólica ao desejo inicial do pênis, significa em última instância que Freud atribui ao filho o papel de significante da identidade feminina, à falta de um outro sinal.” Demonstrando a particularidade da feminilidade como construção de uma possível maternidade, colocando o filho como esse objeto que tornaria possível ser mulher.

Se por um lado a maternidade deveria realizar a pretensão edípica e finalmente obter um falo, por outro lado nada mais era solicitado à mulher que se tornava mãe, além de cuidado de dedicação a seus filhos. Maternidade e casamento significariam uma espécie de ponto de chegada para a mulher, a partir do qual nada mais era esperado dela, nem no plano erótico nem no sublime; no erótico, é como se a feminilidade não tivesse qualquer outra função depois de ter cumprido seu único objetivo, a conquista de um homem que lhe desse um filho. Não que a mulher que se tornava mãe deixava de ser feminina, sedutora, sensual, etc. A deserotização da esposa/mãe pode ter sido uma imposição da moral vitoriana; mas para a Freud parecia uma consequência inelutável do percurso de subjetivação feminino já que em sua teoria todos os interesses libidinais das mulheres culminariam na posse de um filho. (KEHL, 2008. p. 210)

A promessa de ser amada também seria uma saída para o complexo de Édipo, uma vez que esse homem poderia lhe dar um resultado que apaziguasse sua questão com o ser mulher. A demanda de amor que substituiria em alguma instância a inveja do pênis, colocaria a mulher nesse outro lugar, continuando ainda deliberando a um outro a constituição do seu feminino.

A feminilidade foi um assunto considerado um “enigma da natureza”, mas embora sendo enigmático, Freud consegue avançar e dá os primeiros passos para que continuemos na busca sobre o feminino. Inicialmente tenta solucionar esse enigma dando como conclusão para tornar-se mulher a concepção de um bebê, mas advertindo que o estudou sobre a feminilidade ainda é incompleto e fragmentado e deixa aos poetas ou a experiência de cada um a possibilidade de se saber mais sobre o tema.

Vale a pena refletir sobre essa questão colocada por Freud sobre o tornar-se mulher estar ligado à presença de um filho, nos indagando sobre como essa maternidade recai para a mulher, nessa perspectiva da psicanálise, sobretudo por essa colocação excluir a individualidade do desejo de ser mãe de cada mulher, já que a coloca como uma parte do processo para ser de fato uma mulher. Vale lembrar também que Freud era um homem da sua época, no século XIX a mulher não tinha muito espaço de fala e o machismo era essencialmente preservado e propagado, mas foi através da escuta dessas mulheres que Freud abre o caminho para os estudos sobre a sexualidade feminina o que nos permite discutir até os dias atuais.

Assim, é a partir dessa abertura que Freud constrói que podemos expandir nossas reflexões sobre o ser mulher e a maternidade. Pensar se àquelas mulheres que não se colocam para a maternidade não seriam consideradas mulheres? Como se daria a constituição da feminilidade por um outro lugar? Freud inicia esse estudo, mas não o conclui, e deixa essas e outras questões para os próximos psicanalistas continuarem a pensar e elaborar a respeito disso, que ainda nos chama tanta atenção e ainda tem tanto pra se dizer.

2.2 Feminilidades além de Freud

“A mulher não existe.”

Jacques Lacan

Conhecido por seus aforismas polêmicos e matemas enigmáticos, Jacques-Marie-Émile Lacan⁷, que se intitulava Freudiano e não Lacaniano, revisita os conceitos deixados por Freud e, com uma leitura influenciada pela filosofia, linguística e topologia, abre um novo percurso para a psicanálise. “Suas sessões de tempo variável, suas críticas ao modelo hegemônico de transmissão, sua política dos seminários, bem como seu projeto de fazer da psicanálise uma ciência da linguagem habitada pelo sujeito” (DUNKER, 2016), deram a Lacan um lugar de destaque, no mínimo curioso, dentro da psicanálise.

⁷ Lacan trouxe para psicanálise uma disciplina de reinvenção e fidelidade a Freud, nos levando aos debates e métodos da ciência de sua época junto com os autores mais clássicos da filosofia. A linguística não parou com Saussure e Jakobson, a topologia descobriu os polinômios de Alexander, fundamentais para a teoria dos nós, só depois da morte de Lacan, a etologia avançou muito depois de Lorenz e Baldwin, a filosofia de Hegel não se contenta mais com os comentários de Kojève e Hyppolite, a literatura não se encerrou com Joyce e Duras. (DUNKER, 2016. p. 11-12)

Assim, a dualidade estabelecida entre masculino e feminino, homem e mulher, também é estudada sob uma nova perspectiva em Lacan, o que torna possível falar dessa feminilidade de uma maneira um pouco menos engessada. Como já foi visto, o dualismo não é eficiente para dizer da diferença sexual no que diz respeito a psique. Não se pode dizer do homem e da mulher somente através da presença/ausência do pênis.

Ao mostrar a dissimetria entre o masculino e o feminino, que o sistema centrado no pai só podia conceber como complementares e/ou rivais; as mulheres não são um conjunto complementar aos homens, regido por uma mesma lógica de conjunto. Lacan então toma o feminino como suplementar. Todos os homens, macho e fêmea, pai e mãe, irmão e irmã, amantes, no sentido de todos seres humanos submetidos à universalização, isto é, seres que habitam a linguagem, mas não todos do lado feminino. (...) Finalmente a identificação masculina é requerida para ser uma mulher, o que o não quer dizer que ela baste para disso fazer um, no que concerne ao gozo. (BROUSSE, 2019. p. 59)

Embora Lacan tenha se colocado como Freudiano, ele precisou rever algumas colocações previstas por Freud e a partir dali dar novo sentido à alguns desses termos. O falo, por exemplo, visto por Freud como eixo da castração, sendo equivalente ao pênis, fomentando a ideia da diferença anatômica colocada por ele, tem novo lugar nos textos de Lacan;

Para Lacan, em sua tentativa de ultrapassar uma leitura realista ingênua, empirista e biologizante de Freud, o falo não pode ser considerado como equivalente ao pênis. (...) o falo passa a ser pensando como o representante da falta e a falta como o articulador central do desejo”. (DUNKER, 2016. p. 23)

Demarcando assim uma série de posicionamentos esboçados por Lacan, alguns deles indo além do que Freud deixou no seu legado, outros discordando do seu pensamento e dando outros posicionamentos a respeito da Psicanálise. “Vai além do Édipo”, como comenta Jorge Forbes (1996), Lacan rompe as barreiras desses nomes do Édipo – pai e mãe – e fala, deles, a partir de outro conceito, estabelecendo essas relações com o Édipo com ligações não com as pessoas, mas com função que estas desempenham com a criança. “Ir além do Édipo”, complementa Forbes (1996), “é forçar a palavra onde normalmente nada poderia ser dito”.

Lacan pensou o Complexo de Édipo dividido em três tempos lógicos, a partir desses registros psíquicos: Real, simbólico e Imaginário, levando em consideração a presença do falo⁸ e levantando a questão de “ter ou ser” o falo, questão essa tão primordial para constituição de sujeito.

⁸ (...) o falo é um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta quem sabe, o véu daquela que mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante designado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante. (LACAN, [1958] 1998. p. 697)

No primeiro tempo a criança está em uma relação fusional com a mãe, acreditando *ser* o próprio falo para ela, funcionando como o próprio objeto imaginário. “Essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da Lei.” (LACAN, 1958. p, 198). Aqui o pai aparece de maneira velada ou ainda não se coloca. Assim, a criança fica fechada nela mesma, e não tem outra coisa senão o desejo da mãe. Lacan diz que é justamente isso que precisa ser atravessado.

No segundo tempo, começa a existir a incerteza psíquica para a criança “*sou ou não sou o falo?*”, uma vez que essa mãe endereça seu desejo também para outro objeto. A criança então, com a presença de um Outro, começa a ser desalojada desse lugar de objeto com a intervenção do pai. “O pai intervém como privador materno. Trata-se do pai proibidor que intervém anunciando duas proibições: ao filho - não te deitarás com tua mãe – e à mãe - não reintegrarás seu produto.” (SILVA, 2019. p. 62). É através da palavra do pai (que já aparece de uma maneira não tão velada), que a mãe permite aparecer, que a criança vai conseguir sair desse lugar de *ser* o objeto da mãe e vai ter a possibilidade de ser outra coisa, saindo do lugar de assujeitamento, que *ser* o falo lhe colocara.

O terceiro tempo é marcado pela possibilidade de saída do complexo de Édipo. Nessa etapa o pai, enquanto lei e detentor do falo, se concretiza para a criança, dando provas de que o possui, acabando com todas as expectativas da criança de ser o falo, inserindo-a da angustia de castração. Aqui o pai se coloca como aquele que tem o falo e ele pode dar a mãe o que ela deseja. “O pai pode dar a mãe o que ela deseja, e pode dar porque o possui” (LACAN, 1958. p. 200). Com a intervenção do pai, causando a privação fálica e a sua posição instaurada pela metáfora paterna, pode ocorrer a evolução do Édipo até a sua fase de declínio.

Lacan traz a noção de metáfora paterna para explicar o funcionamento do Complexo de Édipo, colocando o pai, ou o “Nome-do-pai” (mais tarde vai considerar os Nomes-do-pai) como ponto fundamental na lógica da castração. Na tríade que constitui o Édipo, esse pai estaria inscrito como essa metáfora, sendo um artifício simbólico para o atravessamento da criança no Édipo.

O que é o pai? Não digo na família, porque, na família, ele é tudo o que quiser, é uma sombra, é um banqueiros, é tudo o que tem de ser, ele o é ou não é, o que as vezes tem toda a importância, mas também pode não ter nenhuma. A questão toda é saber o que é no complexo de Édipo. (...) o pai aí não é o objeto real, mesmo que tenha de intervir como objeto real para dar corpo a castração. (...) Ele tampouco é unicamente um objeto ideal. (...) O pai é uma metáfora. Uma metáfora é um significante que surge no lugar de outro significante. (...) O pai é o significante que substitui um outro significante. A função do pai no complexo de Édipo é ser um

significante que substitui o primeiro significante introduzido na simbolização, o significante materno. (LACAN, [1959] p. 180)

É só através da substituição de significante materno pela metáfora paterna que é possível a saída da criança desse lugar de “ser” o falo da mãe. A saída desse lugar vai possibilitar que se encontre um novo objeto e se tornar um sujeito desejante, saindo desse de alienação ao objeto materno. O complexo de Édipo, constituído em tempos lógicos, vai proporcionar uma saída para além do falo, envolvendo as questões do feminino também para além dele. Ao dizer que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Lacan estabelece a relação do inconsciente com a ordem de significante (ordem simbólica⁹), no que se daria a constituição de sujeito, inserido numa cultura.

Logo, o declínio do complexo de Édipo no menino está pautado nessa mensagem recebida pelo pai, de quem tem o falo e pode dá-lo à mãe, “um ato de doação”, segundo Lacan (1958), “permissivo e doador no nível da mãe” (p. 213). Assim, o menino, “por intermédio do dom ou da permissão concedidos à mãe, ele afinal consegue isto: que ele seja permitido ter um pênis mais tarde”. Esta seria a possibilidade de saída do Édipo, carregando uma espécie de “título de posse no bolso”, o qual seria usado mais tarde.

Para a menina, isso se dá de uma outra maneira. Lacan (1958) nesse texto “*Os três tempos do Édipo (I)*”, diz que o menino precisa guardar esse título de virilidade (identificação com o pai) enquanto a menina não precisa fazê-lo. “Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir busca-o, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que tem. (...) uma feminilidade verdadeira tem sempre o toque de uma dimensão de álibi.” E continua dizendo que “nas verdadeiras mulheres há sempre algo de extraviado”.

As meninas não precisam ter o título de virilidade, pois elas podem acessar o falo dirigindo-se a quem o tem. O trabalho psíquico que se exige das meninas é de estabelecer essa posição de álibi. Na definição do dicionário Aurélio (2010), álibi é um termo jurídico que consiste num “meio de defesa em que o réu prova sua presença, no momento do delito, em lugar diverso daquele onde este foi cometido” (p. 34). Essa posição de álibi coloca a mulher numa posição de réu, de acusada de um delito. (...) Parece que Lacan indica é que a mulher pode jogar mais livremente com sua sexualidade, já que ela pode oscilar mais em torno do falo, diferente do homem que, tendo imaginariamente o falo, se torna um homem estorvado, pesado. Nessa passagem, Lacan parece confirmar a ideia da mulher sendo Outra para ela

⁹ Termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização. Utilizado em 1953 no quadro de uma tópica*, o conceito de simbólico é inseparável dos de imaginário e real, formando os três uma estrutura. Assim, designa tanto a ordem (ou função simbólica) a que o sujeito está ligado quanto a própria psicanálise, na medida em que ela se fundamenta na eficácia de um tratamento que se apoia na fala. (ROUDINESCO, 1998. p.714)

mesma, pois ali onde ela se mostra, ela está alhures, extraviada. (SILVA, 2019. p. 63)

Segundo Lacan, “é na intervenção do parecer que se substitui o ter, para de um lado, protegê-lo (menino) e, de outro, mascarar sua falta (menina) no outro” (1958, p. 701), no que se pode dizer respeito ao homem e a mulher. Sobre a mulher e esse falo, Lacan nos diz que:

Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao menos tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada. (LACAN, [1958] 1998. p, 701)

Marie-Hélène Brousse (2012) pensa que a mascarada seria uma forma de falar do feminino, o “parecer ser” pelo feminino acontecendo através desse movimento da mascarada, tomando alguns elementos de outros sujeitos, com a mãe, por exemplo, para exprimir a sua própria feminilidade. “As meninas tentam seguir suas mães enquanto mulheres. Pensem no interesse que elas têm pelos pequenos objetos maternos, as joias, os saltos altos, os objetos... Objetos que tocam o corpo feminino.” (BROUSSE, 2012. p. 10 *apud* SILVA, 2019. p. 58).

Parecer ter também está ligado ao falo, uma vez que esse significante faz marca no sujeito e Lacan vai pensar como isso se articula no Complexo de Édipo, refletindo ser aí onde o sujeito dá nomes as coisas, fazendo com o que o homem assuma um tipo viril e a mulher um tipo de feminino, identificando-se com uma mulher e se reconhecendo como tal. “A virilidade e a feminização são dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo” (LACAN, [1958], p. 171)

Como já foi mencionado, o falo é um significante da falta, mostra que o sujeito é faltoso, que não pode ser inteiro, nem através da linguagem que o atravessa e não consegue dizer tudo. Falo também é representante do desejo; desejo de possuir isso, que não se tem. Segundo Lacan (1985), “o falo é objeção de consciência, feita por um dos seres sexuais, ao serviço de ser prestado ao outro”, sendo então o significante do complexo de Castração, por onde o sujeito construa a sua posição sexual.

Esse processo de sexuação se dá em três tempos: o primeiro, quando acontece o encontro com a genitália; o segundo quando é introduzido o discurso da cultura sobre o que viria a ser homem e mulher e; o terceiro quando o sujeito faz alguma coisa (possível pra ele) com sua genitália e com o discurso da cultura, subjetivando a sua sexualidade.

O que essas fórmulas apontam é que todos os sujeitos estão submetidos à castração, ou seja, que não há sujeito para quem a função fálica não funcione. No entanto, isso

só é totalmente válido para o lado masculino, pois, segundo Lacan, a mulher é não-toda submetida a ordem fálica. Assim, os sujeitos que se alinham do lado feminino têm que escolher entre duas vias: ou recusam essa falta de fundamento, posicionando-se do lado do masculino, que é a via da inveja do pênis quando evolui para o complexo de masculinidade (ideia desenvolvida por Freud); ou escolhem a outra via, introduzida por Lacan, que consiste em saída para além daquelas apontadas por Freud. É desta via que parte a constatação de que A mulher não existe, pois elas não formam um conjunto aberto, devendo ser contadas uma a uma. Assim só existe uma mulher e não A mulher. Elas não se agrupam como fazem os homens, em torno de um elemento comum. Elas se inscrevem parcialmente na norma fálica, ou seja, a mulher é não-toda submetida à função fálica. (MAIA, 2010. p. 46)

Essa posição sexual, estabelecida no processo da sexuação, pensado por Lacan, diz respeito a maneira que o sujeito se relaciona com o falo e, isso vai dizer de como esse sujeito goza e de que forma ele se posiciona nesse lugar onde lhe é impelido à responder e escolher estar em num ou noutro lugar.

O falo como semblante tem uma função que define a posição do sujeito em relação ao seu desejo, marcada pelo modo como ele se relaciona com a castração. No lado homem, todos estão submetidos à castração, já no lado mulher, não há essa universalidade. Assim, esses dois modos diferentes de lidar com a castração importam diferentes modos de gozo: o gozo fálico e o gozo feminino. Talvez seja preciso dizer que ser biologicamente homem ou mulher não significa nenhuma relação predeterminada ao gozo sexual. (SILVA, 2019. p. 66)

Assim, o falo regula o gozo¹⁰: “para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico, o sexo corporal, o sexo da mulher, embora justamente não exista a mulher, a mulher não é toda – o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo”. (LACAN, 1985. p. 15)

Daí um além do Édipo, que Lacan formalizou, precisamente, em referência à lógica. Se o inconsciente decorre da linguagem, decorre também da lógica da linguagem. Daí a formulação: o inconsciente é pura lógica. Só o puramente lógico regula o que é totalmente diverso, ou seja, o gozo vivo dos corpos. Não é de admirar, portanto, que Lacan reformule a diferença entre os sexos, ao mesmo tempo, pela oposição de duas lógicas – a do todo-fálico nos homens e do não-todo fálico nas mulheres – e de dois tipos de gozo, um fálico e outro chamado de suplementar. (SOLER, 2005. p. 17)

O gozo da mulher é não-todo no que diz respeito ao gozo fálico, não existe um único órgão que se delimita ou determina esse gozo. Os homens formam então conjunto – elemento

¹⁰ O termo gozo surgiu no século XV, para designar a ação de fazer uso de um bem com a finalidade de retirar dele as satisfações que ele supostamente proporcionava. Nesse contexto, o termo reveste-se de uma dimensão jurídica, ligada à noção de usufruto, que define o direito de gozar de um bem pertencente a terceiros. (...) Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio. O gozo, portanto, participa da perversão, teorizada por Lacan como um dos componentes estruturais do funcionamento psíquico, distinto das perversões sexuais. Posteriormente, o gozo foi repensado por Lacan no âmbito de uma teoria da identidade sexual, expressa em fórmulas da sexuação que levaram a distinguir o gozo fálico do gozo feminino (ou gozo dito suplementar).

em comum – tendo o gozo localizável, quantificado e universalizado, enquanto a mulher não fica toda submetida ao falo, o gozo é ilimitado e não está localizado e não é universalizado. Dizer que não há A mulher, ou que “A mulher não existe”, como coloca Lacan, não quer dizer que esse lugar não exista ou que a própria mulher não exista

(...) a ser lido não-todo, isto quer dizer que quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto o que define a... a o quê? – a mulher justamente, só que A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher, pois – já arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes? – por sua essência ela não é toda. (LACAN, 1985. p, 98)

Lacan vem nos dizer que mulher tem diversas formas de abordar o Falo – “não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. (...) Ela está lá à toda. Mas há algo mais.” (p.100) Esse algo mais é um gozo para além do falo, e que nada se sabe sobre isso, nem a mulher sabe sobre isso – ela experimenta-o: é necessário que se encontre maneiras de tentar dizer sobre isso, inventar se for preciso.

Pensem então no que existe nesse lugar, que permanece vazio. Freud coloca como tamponamento desse nada a concepção de um filho; ser mãe como alternativa para se ter algo para se colocar nesse nada. Miller (2010) no texto “*Mulheres e Semblantes II*” traz o questionamento de que será que a questão do feminino estaria totalmente resolvida com o torna-se mãe e pensa em outra possibilidade que estaria do lado de ser e não de ter. Ele diz “Esta consiste em não tapar o buraco, mas metabolizá-lo, dialetizá-lo sendo o próprio buraco, ou seja, fabricar um ser com o nada”, podendo acontecer através de máscaras e semblantes.

A que chamamos semblante? Ao que tem a função de velar o nada. Por isso o véu é o primeiro semblante. Como testemunham a história e a antropologia, uma preocupação constante da humanidade consiste em velar, cobrir as mulheres. De certo modo é possível dizer que as mulheres são cobertas porque A mulher não pode ser descoberta. De tal maneira, que é preciso inventá-la. Nesse sentido, chamamos de mulheres esses sujeitos que têm uma relação essencial com o nada. Trata-se de uma expressão prudente, de minha parte, porque todo sujeito, tal como Lacan o define, tem uma relação com o nada. Mas, de certo modo, esses sujeitos que são mulheres têm uma relação mais essencial, mais próxima com o nada. (MILLER, 2010. p. 2)

A tentativa, portanto, de definir o gozo feminino se torna da ordem do impossível, fomentando a ideia de enigma da mulher. Nesse sentido, a forma de sexualização ajuda a falar das maneiras diferentes de gozar do homem e da mulher, para então pensar em como se daria uma relação entre eles, com cada um ofertando o lhe é possível. O homem, com seu gozo localizável, fetichista; a mulher com seu gozo ilimitado, forma erotomaniaca, com sua

demanda de amor ilimitado endereçado a um homem (que o Outro me ame). Daí que Lacan vai dizer que a relação sexual não existe, pois não existe essa complementaridade. O que é possível é o encontro que se dá a partir do amor. O amor faz suplência à relação sexual.

Do lado masculino, o objeto eleito toma a forma de fetiche pequeno a, ou seja, de um objeto invariável, que tem o caráter da unidade e da uniformidade. Esse objeto se faz reconhecer pelo fato que ele apresenta traços uniformes, respondendo sempre a uma mesma condição. (...) O objeto fetiche é um objeto que não fala, é um objeto objetificado, coerente com a exigência de gozo que admite que a fala permaneça fora do jogo. (...) O gozo masculino pode ser sustentado no silêncio. (...) Lacan localiza a erotomania do lado feminino, onde há a exigência de que um objeto seja o outro que fale. O modo de gozar feminino exige que seu parceiro fale e que a ame. Para a mulher, o amor é tecido no gozo e, para que ela goze, é preciso que seu parceiro lhe fale. (MAIA, 2010. p, 50-51)

Assim, quando a mulher encontra um homem, ela lhe pede que ele responda a sua demanda de amor, encontrando no amor uma possibilidade. Ana Suy Sesarino Kuss (2015) pensando sobre o amor na Psicanálise diz que “o amor busca o Outro e não o encontra, pois o outro não existe”, caracterizado pela falta, o sujeito tenta preenche-la a todo custo e, nesse caso, o amor nega essa falta, velando-a.

O amor busca transformar a instável relação objetal em uma relação estável. Aí o objeto amoroso torna-se, de dispensável e substituível, para insubstituível e indispensável. Enquanto no objeto amoroso em si, nada se altera, no amante, há uma supervalorização do objeto. (...) Se para Lacan amar é essencialmente querer ser amado, isso significa que não bastando o amante idealizar o amado e torna-lo essencial, ele quer também reciprocidade aí, ou seja, quer também ser idealizado e transformado em insubstituível. (KUSS, 2015. p, 86)

Lacan (1972) faz um jogo de palavras com amar e alma *aimer* (amar) e *âme* (alma): juntando essas duas palavras ficaria *almar* indicando que o amor para a mulher segue um outro nível, até sua alma, seu íntimo. “Mas o que acontece é que as mulheres também são almorosas, quer dizer que elas almam a alma. O que será que pode ser essa alma que elas almam em seu parceiro, no entanto, homo até o pescoço, do que elas não sairão?”. Logo, não é fácil para um homem estar nesse lugar para a mulher que pede resposta para a sua questão da falta. Mas algo também o sustenta nessa relação, alguma coisa que ele também quer. O fetiche estaria nesse lugar. Freud falava sobre um brilho no nariz, relatado por um paciente. Um objeto, do outro, externo a ele, que talvez não tenha explicação, mas que suportaria o desejo do homem.

Essa possível parceria entre um homem e uma mulher, para servir a relação sexual é possível através do que Miller (1998) vai chamar de parceiro-sintoma como sendo uma maneira de gozar do corpo do Outro – quando há uma identificação com o sintoma do Outro,

fazendo parceria no diz respeito ao gozo, sendo sempre uma relação sintomática, fetichismo e erotomania. Quando essa mascarada (na tentativa de esconder a falta) da relação que funciona com a parceria amorosa não se sustenta mais, no lado da mulher se dá a devastação.

O sintoma tem qualquer coisa de localizável, algo de elementar, algo que tem a estrutura do lado masculino, e é por isso, aliás, que podemos fazer sintomatologias, porque os sintomas, podemos identifica-los, podemos cingi-los, podemos reduzi-los a um, podemos conta-los, classifica-los, podemos fazer um quadro dos sintomas, enquanto que o sintoma do lado feminino, é marcado pelo infinito da estrutura do Não-todo. E é por isso que, deste lado, ele toma a forma da devastação. O que é ser devastado? Poderíamos dizer, é ser devastado. Falamos de devastação quando há uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher, para o melhor e para o pior. (MILLER, 1998, p. 115)

A devastação¹¹, esse deslumbramento ou arrebatamento, acontece quando essa demanda de amor direcionada ao Outro não é mais atendida e retorna para a mulher. Como resposta a esse novo esvaziamento, a devastação incide, revelando a outra face do amor, a que não pode ser simbolizada, nem se diz algo sobre. Nas palavras de Dupin (2014), a devastação ocorre quando “há uma demanda de amor ilimitada, que retorna para o falasser feminino, deixando de lado o desejo, pois o sujeito nada quer saber sobre sua falta.”

Lacan (1972; 1975-1976) faz alusão ao termo devastação em dois momentos distintos, quando se refere à ligação mãe-filha, em *O Aturdido*, e já no final de seu ensino, ligando-o à relação entre um homem e uma mulher. Nessa passagem do seminário 23, Lacan (1975-1976) articula o sinthoma à não equivalência entre os sexos, e é justamente por essa diferença que há relação, enquanto que a não relação se estrutura a partir de uma suposta equivalência entre os sexos. Para haver relação é preciso que haja o sinthoma para suportar o Outro sexo, que marca a alteridade. (DUPIN, 2014, p. 112)

O falasser, que corresponde ao conceito de modo de gozo associado ao corpo nos sujeitos, traz essa marca do gozo que não pode ser saciado e não cansa de buscar por isso. A devastação, então, só de daria do lado do não-todo, ou seja, para a mulher, uma vez que ela pede que o Outro, responda a sua falta. “É essa direção que um homem pode ser uma

¹¹ *Devastação* é a tradução do termo francês *ravage*, que segundo o dicionário *Larousse*, significa arrasar, fazer estragos. Em português tem o mesmo sentido, sendo significado no *Aurélio* por destruição vandálica, ruína proveniente de grande desgraça e assolação. O termo é derivado do verbo francês *ravir*, que significa encantar ou arrancar algo, que é traduzido para o português como arrebatado. *Arrebatado* também possui o sentido de raptar ou transportar-se em êxtase místico, religioso. *Deslumbramento*, em francês *ravissement*, significa perturbar o entendimento de algo, causar assombro, maravilhar, fascinar, seduzir, e no sentido figurado: obcecção e cegueira. Para Miller (2003), todos esses significados estão implicados na *devastação* e no *deslumbramento*, pois o sujeito experimenta versões do gozo. (SILVA, 2008, p. 27)

devastação para uma mulher, quando ele não consegue suprir essa falta do modo de amar erotomaniaco.” (SILVA, 2019, p. 184)

É importante perceber o quanto a questão da falta do falo é atravessada no corpo, embora não seja uma questão meramente biológica, como já vimos. Freud falou sobre a inveja do pênis (*penisneid*), na menina, como a entrada no Complexo de Castração e só depois a passagem pelo Complexo de Édipo. Dupin (2015) traz na sua tese o pensamento de Drumond acerca do *penisneid* como aquilo que diz do “impossível para uma mulher suportar, pois se trata de uma fixação infantil precoce em que há um gozo implicado, que corresponde à decepção, àquilo que se repete e que está para além do princípio do prazer”. Disso teria como consequência uma catástrofe, onde a menina culpabiliza a mãe pela sua falta. Lacan vai denominar essa catástrofe como a devastação.

Lacan (1972) fala que a devastação está primeiro na relação da mulher com a sua mãe – marcada pela ambivalência de amor e ódio na relação da menina com sua mãe, como foi visto na teoria do Complexo de Édipo pensando por Freud –, por esperar mais dessa relação do que da própria relação com o pai, que nada vai poder lhe dizer sobre ser mulher. Assim, é importante que a menina também encontre uma maneira de subjetivar a castração materna (a falta da mãe), entendendo que ela não vai lhe dar o que ela lhe pede porque também não o tem.

Por isso é tão importante que uma mãe não se satisfaça totalmente enquanto mãe, para que algo de sua falta, de sua insatisfação enquanto mulher, possa aparecer e ela se dirija a um homem. Se a menina fica no lugar de tamponar a falta da mãe, ela não se divide pela troca fálica e a criança fica no lugar de objeto fetiche da mãe, que pode preenchê-la, ou pior, ser um objeto dejetivo, como ocorre na devastação. (DUPIN, 2015, p. 109)

Para Brousse (2004) a devastação poderia dizer de uma dificuldade de simbolização do gozo feminino. Sendo um semblante que fracassa, a devastação denuncia a ausência do significante feminino, já que não está no significante falo, sendo assim, da lógica sem limite.

Podemos enunciar os três pontos seguintes: 1) a devastação deve-se à singularidade do modo de emergência da linguagem num sujeito, fazendo portanto referência ao Outro primordial; 2) a devastação situa-se, no momento da introdução traumática do sexual, na perspectiva de uma satisfação direta da demanda pela mãe, que, embora não exclua a função fálica, não a coloca em termos de troca e portanto de perda; 3) a devastação é, em um sujeito feminino, a consequência do arrebatamento determinado pela ausência do significante da mulher, ausência vislumbrada pelo sujeito por ocasião do contato com aquilo que, em sua mãe, não se deixava reduzir ao desejo e ao significante fálico, mas derivava de uma ausência de limite. Refere-se para o sujeito feminino ao real fora do corpo do sexo, isto é, uma parte de gozo não redutível à significação fálica e mobiliza ou antes imobiliza o sujeito alternadamente

no "amoródio" da demanda absoluta e na aspiração pela imagem do insignificável. (BROUSSE, 2004. p.67)

A devastação, como esse arrebatamento, mostra que o filho não poderia ser essa “rolha” que tampone essa falta. Lacan (1972) já aponta isso dizendo que “para esse gozo que ela é, não-toda, quer dizer, que a faz alguma coisa ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse *a* que será seu filho”.

A maternidade divide a mulher, pela via do desejo, evidenciando o não-todo da posição feminina. Para ser mãe é preciso que seu desejo esteja não-todo tamponado pela criança. É necessário que algo falte, para que ela possa ocupar o lugar de objeto *a*, causa de desejo na fantasia de um homem. Por isso podemos dizer que uma mãe não diz tudo sobre o que é uma mulher, assim como uma mulher não diz tudo sobre o que é ser mãe. (DUPIN, 2015. p, 106)

Para a mulher, o filho não pode estar nesse lugar de tamponamento de uma falta, ou seja, não é possível que haja essa totalidade para encobrir a falta. Tornar-se mãe não seria a resposta para questão da falta de significante para a mulher e, colocar o filho nesse lugar seria como Lacan traz transformá-lo em rolha, como se fosse possível, com isso, construir um significante para o gozo feminino.

Devastação seria o resultado da menina que se faz desse objeto para a mãe. Se reconhecendo nesse lugar de “rolha”, a menina estaria presa ao desejo da mãe e não conseguiria escapar dessa tarefa. Sendo objeto de desejo da mãe, a menina estaria alienada nesse lugar e não se tornaria um sujeito desejante, já que estaria alojada à isso que sua mãe lhe pede. Diante desse contexto que Lacan (1972) afirma que a devastação na mulher tem todo um início na relação com a mãe.

Essa visão sobre a maternidade, na abordagem psicanalítica, rompe uma série de idealizações que povoam o imaginário coletivo. Em oposição a um lugar sagrado e pueril, a psicanálise nos mostra que uma mãe pode impedir que a criança se estruture como sujeito desejante, podendo deixá-la alienada ao seu desejo, numa posição de objeto. (MAIA, 2010. p. 57)

Não respondendo a esse lugar, com a entrada de um terceiro elemento, o pai ou a metáfora paterna, a criança poderá continuar sua busca, em outros lugares e objetos, se debruçando sobre a sua própria demanda e não mais a de um Outro, quando se dá conta que a mãe também é faltosa como ela. Na vida adulta, a mulher, continua essa busca através das relações amorosas, parcerias amorosas.

Na devastação, a demanda de amor dirigida à mãe, que se expressa mediante o real fora do simbólico, tem seu caráter potencialmente ilimitado. Portanto, mais tarde, quando a filha alcançar sua condição de mulher, vai deslocar o objeto de amor e vai

se dirigir ao seu parceiro reimprimindo a mesma exigência infinita de amor que endereçava à mãe quando criança. Por conseguinte, essa demanda infinita de amor, signo da estrutura do não-todo no feminino, vai retornar de seu parceiro sobre a mulher em forma de devastação, como antes retornava (CAMPOS, 2015 p. 204-205 *apud* SILVA, 2019. p. 180).

Segundo Drumond (2011), a mulher experimenta a devastação seja em relação ao seu corpo ou em relação as suas parcerias amorosas. Sobre as relações ela diz que o homem vem se inscrever nesse lugar de falta. Assim perder o amor desse homem seria trazer à tona “a desfalicização do corpo, uma errância, uma despersonalização ou ainda uma ameaça de autodesaparecimento.”

A autora continua dizendo que a devastação pode indicar algum problema nas relações do sujeito de possíveis trocas, como das relações amorosas ou na maternidade, por exemplo, onde o sujeito precisa estabelecer relações com o corpo. “Uma mãe deverá se separar dos objetos de seu corpo em sua relação com a filha”, caso não aconteça dessa forma, acontecerá um “deslumbramento narcísico que busca mais o amor desenfreado que o desejo”. (DRUMOND, 2011. p. 12)

Podemos então concluir que a devastação tem um lado de reivindicação fálica, ligado ao desejo da mãe, e um lado não todo fálico, um modo de gozar que se articula ao deslumbramento do corpo e que deriva da dificuldade de simbolizar o gozo feminino. Ela se origina no ponto em que a filha espera uma identificação feminina que sempre se revela impossível. Para o sujeito feminino, é sempre difícil desprender-se dos impasses do gozo, ali onde a deixou o desejo materno. (DRUMOND, 2011. p. 12)

Lacan (1973) no texto “Televisão”, que está no livro “Outros Escritos”, retoma essa ideia da relação entre um homem e uma mulher como um drama, onde esses “atores são capazes dos mais altos feitos” para dar conta dessa relação. E ele continua dizendo que basta que em algum lugar essa relação estabelecida através dessas atuações, cesse de não se escrever para que ocorra para “que se estabeleça a contingência (dá na mesma), para que se conquiste um o esboço do que deverá ser concluído para demonstrar essa relação como impossível, ou seja, para instituí-la no real”. Aqui é o lugar que se dá a devastação para a mulher, quando esse drama, essa atuação não consegue mais mascarar a falta.

A devastação de uma mulher por uma decepção amorosa ou um rompimento amoroso a atinge nesses três níveis: a dificuldade de sustentar um Semblante de existência, de encontrar uma barreira asseguradora de seu gozo, ameaçando-a da pulsão de morte, e a impossibilidade de encontrar fórmulas de tornar-se Outra para ela mesma. (ZALCBERG, 2012. p. 473)

Na clínica o discurso dessas mulheres é precioso para se perceber como se dá esse processo para cada uma. As palavras se apresentam tentando dar conta desse impossível,

tentando dar nome, ou fazer lugar. As parcerias amorosas aparecem como essa tentativa. A maternidade também surge como uma espécie de atravessamento, da ordem do impossível, uma vez que nada pode dar conta dessa falta. Ainda segundo Zalberg (2012) “as consequências clínicas vão da desorientação à angústia profunda, passando por todos os graus de extravio”. A “loucura” feminina, colocada por Lacan (1973), talvez se faça presente a partir dessa tentativa fracassada.

É por isso que uma mulher - já que de mais de uma não se pode falar - uma mulher só encontra O homem na psicose. (...) Assim, o universal do que elas desejam é a loucura: todas as mulheres são loucas, como se diz. É por isso mesmo que não são todas, isto é, não loucas-de-todo, mas antes, conciliadoras, a ponto de não haver limites para as concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma, de seus bens. (LACAN, 1973. p. 538)

Leguil (2015 *apud* SILVA, 2019) faz uma referência à Lacan e explica que dizer da loucura da mulher não é falar de uma maneira pejorativa ou misógina, mas que “elas restam fora do campo da compreensão, não sendo aprisionadas no universal”. A autora continua dizendo que pensar a loucura da mulher não tem a intenção de encontrar uma “cura”, mas de perceber como cada mulher experimenta isso e o que ela pode fazer com isso.

Essa loucura que Lacan coloca não é a loucura da psicose, mas está relacionada ao gozo da mulher que é sem limite, fora-da-lei, que tenta encontrar no amor essa barreira, ou contenção, o que pode não acontecer. Faz com que esse amor seja sem limite, que culmina na loucura da mulher, quando o insuportável da perda do amor vem à tona. Essa mulher pode ser capaz de tudo. Veremos um pouco mais desse assunto na discussão do próximo capítulo.

Como já discurremos, as obras literárias tem grande valor para os estudos da Psicanálise, uma vez que através delas se consegue pensar de maneira bem mais prática a respeito dos conceitos teóricos desenvolvidos por essa ciência. Pensando nisso e articulando com o pensamento desses teóricos estudados, vamos nos debruçar sobre a tragédia grega, *Medéia*, escrita por Eurípedes. Um verdadeiro drama, que se conclui numa tragédia, *Medéia* uma mulher e mãe, que vai contar a sua história e nos ajudar a refletir sobre esse contexto.

Foi necessário esse percurso histórico, no primeiro capítulo, e teórico em psicanálise, neste segundo, para nos ajudar na análise da nossa obra. *Medéia*, de Eurípedes, traz na sua história essa marca de mulher que transgride, afronta e ao mesmo tempo inventa um novo lugar, além daquele que lhe foi dado. Faz do seu lugar de mulher uma nova configuração e experimenta na e com a maternidade outras possibilidades que não àquelas exigidas para uma mãe.

A história dessa mulher também é atravessada por uma escolha amorosa. Ela faz uma parceria com o amor, ou com o objeto de amor, Jasão, e com seu afastamento Medéia se reconhece outra. Conheçamos então essa mulher, “a verdadeira mulher” como Lacan a reconhece. Segundo Miller (2010) Lacan usa esse termo fazendo relação com a mulher e a mãe. Daí vamos seguir nossa análise sobre as mulheres contemporâneas, a maternidade e as possibilidades que a mulher encontra nisso

3 MEDÉIA: A VERDADEIRA MULHER

*Sufrimento imenso!
Nada sofria o sofrimento que me abate!
Ó prole odiosa de uma mater mórbida,
meritória de maus votos,
pereça com o pai!
Derrua, sem arrimo, a moradia!*

Medéia (Eurípedes)

Medéia¹², escrita por Eurípedes (c. 480-406 a.C), é nome e personagem principal de um mito que tem como final uma tragédia. Escrita em versos e para ser peça teatral foi encenada em março de 421 a.C no concurso teatral das Grandes Dionísias, se classificando em terceiro e último lugar. O mito de Medéia ficou conhecido por seu final trágico e um tanto inusitado (quando mata os filhos), para a época e, atravessando eras, ainda sendo tão impactante nos dias atuais.

A tradução escolhida para análise nesse trabalho foi feita por Trajano Vieira, em decassílabos e versos livres, que buscou “recriar a linguagem poética do texto original: os efeitos sonoros e prosódicos, a especificidade lexical e sintática, e as figuras retóricas”. (CORRÊA, 2010)

Vários nomes foram dados à Medéia ao longo do tempo. Ela foi de heroína à vilã, bruxa e feiticeira à deusa, corajosa e determinada, curandeira, feiticeira, amante, assassina, louca. Medéia incorpora os traços de uma mulher que, indo contra todos os padrões já estabelecidos, para ir em busca do que deseja, não permitindo que as outras vozes falem por ela.

Olga Rinne (1988), em seu livro “*Medéia – O direito à ira e ao crime*”, coloca essa mulher como uma figura ambivalente, como um “símbolo de transição do matriarcado para o patriarcado”.

Da sua passagem, ou, mais exatamente, de seu rebaixamento de deusa de cura e da sabedoria para feiticeira poderosa, inteligente e ameaçadora, e, por fim, esposa ciumenta e infanticida, pode-se deduzir como a feminilidade e, acima de tudo, a feminilidade dotada de poder foi desvalorizada e vista como demoníaca na mesma proporção do crescimento do patriarcado. No patriarcado, Medéia era a “bárbara”, a

¹² O nome Medéia (Mideia) relaciona-se linguisticamente com o nome da deusa da sabedoria Métis (prudência) e com o nome de mulheres sábias e conhecedoras da arte de curar da mitologia grega, nomes que terminaram em *-mede*, como Polímede e Agámede. Na *Ilíade*, referindo-se a Agámede, Homero diz que ela conhecia todos os medicamentos que crescem na Terra. “Evidentemente, todos esses nomes fazem parte de *midomai*, palavra do grego antigo; na base deles, há a meditação ligada à realização do pensamento; são mulheres que sabem aconselhar a si mesmas e aos outros (Pauly)”. (RINNE, 1988. p. 140)

estrangeira, “nenhuma das nossas”, porque as características que compõe sua força – o orgulho, o espírito de resistência e o poder de decisão – só atuam ainda e, quando muito, no inconsciente de uma mulher que a sociedade patriarcal desejou e modelou. (RINNE, 1988. p. 13)

Medéia então marca um novo olhar para a mulher, que até então é colocada com uma imagem angelical, pacífica e subserviente, abrindo discussão para um novo lugar. Talvez por seu caráter tão chocante que repercute até hoje, a peça ficou conhecida muito mais do que as duas vencedoras do primeiro e segundo lugar no concurso onde Eurípedes apresentou.

A mitologia grega¹³ traz como característica marcante a possibilidade de discussão de assuntos polêmicos ou não tão aceitáveis, de uma maneira mais palatável. Através do mito, Freud apresenta aspectos e fundamentos da sua teoria que poderiam ser considerados inadmissíveis pensar ou falar. O Complexo de Édipo, por exemplo, explicado por Freud através do mito de Édipo Rei de Sófocles, que discorremos durante esse trabalho, torna possível esse argumento, ao discorrer sobre a relação entre pai, mãe e filho e suas implicações na vida psíquica dos sujeitos.

Ao trazer o mito para ilustrar sua teoria, Freud faz disso um recurso muito utilizado durante o seu percurso, criando outros mitos inclusive, que elucidam aspectos essenciais da sua teoria nos ajudando a compreendê-la um pouco mais. Lacan (1957), no seu texto “Para que serve o mito”, ao explicar como o mito se insere na teoria psicanalítica para explicar aspectos da teoria infantil ao analisar o Caso do Pequeno Hans, visto em Freud, diz que o mito apresenta um caráter de ficção, indicando certa estabilidade, mas por outro lado, apresenta um componente muito importante que é a sua relação com a verdade. “A verdade tem uma estrutura se podemos dizer, de ficção”.

O mito se apresenta, também em sua visada, com um caráter de inesgotável. Para empregar um termo antigo, digamos que ele participa de um caráter de um esquema no sentido kantiano. Ele está muito mais próximo da estrutura que de todo conteúdo, e se reencontra e se reaplica, no sentido mais natural da palavra, sobre todas as espécies de dados, com essa eficácia ambígua que o caracteriza. O mais adequado é dizer que a espécie de molde oferecido pela categoria mítica é um certo tipo de verdade na qual, por nos limitarmos ao que é nosso campo e nossa experiência, não podemos deixar de ver que se trata de uma relação com o homem – mas de que? (LACAN, [1957] 1995. p. 259)

¹³ Dá-se o nome de “mitologia” grega ao conjunto de relatos maravilhosos e lendas de todo tipo, cujos textos e monumentos figurados nos mostram que sua ocorrência se deu nos países de língua grega, entre o IX e VII séculos antes de nossa era, época a qual nos reportam os poemas homéricos, e o fim do “paganismo”, três ou quatro séculos depois de Cristo. Temos neles um imenso material, muito dificilmente definível, de origem e características bastante diferenciadas, que desempenhou e ainda desempenha – na história espiritual do mundo – um papel considerável. (GRIMAL, 1982. p. 7)

Lacan aponta que existe algo que está oculto, não está dito por nenhum significante para o sujeito, assim como no mito, que existe algo que está oculto mas que está lá para ser analisado ou interpretado, mas no mito se pôde colocar o que não seria possível trazer em palavras para o real, se decompondo e recompondo ao longo do tempo.

Nessa perspectiva, o mito pode dar voz ao inapreensível, tentando decodificar e manifestando, através da história narrada, a própria subjetividade humana. Como coloca Zafalon (2015), o mito “pode significar muitas outras coisas, e essa multiplicidade de sentidos gera uma aplicabilidade para, praticamente, todos os campos do conhecimento humano”.

Foi através dos mitos, que durante vários séculos, a história foi contada. Nas sociedades mais antigas, o mito era o meio por onde eram repassadas as leis e os modos de vida daquela época. Segundo Pierre Grimal (1982), o mito grego, assim como as lendas, tem como característica o desenvolvimento de uma epopeia, onde sua narrativa pode explicar ou apoiar crenças e ritos de uma determinada religião, ou simplesmente contar a história de uma cidade ou família.

O autor também diz que o mito se opõe ao *logos* como fantasia se opõe a razão. O *logos* tem como o objetivo convencer, “mas o mito tem por finalidade apenas a si mesmo. Acredita-se ou não nele, conforme a própria vontade, mediante a um ato de fé, caso pareça “belo” ou verossímil, ou simplesmente porque se quer acreditar” (GRIMAL, 1982).

Eliade (2011) pensa o mito como algo “vivo” na medida em que oferece modelo para o comportamento humano, dando significado e valor à sua existência. Ele continua dizendo que “compreender a estrutura e a função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas também compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos”.

Assim, compreendendo que o mito atravessa os tempos e nos permite essa apropriação para estudá-lo e analisá-lo, nos debruçamos sobre o mito de Medéia em suas nuances e potencialidades fazendo contraponto com outras mulheres que assim como Medéia se colocaram de uma maneira que não era esperado dela, sendo singular e autônoma em suas escolhas. Talvez esse mito se reatualize nos dias de hoje, nos discursos de outras mulheres, quando falam de suas maternidades ou de seus amores, atravessando suas vidas.

3.1 Que mulher é essa?

*Uma mulher apenas, ao que me consta,
uma única!*

Medéia (Eurípedes)

Medéia ficou conhecida por ser feiticeira ou por dominar a arte de curar. Também foi chamada de heroína quando ajudou Jasão a conquistar o velo de ouro (ou toção de ouro, na mitologia grega é a lã de ouro do carneiro alado Crisómalos). Descendente do sol e da lua, tem-se registro sobre o pai de Medéia – *Eeta*, filho de Hélios, o deus-Sol – mas, sobre sua mãe não há uma concordância, algumas fontes trazem *Ídia*, “aquela que sabe”, outras *Asteróideia* “a do caminho das estrelas”.

A sua pátria era a Cólquida, onde Jasão encontra o velo de ouro que estava em um bosque de carvalhos guardado por um dragão gigante. Ele havia sido enviado para buscar esse objeto pelo mundo para ser reconhecido como herói e assim reivindicar o trono do seu reino. A lenda conta que Medéia se apaixona por Jasão nesse momento – “seu coração foi tomado por muda admiração” – e oferece sua ajuda para cumprir tal feito.

Essa parte está no mito dos argonautas (*Argonáuticas* escrito por Alexandrino Apolônio de Rodes – séc. 3 a.C) e relata a viagem de Jasão para Cólquida e a viagem de Cólquida para Corinto, dessa vez com Medéia que temendo alguma reação do pai por ter ajudado Jasão, o acompanha. Nessa viagem, Medéia também assassina o irmão, que fora busca-la, sob ordem do seu pai. Jasão promete casar-se e levá-la para a Grécia, como “agradecimento” por essa ajuda e para evitar que ela voltasse para a casa do pai.

Medéia continua arquitetando planos para proteger a vida de Jasão e tornar possível a retomada do seu trono. Provoca a morte de Pélias, tio de Jasão que tinha tomado o trono e o enviado para essa missão em busca do velo de ouro que parecia impossível, convencendo as suas próprias filhas que para ter a juventude eterna teriam que esquarteja-lo e cozinha-lo. Jasão e Medéia foram expulsos de Iolco, como punição pela morte de Pélias e seguem para Corinto. Aqui se inicia o mito de Medéia, escrito por Eurípedes, com a notícia do casamento de Jasão com a filha de Creonte, rei de Corinto.

O mito conta que eles viveram bem, tiveram dois filhos, até que Jasão decide se casar com a filha de Creon. “Se há concordância entre o casal, a paz no lar é plena. O amor adoece agora, instaura-se o conflito, pois Jasão deitou-se com a filha de Creon” (EURÍPEDES, 2010. p.25). Isso já está posto no primeiro ato do mito uma espécie de monólogo (Nutriz), onde também é relatado como Medéia estava ao saber da notícia sobre Jasão.

Seu corpo carpe, inane ela se prostra,
 delonga o pranto grave assim que sabe
 o quanto fora injustiçada. O olhar
 sucumbe á terra, nada a faz erguê-lo,
 feito escarcéu marinho, feito pedra,
 discerne o vozerio amigo, exceto
 quando regira o colo ensimesmado,
 alvíssimo, em lamúrias pelo pai,
 pelo país natal, que atraíçoou
 por quem sem honra a tem agora. (EURÍPEDES, 2010. p. 25)

Aqui já se percebe o quanto a protagonista está dilacerada pela traição de Jasão e como isso afeta a sua própria experiência, e faz com que ela reflita e questione as suas atitudes e devoção para o seu amado. O mito continua entre a especulação do que Medéia poderá fazer para se vingar, já que é conhecida por seus feitos passados e as lamentações dessa mulher que acaba de ser traída por esse amor tão excessivo. “É crua em seu jeito de ser; o íntimo da mente altiva horripila. Distância!”.

É inexato dizer que o fato abate-me:
 Minha âni^{ma} se anula, se me extingue
 Cáris – o brilho de viver. Que eu morra,
 Pois o ente até então primeiro e único,
 Tornou-se me execrável: meu marido! (EURÍPEDES, 2010. p. 45)

Medéia, que dando tudo a esse homem, sem concessões de nenhuma ordem, se encontra desolada com sua dor, que nada aplaca, nem mesmo a presença dos seus filhos. “Tristeza! Infeliz de mim! Pudera morrer!”. O amor que Medéia devota a Jasão se transforma em ódio, pelo seu sofre, sua dor e traição, Miller (2010) diz que isso poderia ser chamado de um momento de depressão, nos dias atuais, quando Medéia se encontra tão vazia desse amor, que pensa em morrer, por essa dor.

Essa dor, sentida por Medéia, é provinda dessa traição e desse abandono de Jasão. O que acontece com Medéia nos faz pensar na devastação, vista pela psicanálise como esse momento de perda de sentido e da própria razão, provocado pelo desnor^{teamento} que a devastação causa. A perda desse objeto de amor pela mulher, seria a segunda forma de devastação vivida pela mulher, sendo a primeira da relação com a sua mãe, de acordo com Lacan.

A segunda fórmula da devastação de uma mulher, Lacan a propõe em relação à demanda de amor de uma mulher a um homem. Até Lacan formular em termos precisos, num de seus últimos seminários, “que a mulher é um sintoma para um homem e um homem é pior que uma aflição e um sintoma para uma mulher – é mais uma devastação”, todo um caminho havia sido percorrido por ele. Desde sua proposição de que a mulher quer ser “desejada e amada por aquilo que ela não é” e,

para tanto, se apresenta como o falo – significante do desejo – para ser causa do desejo de um homem. (ZALBERG, 2012. p. 471)

A mulher espera que o amor de homem possa lhe bastar na medida em que vela a falta que lhe estrutura. Ao perder esse amor, ou a reciprocidade dele, de uma maneira tão avassaladora e repentina como acontece com Medéia, ela se encontra com sua devastação, levando-a ao encontro do “sem limite”.

Percebemos que a devastação, tal como trazida por Lacan, pode ser interpretada como uma dificuldade estrutural própria a existência do não-todo feminino. Um homem pode, então, inscrever-se como uma devastação para uma mulher a partir do que para ela se coloca como engano do amor. Miller (2003) define a devastação como a outra face do amor, pois é um gozo que se substitui à resposta do amor. Isso não quer dizer que a mulher não possa construir um amor mais digno, onde a parceria sintomática com um homem não precise passar pela devastação. (MAIA, 2010. p. 66)

Medéia então experimenta a devastação, que seria o gozo sem limites, já que está fora de controle, em sofrimento por esse abandono. Ainda segundo Miller (2010), a devastação de uma mulher em decorrência de um rompimento amoroso abrange três condições para ela que, segundo o autor, traria outras consequências para o sujeito; são eles: “a dificuldade de sustentar um *semblante* de existência, de encontrar uma barreira asseguradora de seu gozo, ameaçando-a da pulsão de morte, e a impossibilidade de encontrar fórmulas de tornar-se Outra para ela mesma”. A mascarada não se sustenta mais.

Na devastação, há uma dificuldade do falasser feminino em consentir ser objeto causa de desejo para um homem, pois há uma demanda de amor sem fim, na qual não se deixa espaço para a falta, para que possa emergir o desejo. Como vimos, para certas mulheres, a tentativa de escrever o gozo feminino no corpo e na parceria amorosa é falha. Se, por um lado, ela opera pela reivindicação fálica, tentando bancar o homem, tal qual no fenômeno da mascarada, por outro, fica totalmente submetida ao gozo Outro. Deixando-a muitas vezes à deriva, em uma angústia sem fim, só consentindo em ser um objeto degradado, humilhado, um dejetivo. Já que na insistência de ser atendida em sua demanda, comparece não o amor, que pressupõe a falta, mas sua vertente mais real, de puro gozo. (SILVA, 2019. p. 127)

Lacan (1973) vem dizer que para a mulher não há “limites para concessões que cada uma faz a um homem: de seu corpo, de sua alma e de seus bens” (p. 538) na esperança que esse amor faça signo, para o que nela, não existe, falta. É o que acontece com Medéia que trai seu pai, sua pátria, seus desejos, seus bens e sua vida.

Nesse texto, “*Televisão*” de 1973, Lacan também coloca que *uma* mulher só pode encontrar *O* homem através da psicose. Do lado da psicose não há a significação do falo, porque há a forclusão do falo, não se dando a castração. Na mulher essa referência do falo

não existe, mas a castração se incide. Sendo não-toda fálica a mulher é não-toda louca, pois tem esse outro lado, do sem limite, que barra, que se remete a psicose.

Mas, alerta Lacan, “não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixa de estar nela de todo”. A mulher está sempre referida à função fálica embora não totalmente sob a sua regência. De forma que Lacan se refere à “loucura” feminina, mas com a ressalva de que, se as mulheres são loucas, são não todas-loucas ou não loucas de todo. (ZALCBERG, 2012. p. 473)

O amor então sendo essa maneira de fazer semblante dessa falta para a mulher, Lacan (1973) diz que “Pelo que, do amor, não é o sentido que importa, mas o signo, como em outros lugares. É justamente nisso que está todo o drama” (p.539), é a perda desse amor, signo, que podemos ver nessa tragédia protagonizada por uma mulher que experimenta esse vazio.

Medéia ao dar tudo de si, em função desse amor ao homem, quando este não lhe corresponde mais, não resta mais nada à mulher, que já deu tudo que tinha.

Traí morada e pai ao vir contigo
a Iolco, no sopé de Pélio. A azáfama
obnubilou-me a sensatez na vinda.
Matadora de Pélias cruelíssima
(servi-me de suas filhas), destruí
suas casas. Homonúculo, me pagas como?
Enganando-me ao leito ainda virgem,
depois que procriei! Aceito a hipótese
do amor por outra, quando não é pai. (EURÍPEDES, 2010. p. 67)

Por conhecer a fama de Medéia e com medo de uma vingança vinda dela, o rei Creon a expulsa do reino para que ela não faça mal a sua filha ou a ele, como todos já esperavam que ela o fizesse. “Assume o ódio e some.” (EURÍPEDES, 2010. p. 53). Atendendo a súplica de Medéia, Creon deixa que ela fique no reino apenas mais um dia, o suficiente para ela pensar em algum plano.

(...) Quando postergou
minha expulsão, Creon chegou ao cume
da estupidez: perdeu a chance única
de inviabilizar o que eu vislumbro.
Hei de fazer do pai, marido e filha
uma trinca sinistra, pois domino
imenso rol de vias morticidas,
embora ignore por onde começo:
meto fogo no ninho conjugal,
enfio-lhes a lâmina no fígado
em passos silenciosos pela câmara?
Há um senão: se me pegarem paço
adentro, maturando meu projeto,
e corça ri de mim, sem vida. A via

mais eficiente, para a qual nasci
sabendo, é captura-los com veneno.
Assim será! (EURÍPEDES, 2010. p. 58-59)

Medéia articula uma maneira para que o casamento não ocorra, pedindo a seus filhos (que não levantaria suspeitas) para dar como forma de presente na tentativa que a decisão da sua expulsão fosse repensada, um véu banhado em ouro para a filha de Creon, que estava envenenado, matando os dois, pai e filha, pois ele corre ao encontro da filha e a abraça, sendo também corroído pelo veneno colocado por Medéia.

Ao saber do pedido de expulsão de Medéia por Creon, Jasão vai ao encontro dela para oferecer certa ajuda e dizer que não iria desamparar os filhos, e desdenha do que ela fizera por ele, depois de ser lembrado pela própria Medéia do que havia feito por ele. Jasão diz que tudo que fora feito por Medéia, foi por que ela estava sob efeito do amor e nada das coisas que ela fizera por ele, ele não conseguira sem ela. Jasão diz:

Chega de autolouvor! Foi Afrodite!
És sutil, mas te irrita o fato de Eros,
por meio de seus dardos indesejáveis,
ter te forçado a me salvar a pele.
Evitarei minúcias de somenos;
não desmereço seu pequeno auxílio,
mas não comparo ao que me deste o que eu,
salvando-me, te propicie. (EURÍPEDES, 2010. p. 71)

Após essa discussão com Jasão, vendo o cuidado e importância que ele dá aos filhos, é que Medéia também pensa na possibilidade de matar seus filhos, como a única forma de atingir verdadeiramente o seu coração, já que a morte dele seria uma vingança muito “fácil”. Ela queria que Jasão sofresse mais do que qualquer outra coisa na vida. Mas não sem dor, Medéia é colocada no mito como uma boa mãe, que cuida dos filhos, e mata-los também irá lhe custar muito caro também.

Para Medéia não importava as palavras de Jasão, ou o que ele prometera, seja lhe dar abrigo, pedir clemência ao Rei ou cuidar dos filhos, por não ter mais nada ela deixa claro que pela falta desse homem, nada mais queria em seu lugar.

Nada valeu, meninos, meu empenho,
nada valeu sofrer as convulsões
doloridíssimas do parto. Sonhos
inúteis que nutri ao vislumbrar
nas crias meu amparo na velhice,
apuro em ritos funerários – ápice
do que pode sonhar quem vive! Ai!
Morreu-me o doce plano sem os dois,
resta a amargura, resta o dissabor,
sequestrados de mim os olhos rútilos,

distantes noutra forma de viver.
 Por que cravar em mim o esgar ambíguo?
 Por que sorri-me o derradeiro riso?
 O que farei? Sucumbe o coração
 ao brilho do semblante dos garotos. (EURÍPEDES, 2010. p. 119)

Essa imagem de Medéia passa a ideia de que existira ali um sofrimento por estar fazendo tal escolha. Ao contrário do que se coloca, ela não era uma mãe perversa, que sentiria prazer ao realizar tal feito. Em contrapartida, Medéia sente a dor de perder o amor e também os filhos, mesmo ao continuar com o plano, pois só assim ela seria vingada pela perda do amor de Jasão.

O mais surpreendente na tragédia é que, antes de ser deixada, Medeia ama seus filhos e comporta-se como uma excelente mãe. Quando ela se vê sem seu amor, torna-se Outra para si mesma, ultrapassa seus limites, revelando a face mais hostil do amor, o gozo feminino. Miller (1994) nos indica que ela atua com o menos, com a falta, e não com o mais-de-gozar, próprio ao gozo feminino. (SILVA, 2019. p. 115)

O mito de Medéia além de trazer essa mulher feiticeira, ardilosa e má, também traz esse outro lado dessa mulher na sua relação com a maternidade. Ao que pode pensar além da tragédia, em que ela mata os filhos, que nos parece tão horrível à uma mãe, retirando-a inclusive desse lugar, como se Medéia não pudesse amar àqueles filhos e materná-los também, assim como dedicar o seu amor a um homem. Rinne (1988) diz que “no entender da nossa cultura, uma mãe preferiria matar-se ou deixar-se matar a permitir que acontecesse algo aos próprios filhos”.

A protagonista nos ajuda a refletir na maternidade a partir da sua própria experiência, que é justamente o que faz dessa obra ter sido tão comentada durante todos esses anos e também por ainda causar tanto impacto nos leitores que se debruçam sobre o texto.

Essa maternidade que, como foi estudado no primeiro capítulo, exige da mulher uma resposta quase imediata, e nega toda a sua própria subjetividade, aparece em Medéia de uma outra forma nos ajudando a pensar desse outro lugar também. “Não se deve imitar Medéia” nos diz Miller (2010), mas a tragédia faz com que reflitamos desse lugar, que pode parecer impossível de se pensar, onde a mãe mata um filho.

O mito nos ajuda a pensar nesse “estranho” como colocado por Freud (1919), onde também há algo de familiar para nós e por isso causa tanto horror como matar um filho está nesse lugar de horror e impossível de se pensar e de se dizer que Medéia escancara.

Medéia cuida dos filhos e os ama, embora a devastação da perda do amor de Jasão a consuma. Isso fica claro no mito quando ela mesma se coloca para enterrar seus filhos, por

medo que alguém possa fazer algum mal, quando Jasão pede para enterrá-los e chorar por eles ao ela responde:

De modo algum, que eu mesma irei fazê-lo
no templo de Hera Acraia. Assim evito
que algum dos inimigos lhes profane
a tumba. Aos dois dedico festa e rito
nas passagens de Sísifo – sublimes! –,
forma de compensar o triste crime. (EURÍPEDES, 2010. p. 149)

O amor experimentado por Medéia em relação a Jasão velava esse modo gozo sem limite. Medéia também experimenta essa dualidade: ela então vive o abandono do seu amor e o sofrimento de pensar em matar os filhos. Ao dar tudo de si, nada mais tem para colocar no lugar desse vazio que se instaura pela perda do objeto amor.

No mito, ao saber da morte da noiva e dos filhos, Jasão, desesperado, vai a procura de Medéia para interrogar e reclamar as mortes, que teriam sido obra dela por estar embebida em ódio e ciúme, o que ele acha ser o motivo de Medéia fazer todas essas coisas contra ele.

Medéia: (...) fiz o que devia para atingir no íntimo.
Jasão: Também te afeta a dor que me agonia.
Medéia: Saber que sofres me alivia a agrura.
Jasão: Que horror de mãe, meninos, escolhi!
Medéia: O pai, um ser perverso, vos vitima!
Jasão: Não foi minha direita que os matou.
Medéia: Foi teu casório e húbri desmedida.
Jasão: Matar por uma cama, que pusadia!
Medéia: Para a mulher, não é uma quimera.
Jasão: Para as sensatas, é. Não tens limite. (EURÍPEDES, 2010. p. 147)

Medéia é essa mulher sem limite e Lacan apresenta Medéia como a “verdadeira mulher” no texto “*Juventude de Gide ou a letra e o desejo*”, fazendo uma citação da tragédia de Eurípedes e fazendo referência a esse “sem limite” da personagem sobre o ato de matar os filhos que ela tanto amava, assim como Madeleine queima as cartas de amor, que eram tão caras para André Gide, como um símbolo do seu amor.

O mais das vezes a mulher é temerosa
covarde para a luta e fraca para as armas;
se, todavia, vê lesados os direitos
do leito conjugal, ela se torna, então,
de todas as criaturas, as mais sanguinárias!
(EURÍPEDES apud LACAN, [1958]. p. 749)

Nesse mesmo texto Lacan (1958) também compara Gide à Jasão, pois ambos, embora conhecesse as suas mulheres, não esperavam que elas pudessem cometer tal ato contra eles. Mulheres belas e sem maldade para com eles, estariam seguros com elas,

protegidos pelo seu amor. Ele diz “Pobre Jasão, que, tendo partido para a conquista do toão dourado da felicidade, não reconhece Medeia!” (p. 773). Nem Gide e nem Jasão assumiram que a sua mulher pudera lhe causar alguma dor, tirando algo importante deles.

Miller (2010) aponta que para Lacan, “a verdadeira mulher” ou o ato de uma verdadeira mulher, seria justamente se desfazer de algo que se “tem de mais precioso para abrir no homem um buraco que não poderá ser preenchido”, tendo em vista que esse homem também tirou algo dela que era o mais precioso: a correspondência do amor.

Segundo a psicanálise, se Medéia se inscreve na função fálica através do amor de Jasão – do ter, contornando o sem limite do gozo feminino, mas não o faz totalmente e quando esse homem falta à essa função ao qual foi colocado (quando esse “ter” cai) a devastação incide sobre Medéia, escancarando para ela o insuportável do vazio.

Uma verdadeira mulher explora uma zona desconhecida, ultrapassa os limites, e se Medeia nos dá um exemplo do que há de extraviado em uma verdadeira mulher, é porque explora uma região sem marcos, mais além das fronteiras. É preciso também sublinhar que ela atua com o menos e não com o mais. No próprio cerne de uma situação em que aparece sem defesa, encontra uma espada mortal. Consegue fazer do menos sua própria arma, que tem mais força e eficácia do que todas as armas dos guerreiros. Acrescentemos que ela o faz por um homem, em estrita relação com ele. (MILLER, 2010. p. 9)

Esse ato, cometido por Medéia, segundo Lacan (1958) “é o de uma mulher, de uma verdadeira mulher em sua inteireza de mulher” (p. 772). Ou seja, quando Medéia mata os filhos, ela está sendo uma mulher inteira, em todos os sentidos, saindo ou se distanciando desse lugar de mãe que ocupava.

Agora, porém está preparada para matá-los – por isso se trata da obra de teatro mais horrível – e o faz. Mata seus próprios filhos, que são também de Jasão, o que permite dizer que o que há de mulher nela supera o que há de mãe. Não se deve imitá-la, mas ela constitui o exemplo radical do que significa ser mulher mais além do que mãe. Com esse ato, sai de sua depressão. Ela está toda nesse ato, a partir do qual todas as palavras são inúteis, saindo decididamente do registro do significante. (MILLER, 2010. p. 8)

O que sustentava a relação de Medéia e Jasão era o amor, que teve como produto os filhos. Ao matá-los, Medéia sai desse lugar de *ter* (pensando na lógica fálica) em relação à posse dos filhos, para adentrar na questão do *ser*, que não é medido por essa posição de mãe.

Assim, despojar-se de tal posse indica, desde a perspectiva da mulher, uma oposição mais ampla entre o ter e o ser, ultrapassando o par mãe x mulher. Em outras palavras, não se trataria, necessariamente, do retorno de um desejo não regulado pela maternidade, mas de um desejo não regulado pelo ter. (FAYAD, 2015. p. 190)

Logo, a maternidade, ou ter um filho, não satisfaria o desejo da mulher, como fora pensado em Freud (como vimos no capítulo anterior). Talvez por isso, o estranho que se apresenta em se falar em Medéia seja justamente esse encontro com a falta que está posta e escancarada naquela mulher, que pôde ser retratada no mito, mas que se aproxima das outras mulheres que fazem essa leitura.

Ainda sobre o ato, Silva (2019) coloca que esse movimento retira Medéia da devastação. “Se de um lado o ato é a última barreira contra a angústia, aqui temos o ato como um tratamento dado à devastação” (p. 183). Assim, através desse ato, seria possível encontrar um novo significante. Assim, novos semblantes se colocariam para tamponar esse vazio do sem limite do gozo feminino.

O ato é uma possibilidade do surgimento do feminino e ele ocorre quando deixam de operar os semblantes que o sustentavam. Após o ato, a reconstrução de um novo semblante oferece sustentação ao sujeito. Por isso ao dizer que a mulher é não-toda, não significa dizer que ela excluída da norma fálica, pois o aparecimento da forclusão d'A mulher se dá apenas num instante. (SILVA, 2019. p. 185)

No mito, Medéia faz um acordo com Egeu antes da sua vingança, pedindo que ele lhe desse abrigo em troca de fertilidade. Ela ainda diz à Jasão “Com Egeu, passo a viver na terra de Erecteu” (EURÍPEDES, 2010. p.151). Jasão permanecerá sozinho, com a dor pelas suas perdas, enquanto Medéia começa uma nova história.

Medéia desaparece levada pelo seu carro de serpentes e é ocultada aos olhos dos mortais por uma nuvem. O retorno de Medéia à “ilha dos bem-aventurados”, que as antigas tradições relatam, a volta do reino da aurora – sua origem –, onde habitam os heróis depois de sua apoteose – é igualmente como que um desaparecimento. A velha deusa retirou-se para a escuridão; o país paradisíaco do além, esfera de sua ilha, a deusa-moça, não é agora mais um mito ligado à realidade cultural ou psíquica, mas mera imaginação romântica. (RINNE, 1988. p. 84)

Na tradução escolhida para esse trabalho não traz essa partida triunfante de Medéia, mas deixa claro que ela consegue fazer uma nova jornada, a partir do acordo estabelecido com Egeu, enquanto o destino de Jasão aparece como ela própria coloca:

E tu que és ruim, terás um fim ruinoso,
ferido à testa por timão de Argo,
vendo as núpcias comigo em mesto apólogo. (EURÍPEDES, 2010. p. 151)

Medéia, enfim consegue sua vingança, ao ver Jasão sofrendo, sozinho (sem os que o amam) e parte em busca de uma nova jornada. E isso só é possível a partir do ato que cometera, que faz com ela dê uma solução para sua dor e continuar, desse ponto já resolvido.

3.2 Medéia e Mulheres de hoje.

*Deixa em paz meu coração
Que ele é um pote até aqui de mágoa
E qualquer desatenção
– faça não
Pode ser a gota d'água.*

Chico Buarque

Propusemo-nos nesse trabalho a analisar Medéia a partir de mulheres contemporâneas e de como esse traço, tão fortemente demarcado pela presença dessa mulher que traz na tragédia e se faz um mito, um traço de feminino e do ser mulher e também das suas implicações atravessando a maternidade, nos fez pensar em como isso se mistura e se converge, aproximando essa Medéia de mulheres que trazem sua dor e marcam isso de uma outra maneira.

A dualidade entre mulher e mãe, como podemos ver, historicamente, parece se impor, talvez como uma questão cultural ou até mesmo psíquica. A mulher “duela” entre esses dois lugares como se fosse preciso fazer uma escolha, não sendo possível estar nos dois lugares.

Na escuta dessas mulheres na clínica isso aparece como uma forma de angústia, na tentativa de transformar em palavras, como aconteceria na literatura, a sua luta para se escolher ou se estar nesses dois lugares ou em um deles. Luta porque muitas vezes elas dilaceram seus corpos em angustias e dores que são somatizadas, ou se recolhem nas suas depressões, na medida em que não tem um nome que faça ecoar isso.

Na literatura, podemos ver esse discurso de maneira mais livre, quando mulheres falam das suas maternidades ou da sua angústia por não ter um significante que diga da sua questão de ser mulher. Como Freud (1919) no texto “O estranho”, a literatura nos permite essa aproximação com o que é difícil de ser dito, mas que nos aproxima com o que não podemos falar, ainda.

O estranho, tal como é descrito em literatura, em histórias e criações fictícias, merece na verdade uma exposição em separado. Acima de tudo, é um ramo muito mais fértil do que o estranho na vida real, pois contém a totalidade desse último e algo mais além disso, algo que não pode ser encontrado na vida real. O contraste entre o que foi reprimido e o que foi superado pode não ser transposto para o estranho em ficção sem modificações profundas; pois o reino da fantasia depende, para seu efeito, do fato de que o seu conteúdo não se submete ao teste de realidade. O resultado algo paradoxal é que em primeiro lugar, muito daquilo que não é

estranho em ficção sê-lo-ia se acontecesse na vida real; e, em segundo lugar, que existem muito mais meios de criar efeitos estranhos na ficção, do que na vida real. O escritor imaginativo tem, entre muitas outras, a liberdade de escolher o seu mundo de representação, de modo que este possa ou coincidir com as realidades que nos são familiares, ou afastar-se delas o quanto quiser. (FREUD, 1919. p. 266)

Conhecemos esse estranho, trazido por Freud, na tragédia de Medéia, que acabamos de analisar, onde o ápice da obra, o ato de matar os filhos, é o horroroso que pelo qual o mito ficou reconhecido. Essa mulher, capaz de matar os filhos como vingança ao homem que a traiu, um ato inconcebível, mas que nos oportuniza refletir sobre diversas questões.

Na clínica é da ordem do insuportável falar da questão de uma maternidade que toca a mulher em suas mais diversas formas e que é um momento que traz tantos medos para a mulher, que atravessa o seu corpo e as suas subjetividades. Mas como falar que não quer esse filho? Como dizer de uma insegurança com relação às questões do feminino? Como falar desse momento de horror para ela enquanto se dissemina que esse é um momento tão sublime? A maternidade, então, pode ser uma devastação para uma mulher.

Se o arrebatamento é difícil de dizer, é pelo fato de que, sendo a um só tempo efeito da língua no corpo, ele escapa ao que pode ser articulado a título de linguagem. Há uma parte fora do sentido que não passa as palavras. É o que Lacan realçou como sendo próprio ao gozo feminino, aquele que se “experimenta e do qual não se sabe nada”. Foram os místicos que, fazendo um esforço para testemunhar o que elas ou eles experimentaram, permitiram lançar uma luz sobre essa zona que, para Freud, permaneceu na sombra. O que quer uma mulher? – condensava, para ele, o enigma da feminilidade, para além do desejo de filho. (SOLANO-SUÁREZ, 2018. p. 88)

“*Gota d’água*” ([1944]2018), uma peça escrita por Chico Buarque e Paulo Pontes é uma “tragédia brasileira” como os próprios autores pontuaram. Também conhecida como a Medéia moderna e brasileira, conta a história de uma mulher, que mora no subúrbio de uma cidade e sofre o drama de ter sido traída pelo homem que amava, ficando com dois filhos para criar.

Essa proximidade com a obra de Eurípedes está em toda a peça, também escrita em versos, retratando o sofrimento de Joana – mulher madura, que fora deixada por Jasão – um jovem sambista que está conquistando a fama através do samba “Gota D’água”, para se casar com Alma, filha de Creonte, dono de quase tudo naquele lugar. Joana é conhecida por não ficar calada diante das injustiças, o que acaba não agradando Creonte, que cobra um preço exorbitante aos locatários das casas. Além de relatar o sofrimento dessa mulher e dos perrengues que segue, a peça denuncia as injustiças sociais e culturais sofridas pela população no Brasil naquela época, e porque não dizer dos dias atuais.

Alguns aspectos são muito semelhantes à tragédia grega: Joana, a Medéia brasileira, também reclama esse lugar junto à Jasão, dizendo tudo que fez por ele e do quanto o ajudou e devotou seu amor. Jasão por sua vez diz que não suporta estar mais ao seu lado porque ela lhe exige demais. Joana deixa a entender que o samba que está fazendo tanto sucesso, fora inspiração dela, e que sem ela, ele não faria mais nenhum samba.

Pois bem, você
vai escutar as contas que eu vou lhe fazer:
te conheci moleque, frouxo, perna bamba,
barba rala, calça larga, bolso sem fundo
Não sabia nada de mulher nem de samba
e tinha um puta dum medo de olhar pro mundo
As marcas do homem, uma a uma, Jasão,
tu tirou todas de mim. O primeiro prato,
o primeiro aplauso, a primeira inspiração,
a primeira gravata, o primeiro sapato
de duas cores, lembra? (BUARQUE, 2018. p. 88)

Joana, assim como Medéia experimenta essa dor de ser abandonada por um homem, depois de ter feito todas as coisas que estavam ao seu alcance para fazê-lo prosperar. O sentimento que passa de amor à ódio na mesma velocidade em que é desconsiderada em sua relação, expõem essas mulheres, que agora são vistas como loucas por reclamar reciprocidade no amor.

Me responda, mestre Egeu,
o senhor alguma vez já sentiu
a clara impressão de que alguém lhe abriu
a carne e puxou os nervos para fora
de uma tal maneira que, muito embora
a cabeça inda fique atrás do rosto,
quem pensa por você é o nervo exposto?
É assim, mestre, que eu estou ferida
E só o que ainda me liga à vida
é meu ódio. E o ódio não é uma peça
que a gente encaixe num quebra-cabeça,
que aí não é mais ódio, é jogo puro
E eu sem ódio, mestre Egeu, no duro
que não consigo mais sobreviver. (BUARQUE, 2018. p. 121)

Joana, que tem dois filhos com Jasão, assim como Medéia, não pensa inicialmente em matar os filhos. Pelo contrário, ela planeja inclusive em outras maneiras de cuidar desses filhos, pedindo à seu compadre, Egeu, que cuide deles enquanto ela estiver fora, já pensando que não viveria mais naquele lugar onde Jasão iria fazer morada com sua nova esposa.

A vingança de Joana se dá na tentativa de envenenar Alma no dia do casamento com Jasão, mas o pai dela, Creonte impede que a filha abra o presente ofertado por Joana. Só depois que percebe que seu plano falhou é que Joana pensa que matar os filhos seria a única

opção de fazer Jasão sofrer. Mas, na tragédia brasileira, Joana toma o veneno com seus filhos e morrem os três, que depois tem seus corpos apresentando em pleno casamento de Jasão e Alma. Essa é a última cena da peça.

A Creonte, à filha, a Jasão e companhia
vou deixar esse presente de casamento
eu transfiro para vocês a nossa agonia
porque, meu Pai, eu compreendi que o sofrimento
de conviver com a tragédia todo dia
é pior que a morte por envenenamento (BUARQUE, 2018. p. 172)

Na tragédia brasileira, Joana, que não consegue executar sua vingança como havia planejado, repensa seu plano e, dessa vez, ela mesma se daria como parte da sua própria vingança. Poderíamos pensar que Joana não suportou a sua dor e por não conseguir sua vingança (a ato, para psicanálise) ela não consegue sair desse lugar de devastação e sucumbe à isso, escolhendo morrer para não mais experimentar essa dor.

No romance *“A filha Perdida”*, de Elena Errante, pseudônimo utilizado pela autora cuja identidade ainda não se sabe, relata a história de uma mulher que saiu de casa por um período de três anos e deixou as duas filhas com o marido para ir em busca da sua profissão. Leda, personagem principal da história, fala desse momento quando encontra uma outra mulher e sua filha, e pôde refletir sobre a sua própria maternidade, o que mostra bem essa dualidade vivida pela mulher entre ser mãe e mulher.

O corpo de uma mulher faz mil coisas diferentes, dá duro, corre, estuda, fantasia, inventa, se esgota e, enquanto isso, os seios crescem, os lábios do sexo incham, a carne pulsa com uma vida redonda que é sua, a sua vida, mas que empurra você para longe, não lhe dá atenção, embora habite sua barriga, alegre e pesada, desfrutada como um impulso voraz e, todavia, repulsiva como enxerto de um inseto venenoso em uma veia. (FERRANTE, 2016. p. 45)

A personagem lembra seu percurso e do quanto precisou abdicar para se tornar mãe. Não poderia mais trabalhar ou produzir artigos, enquanto seu marido não precisou mudar nada na sua vida, nem desistir dos seus projetos para ser pai. Leda relata que um dia decidiu viajar para continuar os estudos, deixou suas filhas com o marido e pai das crianças, para seguir rumo aos seus objetivos.

Anos antes, havia sido uma garota que se sentia perdida, isso era verdade. Todas as esperanças da juventude já me pareciam destruídas, era como se eu estivesse caindo para trás na direção da minha mãe, da minha avó, da cadeia de mulheres mudas ou zangadas da qual eu derivava. Oportunidades perdidas. As ambições ainda eram ardentes e alimentadas pelo corpo jovem, por uma fantasia que somava um projeto a outro, mas eu sentia que meu anseio criativo era castrado cada vez mais pela realidade das obrigações da universidade e pela necessidade de explorar as

oportunidades de uma possível carreira. Eu me sentia reclusa dentro da minha própria cabeça, sem possibilidade de me pôr a prova, e estava frustrada. (FERRANTE, 2016. p. 87)

Na clínica, uma mulher que levava seu filho com ansiedade para atendimento, relata que a gestação foi vivida de maneira plena, tinha escolhido e decidido ser mãe. Quando o filho nasceu, sentiu um estranhamento e um misto de sensações, o que denominou de depressão pós-parto, embora não tenha feito nenhum tratamento à época. Ao falar dos motivos desse estranhamento ao filho, ela relata que se deu conta que não poderia mais estudar e seus planos de se tornar independente financeiramente talvez não pudessem ser concluídos. Ela diz: “quando vi a reponsabilidade que seria cuidar de um filho, pensei que não poderia cuidar das minhas outras coisas”.

A dificuldade dessa mulher em falar sobre esse momento fica evidenciada quando ela diz que não se arrepende de ter tido o filho, como se fosse impossível falar sobre seus desejos antes da maternidade e precisasse se justificar por falar sobre suas dificuldades em ser mãe e de como esses desejos, tão difíceis de assumir, estariam na sua vida após a maternidade, também, porque ela, enquanto mulher, não deixará de existir.

Outro romance que traz essa temática se intitula “*Precisamos falar sobre o Kevin*”, e lá encontramos Eva, personagem que podemos evidenciar esse sentimento que atravessa as mulheres em relação a maternidade e que também traz uma história que se apresenta como um estranhamento retratando a relação de uma mãe com seu filho e que tem um final trágico. Eva, escolhe a maternidade para satisfazer seu esposo, que coloca como determinante o fato de ter um filho para estar com ela.

Por medo de perder o amor desse homem, Eva decide engravidar, mesmo sem não querer gerar um filho. Esse conflito, está para Eva, nessa primeira maternidade (porque ela decide ser mãe e tem uma outra gestação que se passa completamente diferente da primeira), e ela deixa claro que essa escolha não era dela e de como ela vai lidando com essas mudanças no seu corpo e na sua subjetividade.

Eu nunca havia desejado, de maneira tão plena e consciente, nunca ter parido nosso filho. Naquele instante, teria sido capaz de renunciar até mesmo a Célia, cuja ausência uma mulher sem filhos na casa do cinquenta não sentiria a ponto de deplorar. Desde que era garota, só havia uma coisa que eu sempre tinha desejado, além de sair de Racine, no Wisconsin: um bom homem que me amasse e que me fosse fiel. Todo o resto era secundário, um bônus, como os programas de milhagem das companhias aéreas. Eu poderia ter vivido sem filhos. Não podia viver sem você. (SHRIVER, 2007. p. 404)

As mulheres tem muita dificuldade para falar sobre essa questão, em análise. Levam meses para trazer essa angustia, embora isso perpassasse outros aspectos da sua vida. Falam do medo de morrer ao serem mães, do medo de não existirem mais para além da criança. Lidar com esse imperativo de ser mãe que ainda está posto culturalmente, se torna difícil por também de tratar de uma questão psíquica para a mulher, como vimos ao longo do capítulo anterior.

Diante do apelo do simbólico que o “ser mãe” convoca nelas, e diante dos percalços que se impõem pelo fato de dever inventar, a cada momento, respostas às demandas do filho, algumas mulheres, não todas, se veem confrontadas de maneira passageira ou durável, com a parte do feminino que não pode ser simbolizada. (...) Nessas condições, uma mulher pode se sentir aspirada por um sofrimento tão indizível e enigmático, inclusive para ela mesma. Não seria extremado sustentar que se trata numa configuração na qual a figura de Medéia é suscetível a fazer irrupção, desalojando a parte do sublime do ideal materno, impondo a felicidade de um voto de morte no lugar das expectativas de um amor decepcionado. A mãe e o amor se juntam à morte. (SOLANO-SUÁREZ, 2018. p. 90)

Anaële Lebovits-Quenehen, no artigo intitulado “*Mães no divã*” (2018), inicia sua escrita lançando a pergunta: “a maternidade seria uma via para ser mulher?”. A autora coloca que ao ouvir os sujeitos que trazem suas mães, ou das mães que estão no seu processo de análise, ali, além de mãe, está uma mulher. A mãe poderia colocar no filho a missão de ser um “tampão de um excesso de vida que implica uma falta de saber fazer com e, nessa lógica, deixa uma mulher insatisfeita”.

A insatisfação de uma mãe como mulher deve ser referida a seu gozo que a faz mulher. Portanto, tampão de uma insatisfação. Eis aqui em qual lugar sintomático um filho pode vir. Fazer de uma mulher uma mãe permite a um homem, se for o caso, não ter de se encarregar sozinho e por muito tempo, daquilo que, da feminilidade de sua mulher, o confronta com seu próprio desejo, com o que isso supõe a castração. (LEBOVITS-QUENEHEN, 2018. p. 198)

Um homem, ou o amor de um homem é uma devastação para uma mulher, como vimos, em Lacan, quando ela o coloca nesse lugar tamponamento nessa falta. Nessa lógica, nem um filho nem o amor de um homem seriam a solução para responder a essa questão para uma mulher.

A leitura dessa autora sobre Medéia é que o infanticídio, ato praticado para causar dor em Jasão por ter traído e trocado seu amor por outra, seria na verdade a possibilidade de Medéia voltar a encontrar a mulher que existe nela. “Pois, justamente, ser mãe não poderia constituir uma solução para o problema que sua feminilidade lhe impõe.” (LEBOVITS-QUENEHEN, 2018 p. 199)

Só a análise pessoal, de cada mulher, daria conta, não para resolver esse conflito que há entre a mãe e a mulher e a feminilidade, ou sobre o que é ser uma mulher, mas acompanharia a mulher nesse percurso, na medida em que através da sua fala, ela mesma encontrasse uma maneira de fazer certo limite ao seu gozo, ou quem sabe, dizer um pouco sobre isso. Sem fazer da maternidade ou maternagem de um filho tampão para esse lugar ou sem se devastar por um homem.

Em outras palavras, a experiência analítica torna possível que elas não busquem, especialmente em seus filhos, com o que tamponar o enigma que constitui para elas o seu gozo de mulher, mas encontrem como usá-lo diferentemente (no laço que mantêm com eles e alhures) e sem pagar o preço do sofrimento que se revela, in fine, facultativo. Na medida que a experiência analítica permite a uma mãe referir sua insatisfação ao ponto real da mulher que a habita, o princípio da devastação mortífera, experimentado por algumas mães como mulheres, pode se tornar o princípio mesmo de um ganho de vida. (LEBOVITS-QUENEHEN, 2018. p. 202-203)

Assim, a dualidade que ainda prevalece entre mãe e mulher, colocando quase como opostos não precisaria existir, tornando possível que a mulher fizesse algo para sua falta, encontrando uma maneira de não se aprisionar em nenhum lugar pré-estabelecido, sendo possível para cada uma encontrar ou inventar uma maneira de ser mulher.

Medéia, Joana, Leda e Eva, precisaram dar um contorno a essa questão através da maternidade, talvez fazendo com que elas escolhessem um dos lados, mostrando esse impossível que é dizer das suas questões. Sou mãe ou mulher? E o que isso poderia implicar? Mas elas também nos ensinam que é possível fazer desse lugar de dúvida um lugar para experimentar a feminilidade, e assim, se tornar mulher; inclusive não suportar esse lugar também é fazer algo disso. Cada uma, com sua singularidade, transformando sua realidade e sua história. Essas mulheres nos ensinam que é possível encontrar ou inventar um lugar para se experimentar e vivenciar “ser mulher”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pelo caminho trilhado na escrita dessa dissertação nos ajudou a pensar nas perspectivas histórica, cultural e psíquica, todas elas compondo trajetória da mulher e as implicações que cada uma dessas interfaces se colocou na construção do ser mulher. Nos propomos a pensar nessas implicações através da maternidade, assim como o processo do feminino se daria para a mulher à luz da Psicanálise.

É sabido que a história da mulher é marcada por muito preconceito, aprisionamento de ideias e ideais. A mulher foi colocada em lugares que não pôde escolher, foi silenciada e marcada com um selo que a deixava à margem, da sua própria vida. Por isso é importante esse percurso histórico que se dá no primeiro capítulo. Não é a toa que se falar de mulher e do feminino se torna tão difícil, como disse Beauvoir, uma história que não é contada por ela própria, mas por homens, que, de certa forma, escolheram o que era conveniente contar.

A mulher então, desde a antiguidade até os dias atuais, precisou lutar para que fosse ouvida. Freud, com a psicanálise, no seu consultório, com seu divã, faz parte desse processo histórico, quando dá a mulher um lugar de fala, quando só era possível medicar e trancar essas mulheres em sofrimento em manicômios. Dar um lugar de fala à uma mulher foi o primeiro passo para se ouvir sobre os desejos, questões, sexualidade e o feminino. Embora Freud tenha sido rechaçado pelas feministas, é importante lembrar que ele, à sua maneira, tornou viável essa escuta das mulheres enquanto o mundo ainda não queria ouvir. (Se é que podemos dizer que hoje já se quer ouvir uma mulher)

Através da Psicanálise, base teórica escolhida para esse trabalho, refletimos conceitos, discutimos a teoria, orientados pelo desejo de saber do feminino e de como os autores pensaram o tema. Para Freud, estudar o feminino era algo ainda um pouco restrito para o momento, logo ele não avançou muito sobre as questões da mulher, mas o que ele construiu tornou possível que os outros psicanalistas continuassem os estudos.

Ainda sob forte influência da anatomia, mas não se restringindo somente à ela, Freud pensou através desse viés para falar sobre a Teoria da Sexualidade e de como isso se dá nos homens e nas mulheres. Pensando no Complexo de Édipo, como parte inerente da constituição psíquica dos sujeitos, Freud vai fazer a diferença desse fenômeno no menino e na menina a partir da presença-ausência do pênis e de como cada um lida com a falta desse, instaurando o Complexo de Castração. Revela que para menina esse processo acontece de maneira diferente, já que essa já nasce marcada pela falta e precisa dar conta de uma outra maneira na travessia do Complexo de Édipo.

À menina caberia uma promessa de ter filho para saída do Complexo de Édipo e só assim, ela se constituiria como sujeito de desejo e construiria sua feminilidade. Na vida adulta poderia encontrar alguém para casar e ter um filho, onde seria colocado nesse lugar de falta. Não avançou muito nas questões do feminino e deixa isso registrado, endereçando essa pendência aos poetas ou as próprias mulheres, que se habilitem a falar sobre isso.

Lacan, psicanalista freudiano, como ele mesmo se intitulava, fala de um outro lugar sobre as questões do feminino. Segundo ele, ser homem e ser mulher não estaria restrito a ordem da natureza. A anatomia faz sim uma espécie de marca psíquica, mas não define homem e mulher. Isso se daria através da linguagem, que também faz marca no sujeito e autorizando a fazer a escolha desse lugar.

Os três tempos do Complexo de Édipo pensado por Lacan, faz referência a como os sujeitos se articulam com o falo, esse objeto perdido, que não existe nem para o homem nem para a mulher, por serem castrados, e ambos vão ter uma relação diferente com esse objeto, na travessia desses tempos. Aqui, Freud e Lacan concordam com a ideia de que para a menina o percurso é outro e um pouco mais complicado que o menino.

Lacan pensou nas formas de sexuação do homem e da mulher, a partir desse da função fálica, existindo assim dois modos de gozar, ou de se relacionar com esse objeto. O gozo fálico, para o homem, que procuraria um objeto para direcionar o seu desejo. Desse lugar também se pode pensar no homem como uma lógica universal. Com o gozo fálico, o homem, com a escolha desse objeto, no gozo fálico, localizável e tendo um objeto para dar nome a isso (fetichismo: objeto que não fala).

A mulher, estaria na lógica do não-todo, porque ela não submetida à lógica fálica, uma vez que se depara com a castração de uma outra maneira. O gozo feminino, que não está submetido ao falo, portanto, não localizável se sem limite, não é universal. Isso se dá em uma a uma. “A mulher não existe”, pois não se pode colocar a mulher em um conjunto, como acontece com os homens. Não há um significante para a mulher que fale sobre ela.

Cada mulher fala de um lugar único. Sendo não-toda ligada ao falo, a mulher estaria mais livre em sua feminilidade. A mulher se relaciona tanto com o gozo fálico quanto com a própria falta dela. Veja bem, se relaciona com o gozo fálico, mas não se submete à ele. O gozo feminino é suplementar ao gozo fálico, ou seja, está para além dele, pois existe e escapa a castração, na mulher e escapando a castração, escapa também à fala.

Assim, sendo da ordem do sem limite, o gozo feminino estaria ligado à erotomania (que o outro me ame e me fale), desse lugar de endereçar ao outro uma demanda ilimitada de amor. Amor que faria semblante a essa falta de objeto. O amor d’O homem para uma mulher

sustentaria a mascarada que encobre a inexistência d'A mulher, fazendo semblante a essa falta. O amor é uma das formas de suplência para a relação sexual, que não existe.

Quando esse semblante não sustenta mais a mascarada do não ter, sustentando pela demanda de amor, a mulher se depara com a devastação. Segundo Lacan, o encontro com o homem é sempre da ordem da devastação para a mulher, pois ele não pode corresponder totalmente ao que é pedido pra ele. Sendo assim, a devastação é o retorno da demanda ilimitada de amor endereçada ao homem que não pôde sustentar e volta para a mulher fazendo com que ela se perceba faltosa.

É o que acontece com Medéia (escrita por Eurípedes – c. 480-406 a.C), obra escolhida para análise nesse trabalho e que está descrita no terceiro capítulo. Essa mulher, que também atravessa a história, bastante questionada e estudada em diversas áreas, se apresenta como mulher e mãe e protagoniza um dos mitos mais famosos da mitologia grega, por ter se tornado uma tragédia e trazer como ápice a morte dos filhos pelas mãos da própria mãe, Medéia.

Recorremos a esse mito para falar sobre esse processo de tornar-se mulher e mãe e, de como esse processo de sexuação, gozo feminino e devastação se dariam para uma mulher. Medéia, uma mulher fora do padrão para sua época, vista por muitos como bruxa e feiticeira e por outros como heroína, se apaixona por Jasão e devota toda sua vida à ele abdicando da sua família, sua pátria e seus bens. Faz tudo que lhe pede e entrega toda a sua vida em nome desse amor e em troca lhe pede reciprocidade. Jasão deita-se com outra mulher, a filha do rei, e vai se casar com ela, o que é insuportável para Medéia. Partindo o seu coração, Jasão leva Medéia à devastação que transforma todo o seu amor em ódio, fúria e sede de vingança.

Como um *ato* de vingança, Medéia mata os dois filhos e mesmo em dor por tal atitude, reconhece como eficaz quando faz esse homem, o pai dos filhos a quem endereçava seu amor, sofrer. Esse ato cometido por Medéia faz o feminino aparecer, rompendo com o semblante que estava posto, fazendo a mulher lidar com a sua própria questão com a falta, isso acontece quando os semblantes não se sustentam mais.

Lacan vai reconhecer em Medéia a verdadeira mulher, uma vez que ela abdica do lugar de mãe, para dar lugar ao ser mulher. O feminino é esse ponto inapreensível, que não pode ser recoberto plenamente por nenhum semblante. Esse gozo feminino que escapa do gozo fálico, acontece no ato. Como vimos em Medéia, o final da tragédia, ela consegue sair “ilesa”, mas não sem dor dessa história. Como mãe, que se apresenta como uma mãe amável e que fez da sua maternagem possível, Medéia sente a dor de perder os filhos, mas faz disso

outra coisa. Encontra refúgio em outro reino enquanto Jasão padece, sozinho e chora suas dores.

O ato cometido por Medéia possibilita que ela saia daquele lugar de devastação e encontre uma saída para sua dor. A verdadeira mulher, para Lacan, é essa que se apresenta em sua “inteireza de mulher” e abre mão daquilo que mais ama. Nega esse lugar de mãe para se tornar mulher. Medéia seria então essa verdadeira mulher, se apresentando na sua inteireza, quando mata seus filhos para irromper dor em Jasão.

O que nos faz pensar nessa dualidade que é posta para mulher. Ser mãe ou ser mulher. As mulheres lidam com as implicações que esses lugares trazem para elas assim como o imperativo de estar em um desses e responder a isso. Na clínica presenciamos essa angustia causada por essa escolha e como essas mulheres estão falando sobre o seu lugar de mulher.

A literatura nos ajudou a pensar sobre essas questões, enquanto nos apresenta personagens fortes e intensas, também nos permite falar sem censura de questões mais delicadas como a passagem ao ato, que possibilitaria nova escolha de lugar para uma mulher. Como resposta, apresentamos a possibilidade de cada mulher, no uma a uma, falar desse lugar em análise e estabelecer um lugar possível para sua questão com o feminino, sem precisar necessariamente escolher um desses lugares.

As Medéias de hoje se apresentam ainda como aquela mesma mulher, às voltas com suas questões com o feminino, encontrando diversas maneiras de falar desse lugar e das suas maternidades e de como isso as atravessa, muitas vezes não muito diferente daquela Medéia de Eurípedes, mas talvez com outras oportunidades de se colarem como sujeitos. A mulher não se restringe a um filho ou a um homem. Está muito além disso e, cada uma faz desse percurso uma trajetória única, assim como é o ser mulher.

Já que Freud deixa aos poetas a missão de falar sobre a mulher e a feminilidade, peço licença à Caetano Veloso, cantor, compositor e poeta também, e tomo emprestado sua música “*Tigresa*” para finalizar, por enquanto, essa escrita de uma Medéia e umas outras mulheres, no uma a uma, que inventam seus lugares, muitas vezes a partir de quase nada ou de uma devastação, fazendo amarrações e desfazendo nós, para se (re)encontrarem.

Uma tigresa de unhas negras e íris cor de mel
 Uma mulher, uma beleza que me aconteceu
 Esfregando a pele de ouro marrom
 Do seu corpo contra o meu
 Me falou que o mal é bom e o bem cruel
 Enquanto os pelos dessa deusa tremem ao vento ateu

Ela me conta sem certeza tudo o que viveu
 Que gostava de política em 1966
 E hoje dança no Frenetic Dancin' Days
 Ela me conta que era atriz e trabalhou no Hair
 Com alguns homens foi feliz, com outros foi mulher
 Que tem muito ódio no coração
 Que tem dado muito amor
 Espalhado muito prazer e muita dor
 Mas ela ao mesmo tempo diz que tudo vai mudar
 Porque ela vai ser o que quis
 Inventando um lugar
 Onde a gente e a natureza feliz
 Vivam sempre em comunhão
 E a tigresa possa mais do que o leão
 As garras da felina me marcaram o coração
 Mas as besteiras de menina que ela disse não
 E eu corri pra o violão um lamento
 E a manhã nasceu azul
 Como é bom poder tocar um instrumento
(Tigresa. Caetano Veloso, 1977)

Não esgotamos essa pesquisa. Seria impossível, uma vez que o feminino em sua complexidade não se esgotaria com essas páginas. Mas, pelo contrário, o feminino transborda essas questões colocadas e tantas outras e nos instiga a continuar nessa investigação, dando voz às mulheres, a cada uma delas. Porque, como diz Lacan, é no uma a uma que se faz uma mulher.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Andreia de. **Femina Silenciata: A mulher na perspectiva dos clérigos medievais**. 2011.
- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. 2ª Ed. Editora Guanabara. 1986.
- BADINTER, Elisabeth. **Émilie, Émilie: a ambição feminina no século VIII**. – São Paulo: Discurso Editorial: Duna Duetto: Paz e Terra, 2003.
- BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e mãe**. – Rio de Janeiro : Record, 2011.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BADINTER, Elisabeth. **Um é outro: relações entre homens e mulheres**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. – 3. Ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. – 3, ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELLEMIN-NÖEL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo. Ed. Cultrix. 1983.
- BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. VII – Nº 2 – p. 451-478 – set/2007.
- BROUSSE, Marie-Hélène. **Uma dificuldade na análise das mulheres**. In: Ornicar? De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Revista Campo Freudiano. Nº. 1 – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BROUSSE, Marie-Hélène. **Mulheres e discursos**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2019.
- BUARQUE, Chico. **Gota d'água**. (1944). – 49ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CORRÊA, Paula da Cunha. **(Orelha de livro)** In. Medéia. C. 480-406 a.C. E664m. Ed. Bilíngue; Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Ed 34, 2010.

D'ANGELO, Hêlo. <https://revistacult.uol.com.br/home/mary-wollstonecraft-220-anos-de-morte/> publicado em 5 de setembro de 2007.

DEL PRIORE, Mary, 1952. **Conversas e histórias de mulher**. - 1. Ed. - São Paulo: Planeta, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. 2, ed. – São Paulo: editora UNESP, 2009.

DONATH. Orna. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Tradução Marina Vargas. – 1ª Edição – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DRUMOND, Cristina. **Devastação**. Revista Opção Lacaniana Online Nova Série. Ano 2. Nº 6. Novembro, 2011.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Por que Lacan?**. – 1. ed. – São Paulo: Zagodoni, 2016.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6. ed. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção Debates)

EMIDIO, Thassia Souza. **Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise**. – São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ESTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EURÍPIDES. **Medéia**. C. 480-406 a.C. E664m. Ed. Bilíngue; Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Ed 34, 2010.

FAYAD, Daphne de Castro. **Uma verdadeira mulher em sua inteireza de mulher: o feminino em Psicanálise por Medeia e Madeleine Gide**. 214f. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis-SC, 2015.

FERRANTE, Elena. **A filha perdida**. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

FREUD, Sigmund. **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess** (1950 [1892-1899]). In. Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços inéditos (1886-1889). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. I.

FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. In “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XI.

FREUD, Sigmund. **Sobre as teorias sexuais das crianças**. In “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XI.

FREUD, Sigmund. **A dissolução do Complexo de Édipo**. In. O ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. **A organização genital infantil (Uma interpolação na teoria da sexualidade)**. In. O ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos**. In. O ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XIX.

FREUD, Sigmund. **Sexualidade Feminina**. In. O futuro de uma Ilusão, o Mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI.

FREUD, Sigmund. **Conferência XXXIII Feminilidade**. In. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936). Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição Standart brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXII.

FORBES, Jorge. **A mulher e o analista fora da civilização**. In: Problemas ao feminino. Campinas: Ed. Papyrus, 1996.

FUENTES, Maria Josefina Sota. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. Belo Horizonte. Scriptum livros, 2012.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. – 24ª ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

GRIMAL, Pierre. **A Mitologia Grega**. São Paulo: Brasiliense. 1982.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Freud, criador da Psicanálise**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. - 2 ed. - Rio de Janeiro. Imago. 2008.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, desejo e Psicanálise**. Curitiba: Juruá, 2015.

LACAN, Jacques. **Para que serve o mito**. In: O Seminário, livro 4: A relação do objeto. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior**. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda**. – 2 ed. Revista. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. 1901-1981. **Televisão** 1973. In: Outros Escritos. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, Jacques. **Juventude de Gide ou a letra e o desejo** (1958). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LEBOVITS-QUENEHEN, Anaëlle. **Mães no divã**. In: In: Ser mãe: Mulheres psicanalistas falam da maternidade. – Belo Horizonte: EBP – Escola Brasileira de Psicanálise, 2018. p. 185-203.

LOPES, Manuela Nunes. **A Multiplicidade de Papéis da Mulher Contemporânea e a Maternidade tardia**. Temas em Psicologia, vol. 22, n. 4. 2014, pp. 917-928 Sociedade Brasileira de Psicologia Ribeirão Preto, Brasil.

MAIA, Myrna Agra Maracajá. **Obscenidade do abandono: a devastação feminina em Marilene Felino**. 2010. 153f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação. 2010.

MARIE, Langer. **Maternidade e sexo: estudo psicanalítico e psicossomático**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1981.

MARQUETI, Flávia Regina. **Olhos de serpente**. Revista Ártemis. V. 7, dez. 2007. p 1-12. 2007

MILLER, Jacques-Allan. **Mulheres e Semblantes II**. Revista Opção Lacaniana Online Nova série. Ano 1. N 1. Março 2010.

MILLER, Jacques-Allan. **O osso de uma análise**. Biblioteca Agente. Escola Brasileira de Psicanálise. Salvador – BA. 1998.

MOLINA, José Artur. **O que Freud sobre as mulheres**. – 2ª ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2016.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. **Ser mulher na Idade Média**. Textos de História, v. 5. nº 1. 1997. (82-91).

NASIO, Juan-David. **Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

NUNES, Silvia Alexim. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. – Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2000.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru – SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

POLI, Maria Cristina. **Feminino/Masculino: a diferença sexual em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

POLI, Maria Cristina. **O feminino, além do Édipo**. In: Sig Revista de Psicanálise. V. 4, n. 6. (Jan-Jun/2015). Porto Alegre. 2015.

RAGO, Margareth. 1948. **Do cabaré ao lar: uma utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. – 4, ed. – São Paulo: Paz e Terra. 2014.

RINNE, Olga. **Medéia: O direito à ira e ao crime**. Ed. Cultrix LTDA. São Paulo. 1988.

ROSENBAUM, Yudith. **Literatura e psicanálise: reflexões**. Revista *FronteiraZ*, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.

ROUDINESCO, Elisabeth, 1944. **Dicionário de psicanálise**. — Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, Aline Miranda da. **A devastação e o feminino**. Psyche (São Paulo), São Paulo, v.12, n.22, p.27-34, jun.2008. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000100003&lng=pt&nrm=iso.

SILVA, André Candido da. **História das mulheres na idade média: abordagens e representações na literatura hagiográfica** (Século XIII). 2014.

SILVA, André Candido da. **Sexualidade e a história da mulher na idade média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII**. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 7 n. 14 – UFGD – Dourados, jul/dez – 2013.

SILVA, Thaís Limp. **Ato e feminino: o que nos ensinam Madeleine Gide e Medeia?..** 216 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Belo Horizonte, 2019.

SOLANO-SUÁREZ, Esthela. **Maternidades Blues**. In: Ser mãe: Mulheres psicanalistas falam da maternidade. – Belo Horizonte: EBP – Escola Brasileira de Psicanálise, 2018. p. 70-91.

SOLER, Colette, 1937. **O que Lacan dizia das mulheres**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

TORRES, Tania M. L. (Org.). **Misoginia: interdição e preconceito contra a mulher na Antiguidade Clássica e na Renascença inglesa**. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2012. p. 67-83.

VELOSO, Caetano. **Tigresa**. Álbum: Bicho. Gravadora Philips. 1977.

ZAFALON, Mirian. **Medéia sob o viés zizekiano: a atualidade do mito**. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. 158f. Maringá. 2015

ZALBERG, Malvine. **A devastação: uma singularidade feminina**. Revista Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro, v. 44.2, p. 469-475, 2012.